

A N D E R S S O N P E D R O S O

SONHO AZUL

A L U T A P E L O S I N O C E N T E S



Sonho Azul
A luta pelos inocentes

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Dedicatória

Dedico este livro a Jesus Cristo, Filho de Deus. Agradeço à inspiração do Poder do Espírito Santo para realizar e concluir este romance.
Sem o Poder de Deus, eu não teria nenhuma condição de contar minhas histórias.

Muito obrigado.
Andersson Pedroso

Copyright © 2014 por Andersson Pedroso
Todos os direitos reservados

Obra registrada na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
Pedroso, Anderson Roberto da Silva, 1983 -
Sonho Azul A luta pelos inocentes/Anderson Roberto Pedroso as Silva
Ficção Brasileira

Capa e diagramação eletrônica: Marina Avila

Poemas:

Porque você me amou / Por quem você ama?

Todos os direitos reservados: Andersson Pedroso.

“Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com fatos ou pessoas reais é
mera coincidência”.

Agradecimentos:

Agradeço o apoio que recebo de meus pais Jose Roberto e Maria Helena, além de meu irmão Francis Pedroso: vocês são as bases que sempre tive e, tenho certeza, sempre terei para ser o que sou hoje.

Carlos Vilela e Maria Joana: pelos conselhos e o apoio que deram no momento especial da minha vida: o meu casamento. A estrutura que você, Maria Joana, me concedeu no início de minha vida ao lado de sua filha, não tenho palavras para agradecer. Deus lhe abençoe ao lado de seu marido Carlim!

Agradecimento à minha amada esposa Vanessa Pedroso. Com nossa união, temos hoje uma linda família: Rafael Pedroso, nosso filho, que nos dá alegria e momentos de muitas gargalhadas.

Para o leitor (a);

Estou feliz com a conquista da obra literária e poder dividir com VOCÊ o livro “Sonho Azul”.

Tenho certeza que estou contribuindo, mesmo que minimamente, na diminuição do sofrimento de inocentes que são abusados e explorados.

Espero que aprecie a história de amor entre Daniella & Luciano, e todas as aventuras que eles irão vivenciar.

Quero seus comentários, ok? Para isso, mande um e-mail para:

pedrosoandersson@gmail.com

Muito obrigado

Sumário

Marcas de uma vida

Capítulo I

Sonho pela liberdade

Capítulo II

À primeira vista

Capítulo III

Declaração de Amor

Capítulo IV

Ambição Perigosa

Capítulo V

Reviravolta

Capítulo VI

O noivado

Capítulo VII

A queda do império

Capítulo VIII

A Fuga

Capítulo IX

O perdão

Capítulo X

Redenção e Arrependimento

Prólogo

Marcas de uma vida

Cidade de Pedro Afonso, Tocantins, 18 de agosto de 2050.

“Nunca desista de seus sonhos!”

Você já deve ter ouvido muito essa frase, assim como eu. Apesar de ser tão lugar-comum, como é carregada de verdade e sentido! Talvez as grandes verdades da vida sejam justamente as mais batidas e repisadas, tendo por isso até cunho de ditado popular. No meu caso, ouvi essa frase há muitos anos, não sei onde exatamente, mas garanto-lhe: continua superatual. E quando digo “há muitos anos”, quero dizer pelo menos há meio século. Sim, não sou nenhuma mocinha; mas quando essa frase me soou aos ouvidos pela primeira vez, deveria ter, assim como você, sonhos, desejos e muito amor para compartilhar. E hoje, depois de tudo o que vivi, reafirmo categoricamente: nunca desista de seus sonhos.

Muitas vezes, ao longo da vida, nos deparamos com pessoas e circunstâncias que minam nossos sonhos mais legítimos. Mas, a despeito disso, nunca se deixe contaminar ou permita que esses se transformem em pesadelos. Por mais que você seja proibida de sonhar ou realizar seus sonhos, perdoe àqueles que se interpõem em seu caminho.

O perdão, em muitos casos, pode salvar vidas e evitar guerras. Assim como sonhar é um exercício, perdoar também o é. Exercitar o perdão significa não deixar acumular rancor no coração. Quem não perdoa fica com o ódio instalado em seu coração; aquele que não é perdoado também amarga um sofrimento atroz.

Somente eu sei o quanto a falta do perdão no momento certo faz com que carreguemos um peso desnecessário pela vida afora.

Daniella.

Capítulo I

Sonho pela liberdade

Pedro Afonso (TO), maio de 2000.

Eram duas horas de uma madrugada gelada e com ventos cortantes. Mas isso não foi suficiente para intimidar a caminhada firme e ritmada dos integrantes de um determinado grupo pelas ruas de Pedro Afonso naquele horário inusitado. Mesmo encolhidos e batendo os dentes, castigados pelo clima que lhes provocava arrepios, avançavam, como se soubessem exatamente o que fazer e para onde ir.

A cidade é cortada por dois grandes rios, o Tocantins e o Sono, que se bifurcam. Durante as férias de julho, os turistas visitam a cidade, porque nesse período as águas dos rios têm seu nível mais baixo, trazendo à tona praias de areias brancas, que constituem um verdadeiro paraíso.

Em algumas casas havia luzes acesas, apesar do horário, e pessoas nos observavam. Com certeza, os seus pensamentos voavam, criando ilusões de que estávamos chegando de uma boate da região, ou a caminho de uma. Não chegaria nem mesmo a criticá-los: afinal, vendo um grupo de jovens formado por três rapazes e duas garotas se movendo pelas ruas, altas horas da noite, o que mais poderiam imaginar?

– Daniella, eles não devem estar aqui. Com essa friagem foram todos embora – dizia César, meu irmão, sempre ao meu lado.

– Não, deve haver dois ou três, em algum lugar, mais escondidos. É neste momento que mais precisam de nós – retruquei, de maneira firme. – Por isso, não podemos desistir e ir embora. Nossa missão é esta, afinal.

A garoa chegava a molhar nossas cabeças; a pressa em terminar nosso trabalho era grande, antes que a neblina descesse e não nos permitisse mais enxergar sequer a palma das mãos.

Ao longe, percebemos em um canto da calçada restos de panos rasgados e jornais por cima do um morador de rua, que tiritava incontrolavelmente de frio. O coitado contava apenas com aqueles recursos para sua proteção.

Aproximamo-nos devagar para não assustá-lo. Passaram pela minha mente as lembranças de jovens como nós, que conseguiam agir tais brutamontes, animais impiedosos, que chegam a atear fogo em moradores de rua – seres humanos, que se transformam em flagelos e vítimas da sociedade. Carrascos e vítimas se tornaram manchetes de noticiários de tevê e paralisaram todo um país, não fazia muito tempo.

– Senhor, acorde! – Eduardo retirou os jornais por cima do rosto do morador de rua e o chamou novamente.

Assustado, ele abriu os olhos. Devia ter aproximadamente seus cinquenta anos de idade, barba cerrada, faltavam-lhe vários dentes, e os poucos que tinha estavam podres.

– Está com fome? – perguntou Oswaldo para o morador.

– Estou – respondeu com a voz trêmula, de quem fazia muito tempo que não comia.

Entregamos a ele um pote com sopa quente repleta de legumes e verduras. Embrulhadas em um papel toalha, duas maçãs e uma banana, que deixamos ao seu lado.

Pelo menos por aquela noite a fome fora saciada, mas e as outras que viriam pela frente? Como faria para se alimentar, caso não o encontrássemos de novo?

– Muito obrigado, jovens. Não tenho palavras para dizer o bem que me fizeram – disse, com os olhos marejados e o semblante menos abatido.

– Não tem do quê. O senhor sabe se há mais pessoas dormindo por essas redondezas?

Ficamos sabendo que perto da praça central tinha mais gente dormindo na rua. Indagamos por que ele não ficava junto com o restante do grupo.

– Ah, o padre não gosta que mendigos durmam na frente da igreja, e antes de amanhecer ele aparece gritando, expulsando todos do local.

A surpresa foi unânime entre nós; olhamo-nos com um pensamento comum a nos invadir a mente: “Quer dizer que, em vez de ajudar aos seus semelhantes, o

padre humilha e age com preconceito?”

Deixamos o sem-teto terminar sua alimentação e seguimos rumo à praça central, onde alimentamos no local oito pessoas que dormiam nos bancos. Com a missão encerrada por aquela noite, cada um retornou a sua casa.

* * *

No café da manhã, bem humorados, meu irmão e eu comentamos sobre o ato da noite anterior:

– Dani, cumprimos nossa cota de maneira satisfatória ontem, não acha?

Concordei com um meneio de cabeça e permaneci pensativa. No começo de nossa empreitada fora bem difícil: levantar durante as madrugadas e localizar os moradores de rua, sem saber onde encontrá-los. Somente a determinação e o idealismo de três jovens para pensar em algo semelhante: matar a fome e o frio de pessoas menos favorecidas. Aos poucos, com o entusiasmo da turma, nos acostumamos.

Era prazeroso auxiliar quem necessitava tanto de nossa ajuda. Em vez de baladas, festas e bebidas, ajudávamos quem estava morrendo de fome.

Quando começaram a surgir mendigos em Pedro Afonso, a iniciativa partiu do meu irmão. No início, eram apenas o Oswaldo, meu irmão e eu. Por último, entraram a Ana e o Eduardo para o que chamo de “A Confraria do Bem”, cujo objetivo era praticar o bem ao próximo. Quer dizer, não a qualquer próximo, mas àqueles menos favorecidos, os totalmente esquecidos pela sociedade: os mendigos e moradores de rua.

Os meninos do grupo tinham uma banda. Eles tocavam sempre escondidos, por causa de meu pai, que jamais toleraria ver seu filho tocando em uma banda.

Embora César sempre demonstrasse interesse pelos negócios, papai nunca permitiu que ele fosse à fazenda e à indústria para conhecer, na prática, tudo o que ocorria por lá. Se meu irmão não tinha acesso, imagine eu!

Para se ocupar e se distrair, ele fazia os ensaios com a banda. No meu caso, a fim de passar o tempo, todos queriam que eu aprendesse coisas de casa; assim, seria uma boa esposa para o meu futuro marido, seguindo o mesmo caminho de minha mãe. E, sinceramente, igual à minha mãe nunca desejei ser.

Coronel Jorge e minha mãe chegaram de surpresa e juntaram-se a nós, na

mesa de café da manhã.

Fiquei me perguntando se meu pai ouvira minha conversa com César. Diante de seu semblante impassível, enquanto nos dava “bom-dia” junto com minha mãe, tranquilizei-me.

A conversa, sempre rara nos encontros familiares, aconteceu dessa vez... Papai estava com uma expressão de felicidade, e o bate-papo foi tranquilo.

– Não estarei aqui na hora do almoço – papai justificava sua ausência, em função de uma reunião em que estaria envolvido.

Mamãe, como sempre, concordava. Nunca soube se ela tinha consciência de que essas reuniões de negócios eram mentiras, desculpas para suas escapulidas. Coronel Jorge conduzia-se para outra cidade com mulheres.

Provavelmente, ele tratava essas mulheres da vida melhor e com mais carinho do que mamãe, e elas deveriam receber dele o que a sua legítima esposa nunca teve. Pelo menos, desde que me conhecia como gente, nunca tive o prazer de assistir a uma cena de carinho entre os dois.

Talvez mamãe tenha se casado forçada com o Coronel Jorge e vivesse essa desgraça na vida sentimental, como parte de seu destino – em sua opinião, aceitável só pelo fato de ser mulher.

O olhar de minha mãe, mesmo negando com palavras, era de muita tristeza; toda vez que entrava nesse assunto comigo ficava danada.

– Dani, você está vendo coisas erradas; sou feliz ao lado do homem que amo. Seu pai é muito ocupado e um pouco rude, talvez, mas nunca me deixou faltar nada.

– Mas, mamãe... Só quero que perceba que você merece mais; papai não pode tratar você, assim. Aliás, toda mulher merece mais de seu homem: consideração, afeto, troca.

Para cortar logo o tema da conversa, que não a agradava nada, nada, debochava de mim:

– Ora, olha só quem fala: uma menina mal saída das fraldas. Dani, você não tem nem experiência para saber o que é ou falar sobre Amor... Está em seu primeiro relacionamento!

Calava-me diante de seus argumentos. Era verdade que nunca tinha

experimentado o Amor em sua plenitude, mas de uma coisa eu tinha certeza: aquela vida não queria para mim; com tanta brutalidade, um dia ela poderia até apanhar. Não gostava nem de pensar, eu casada com um homem que não amasse e, ainda por cima, ser agredida, espancada dentro de minha própria casa...

O sonho de mamãe era estar ao lado de meu pai em jantares elegantes de negócios, ou em eventos badalados na sociedade. Infelizmente, não era o que acontecia na prática; parecia que papai tinha vergonha de nós. Sempre com a cara fechada, saía conosco apenas quando necessário. Dessa forma, tinha facilidade em fazer seus rolos sem que soubéssemos.

Todos na cidade conheciam meu pai pelo título de Coronel Jorge, não existindo uma alma viva em Pedro Afonso que nunca ouvira falar do Coronel Jorge Ribeiro Mattos.

Também não era de surpreender: meu pai era o “Todo Poderoso”, a cidade inteira girava em torno de seus negócios, que movimentavam milhões; e o emprego de muita gente dependia do sucesso de seu empreendedorismo.

O seu império iniciou-se quando papai era apenas um jovem, proeza da qual não posso negar que sempre tive orgulho dele. Mas seu gênio era muito terrível, autoritário demais. Pelo pouco que ouvia, a sua equipe de trabalho sofria muito em suas mãos. Se com sua família era intransigente e duro, imagine com estranhos.

– Vamos passear hoje à noite? – sugeriu César, ainda na mesa do café da manhã, com o objetivo de ver toda a família em um passeio noturno de sexta-feira.

Papai olhou seco para o meu irmão e rejeitou a ideia, argumentando que chegaria tarde e cansado, não teria ânimo para passear.

Toda a minha vida passou pela cabeça. Por que ele era assim? Parecia ter vergonha mesmo de nós. Nunca passeávamos, sempre ficávamos naquela mansão, quase isolados do mundo.

- Papai, por que não passamos mais tempo juntos, como uma família normal?
- indaguei, dando força ao meu irmão.
- Parem de atazanar a cabeça do pai de vocês.

– Mas, mamãe...

– Daniella, eu já disse para não fazer cobranças, Jorge é atarefado por demais. Defender era a única coisa que mamãe sabia fazer em relação a papai.

– Bem, tenho que ir. Voltarei apenas à noite, até mais – disse Coronel Jorge para nós.

Ele se levantou e saiu sem beijar ninguém. Por que era tão seco conosco? Sonhava que um dia ele dissesse que nos amava.

Mamãe ficou passando maquinalmente geléia em uma torrada. Mal papai saiu, ela levantou-se e foi para a cozinha, deixando a mim e a César sozinhos.

César deu de ombros:

– Não ligo mais para as atitudes de papai, sabe? Mana, deixa eu te contar uma coisa.

– O quê?

– Hoje pela manhã vou à casa do Oswaldo ensaiar com a banda. Quer vir comigo assistir? – convidou, sussurrando em meu ouvido.

– Claro que vou, quando você estiver pronto me avise, que sairemos juntos – respondi.

Meu irmão retirou-se para o seu quarto e fiquei sozinha, terminando meu café da manhã e divagando. Imaginava como seria minha vida longe daquela cidade: talvez em Palmas, na capital, fosse melhor.

Um ligeiro riso nasceu em meus lábios... Às vezes, reclamamos de barriga cheia. O jardim do vizinho sempre é mais colorido do que o nosso. Se bobear, a vida do outro é uma tragédia, mas como não estamos no seu dia a dia, achamos que é um mundo colorido de alegria e prosperidade.

Para mim nem tudo estava perdido, porque eu amava a vida e o que ela me oferecia. Sempre fui bem aceita na comunidade em que vivia, embora não me sentisse propriamente feliz.

Para falar a verdade, nos últimos dois anos, não sabia mais o que era felicidade, mesmo tendo de fingir ser a mulher mais feliz do mundo. E o motivo de minha infelicidade tinha um nome: Marcos.

Meu namorado até que era legal, mas autoritário como o meu pai. Por mim,

não manteria esse relacionamento ao qual me sentia obrigada pelo meu pai. Na nossa cidade, ninguém tinha coragem para enfrentá-lo, e quem se atrevesse a fazer isso, poderia morrer. Mesmo em tempos de democracia, quem mandava aqui era papai.

Nem sei como comecei o meu namoro com o Marcos, e queria ter coragem para terminar tudo. Só sabia que não o amava, mas naquela casa, ninguém respeitava os meus sentimentos. Os desejos do coronel deviam ser sempre atendidos prontamente.

Naquela sala fria, por exemplo, todos os quadros nas paredes eram obras produzidas por artistas da nossa cidade, que presentearam meu pai.

Com 20 anos recém-completos, eu estava numa idade considerada ideal para me casar, segundo a sociedade local. Peguei-me imaginando como seria o meu futuro ao lado de um homem que não amava.

Meus pensamentos foram bruscamente interrompidos pelos empregados retirando os utensílios da mesa. Levantei-me e segui para a sala para assistir um pouco de televisão.

Ao descer do segundo andar, César terminava de arrumar a gola da camisa.

– E aí, Daniella? Vamos?

– Claro – respondi, ansiosa para me livrar de meus pensamentos; nem diante da tela de tevê conseguira espremer.

Saímos para a rua e passamos pela praça central. Nossa residência, que ficava no centro de Pedro Afonso, chegava a disputar com a igreja, em magnitude.

Meu irmão passou antes na casa de Eduardo para, juntos, chegarmos à residência de Oswaldo, o tecladista da banda, onde eram realizados os ensaios todas as manhãs.

– Ana costuma participar? – perguntei.

– Não! – respondeu Eduardo. – Quanto menos gente, melhor, para não chamar atenção.

– Mas e o som do ensaio? Quem passa na rua vai ouvir – retruquei.

– As paredes foram isoladas acusticamente. Se houver muitas pessoas no ensaio, aí sim, pode atrapalhar – argumentou. – Mas você, Daniella, pode ir, não

se preocupe – disse, sorrindo para mim.

Passei todo o período da manhã ali, sentada num canto da garagem, local escolhido para os ensaios, ouvindo a banda tocar. Meu irmão cantava bem, era bastante afinado. Estava orgulhosa de seu talento.

– Pena que vocês não realizam shows por aí!

– Daniella, a banda faz apresentações, sim, pelas cidades da região, mas tudo escondido, em escolas e faculdades. Já fizemos até em barzinhos – respondeu Oswaldo.

Ao me revelar isso, percebi meu irmão inquieto.

– A Daniella não precisava saber disso! – interrompeu.

Acalmei-o. Seu medo era desnecessário, pois não contaria para ninguém.

César explicou-me que era bom eu não saber de nada, para evitar cobranças de nossos pais.

– Que tipo de cobranças? – perguntou Eduardo, o baterista.

– Você sabe que eu canto e guarda isso para si. Imaginou quando nossos pais souberem? Eles vão ficar irritados com você, Daniella. Vão interpretar isso como uma traição, ou você não conhece as atitudes do nosso pai?

– Sim, compreendi – respondi.

Fui comunicada também que a banda estava desfalcada, necessitando urgente de um integrante para a vaga de contrabaixista.

– Por esse motivo, não fazemos apresentações há meses – disse César.

– O antigo integrante foi embora de Pedro Afonso, com destino à capital tocantinense – explicou Oswaldo.

– Sabe que, hoje de manhã, até eu pensei em como seria a minha vida longe daqui, lá na capital? – comentei. – Claro que isso foi apenas um pensamento muito vago ou até mesmo impossível de acontecer.

– Ainda bem, mana, não faça isso comigo, não!

Beijei meu irmão no rosto, afirmando que jamais o deixaria. Aproveitei que estava com sede e dirigi-me até o bebedouro, que ficava ali próximo.

– E agora, César, como vocês vão fazer? – perguntei com o copo quase cheio

de água. – Parece que precisam urgente de um novo contrabaixista, né?

– Se você souber de alguém, Daniella, nos indique – respondeu Oswaldo.

– É uma pena, não conheço nenhum – respondi.

Nisso, o telefone tocou. Oswaldo largou o par de baquetas em cima do instrumento para atender.

– O quê? Seu nome é Luciano? E quem falou dessa vaga para você? – Após alguns segundos, enquanto ouvia o que lhe falavam do outro lado da linha, fez sinal de positivo para nós.

Quando desligou, gritou:

– YES!! Deus está do nosso lado! Talvez a nossa busca tenha chegado ao fim!

Entendi que eles receberiam um rapaz para fazer o teste de contrabaixista. Ficaram todos eufóricos. Senti uma súbita vontade de ficar e acompanhar o final do ensaio e o teste, mas precisava ir, tinha um compromisso com meu namorado.

Houve insistência de César e seus amigos para que eu ficasse mais um pouquinho. Expliquei o motivo por que precisava me retirar, e eles disseram:

– Por isso mesmo você deveria ficar: o Marcos que espere!

Caí na gargalhada, mas não tinha jeito. Despedi-me de todos com um beijo no rosto e fui embora.

Ao sair da casa de Oswaldo, já de longe avistei o meu namorado sentado no banco da praça aguardando a minha chegada.

Achei que seria mais um encontro igual a todos os outros. Beijamo-nos e fiquei sentada ao seu lado. Era assim que se namorava em Pedro Afonso: em público e com recato.

Conversamos sobre um pouco de tudo. De um momento para o outro, sem nenhum tipo de aviso, Marcos retirou do bolso de sua calça uma linda caixinha vermelha que, ao abrir, exibiu um par de alianças.

Olhei para aquilo totalmente surpreendida, sem reação alguma.

– Ontem à noite conversei com o seu pai e, no final do mês, vamos ficar noivos em uma festa que será realizada na mansão – comunicou-me Marcos.

O estado de paralisia me dominou: confusa, não entendia se ele estava me

pedindo em noivado ou apenas me comunicando do noivado.

– E aí, minha linda, gostou da surpresa? Não se preocupe: seu pai e eu combinamos tudo, e no final do mês estaremos ainda mais juntinhos.

De repente, a fúria tomou conta de mim; bati na mão dele, e as alianças foram parar no chão. Ficaram rolando por um bom tempo, até pararem no meio da rua. Lamentei que os carros não tivessem passado por cima.

– O que você está pensando de mim, Marcos? – disse com a voz alterada. – Eu tenho soberania; quem tem de decidir se quer noivar ou não sou eu, e não vocês realizarem uma reunião para traçar o destino de minha vida.

A expressão de Marcos mudou, sendo substituída por um olhar totalmente diferente, raivoso. Claro, era a primeira vez que alterava a voz com ele, sendo contra as suas vontades.

- Você não tem o que dizer ou reclamar. Nós já decidimos e está acabado. Pare com essa frescura. Não dê vexame em praça pública, todos estão nos olhando, Daniella!

Sem conseguir suportar aquela pressão, as lágrimas começaram a rolar em meu rosto.

– Marcos, compreenda... Não é que eu não queira noivar com você. Mas não é o momento; está cometendo um erro. – Tentei convencê-lo de todas as formas que aquela decisão era precipitada. – Temos que nos conhecer melhor para ver se dará certo o nosso relacionamento.

Argumentar com ele era a mesma coisa que falar com a parede. Marcos levantou-se e disse friamente:

– Você não tem escolha, Daniella: aceite a realidade. Durante o noivado e o casamento nos conheceremos melhor.

Ele foi até o meio da rua, pegou as alianças, voltou até mim dizendo:

– Nunca passei tanta vergonha na vida. Você não pode rejeitar o nosso noivado, já está decidido.

Vários transeuntes em volta da praça observavam a cena, testemunhando o meu sofrimento. Pelos seus olhares de reprovação, constatava que havia aqueles que criticavam a minha atitude, sem saber como era a minha vida.

Fiquei, ali, sentada com os olhos vermelhos. Não podia aceitar aquele compromisso mais sério, pelo simples fato de que não existia amor da minha parte por ele. Aceitar o noivado seria acrescentar mais sofrimento para mim, pois a consequência natural era o casamento.

Como passaria por cima da autoridade de meu pai? Para fugir faltava-me coragem; mas quem se importava com o fato de eu estar infeliz? Sentia-me apenas um objeto nas mãos de Marcos e de papai.

Lutar por essa liberdade não tinha sentido em minha vida; aceitava sem reclamar todas as decisões, mas a ideia de noivar de uma hora para outra uma pessoa que não amava era terrível demais para mim. Queria acreditar que tudo era um pesadelo, que aquilo não estava acontecendo comigo.

Voltei para casa e conversei com minha mãe, na esperança de convencê-la a me ajudar com aquela maldita decisão de noivado.

A única frase que ouvi dela foi:

– Daniella, aceite feliz a decisão de seu pai. O Marcos é um bom rapaz, ama você e te fará feliz – argumentou, sem se preocupar com o que estava sentindo ou pensando a respeito de algo feito à minha revelia.

– Mas... Mas, mamãe, eu pensei que pelo menos você entenderia minhas razões. Eu nem conheço o Marcos direito, apesar dos dois anos de namoro! Preciso conhecê-lo melhor, você não acha, para me decidir casar com ele?

Entretanto, com medo de meu pai, ela se negou a me ajudar. Preferiu declarar apoio ao que fora acordado entre meu namorado e pai.

Não havendo escolha, abaixei a cabeça e fui para o quarto, onde passei o final da manhã até a hora do almoço.

* * *

A mesa, como sempre, farta, mas sem o calor humano de minha família.

– Daniella, minha irmã, você está pálida, sente-se bem? – perguntou César.

– Ah, César, meu mundo está desmoronando! Estou sendo coagida a ficar noiva de Marcos até o final deste mês e não encontro apoio nem na mamãe para fugir a isso... – respondi, olhando com mágoa para ela.

Como era de esperar, meu irmão revoltou-se contra a decisão:

– Se ela não quer noivar com o Marcos, ninguém poderá obrigá-la, mamãe.

– Seu pai pode sim, meu filho.

– Mas, mãe...

– Não – disse mamãe, interrompendo. – Meu marido sabe o que é melhor para os dois. Ah! Outra coisa, César, não é para encher a cabeça de seu pai com esse assunto, pois já está tudo resolvido.

Fiquei calada ouvindo o bate-boca entre os dois, debatendo sobre o meu destino. Estava sem fome, e aquela cena me tirou o mínimo de apetite que poderia ter. Levantei-me e fui para o quarto deixando-os para trás, ainda discutindo.

Tranquei a porta do quarto, sendo logo seguida por César, que insistiu para que o deixasse entrar. Nem respondia ao meu irmão. Chorava de soluçar, deitada na cama.

- Tudo bem, minha irmã. Vou deixá-la sozinha. Irei resolver esse seu problema – ouvi a voz de César do outro lado, antes de se afastar.

Não existia rumo para a minha vida, nenhuma opção, a não ser aceitar calada o destino traçado pelo meu pai e nada mais.

Em meio às lágrimas que me embaçavam a visão, olhei para as paredes de cor suave, para a penteadeira luxuosa, cuja função era apenas guardar meus perfumes e cremes importados, além das maquiagens da França, lançamentos do ano passado. Qualquer mulher sonharia em viver nesse mundo. Um closet repleto de roupas e sapatos do Brasil e do exterior prenunciava um verdadeiro paraíso à sua dona, oposto ao que estava vivendo. Entretanto, trocaria tudo isso para ser uma mulher feliz. Quem não trocaria?

A indignação, um dos meus sentimentos mais vivos, me fazia estremecer, me levando a um pensamento reincidente: até quando ficaria presa àquele muro de ilusão? Onde estava a minha liberdade, com que tanto sonhava?

Capítulo II

À primeira vista

Acordei com o som de vozes discutindo em tom alto. Ao olhar para o relógio, percebi que tinha passado toda a tarde dormindo.

As vozes eram de meu pai e meu irmão. Preocupada, desci rapidamente ao encontro deles. Ao chegar à metade da escada, ouvi César dizendo de maneira firme:

– Papai, ninguém pode obrigar uma pessoa a fazer o que não quer. E no caso de Daniella, trata-se de sua vida, de seu futuro!

– Moleque, não altere a voz comigo – retrucava meu pai com os olhos arregalados, talvez pelo susto de presenciar a coragem de César para enfrentá-lo.

– Eu quero que o senhor entenda, pai, que não se trata de...

Entrei no meio da discussão fazendo com que meu irmão interrompesse sua frase no meio:

– César, por favor, não enfrente papai.

– Mana, quero apenas ajudar você!

Surpreso, papai voltou o olhar para mim, no qual li um brilho de triunfo. Certamente, julgou que eu já me conformara com meu futuro.

– Eu sei, mas papai pode prejudicar você com algum castigo.

– Chega! – disse meu pai. – César, saia agora daqui. Quero ficar sozinho com a Daniella.

Em nenhum momento de sua vida o Coronel Jorge me chamava de filha, apenas pelo meu nome. Às vezes pensava que ele tinha algum problema de cabeça.

Quando ficamos a sós, meu pai me cobrou sobre a atitude que tivera com o Marcos no meio da praça.

– Já deveria esperar por isso! – Minha respiração ficou ofegante, as pernas

chegaram a tremer. – Ele foi correndo contar tudo para o senhor...

– Sim, e quero uma explicação agora.

Fiquei olhando-o com ar cabisbaixo, buscando palavras que não vinham à mente e menos ainda à boca. Como uma filha podia ficar assim nesse estado na frente do próprio pai? Eu não tinha confiança nele: em vez de cuidar de mim, ser um pai legal, preocupado comigo, apenas me atacava e me dirigia cobranças.

– Papai... Só quero que entenda que não é o momento certo para noivar. Não me sinto segura; estou achando tudo muito cedo, precipitado. – Acima de tudo, estava entalado em minha garganta, mas não encontrava coragem para dizer que não amava o Marcos.

– Cedo coisa nenhuma! Já está decidido e pronto. Agora, vou subir para tomar um banho. – Dizendo essas palavras de maneira categórica, virou-me as costas. Ainda nas escadas, segurando no corrimão, advertiu-me: – Peça desculpas ao Marcos por sua atitude grosseira e nunca mais volte a mencionar sobre a recusa do noivado.

Sentei-me no sofá enquanto ouvia os passos de papai se distanciando pelo longo corredor. Sem conseguir me controlar, as lágrimas jorraram com força.

– O que vou fazer? – indaguei-me, soluçando.

Uma mão forte apertou-me os ombros. Meu irmão estava atrás de mim, e tentava com aquele toque me confortar.

– Vai dar tudo certo no final, Daniella, você vai ver.

– Ah, César! Será? Olha, não estou com cabeça para nada. Hoje, não conte com minha presença no mutirão da madrugada, tá? Não vou conseguir sair para levar alimentos para os moradores de rua.

César compreendeu minha situação e apenas disse que seria uma pena, pois a banda contratara o novo contraibaxista.

– E você acredita que quando contamos de nossa missão de cuidar dos mendigos, na hora ele se prontificou em colaborar? – continuou. – Hoje vai ser sua primeira participação.

– Que bom! Uma notícia boa. Já deu para perceber que é gente boa. Qual é o nome dele?

– Luciano.

– Fico contente, mano, assim ele me substitui por essa noite – disse, enxugando as lágrimas. – Amanhã eu volto – afirmei, já com um leve sorriso.

* * *

Durante o jantar, o ambiente permaneceu frio, sem ninguém conversar com ninguém.

– Jorge, você não acha que deveríamos retirar aquela árvore da frente da mansão, que está enorme, e substituir por outra? O jardineiro disse que as raízes vão começar a destruir toda a calçada – mamãe tentava puxar algum assunto desinteressante, para quebrar o gelo. – Poderíamos substituir por uma menor, que faça menos sombra e não oculte tanto a visão da fachada da casa.

– Você é quem sabe – respondeu meu pai, dando de ombros. – Terminei o jantar. Com licença, que vou me retirar à biblioteca – ao dizer isso, jogou o guardanapo de linho sobre a mesa e virou as costas, dirigindo-se à biblioteca, que também era usada como escritório, antes que minha mãe tivesse tempo sequer de perguntar se não iria esperar a sobremesa.

Ela abaixou a cabeça, constrangida, porém continuou a jantar sem olhar para nós. No fundo, eu sabia que mamãe sofria pelas atitudes do coronel, mas lhe faltava coragem para fazer qualquer coisa; parecia que vivia em outro século, anterior à da liberação das mulheres e dos direitos civis iguais, quando essas eram totalmente submissas aos homens. Com certeza, meu pai também vivia naquela época. Ambos viviam como os casais do cafezal do interior paulista. Bem, o fato de meu pai exigir que todos o chamassem de coronel já revelava que o seu mundinho era daquela fase.

* * *

Antes de sair para a rua, já meio da madrugada, César foi pé ante pé até o meu quarto para conversarmos. Ele falava baixinho, caso contrário corria o risco de acordar nossos pais.

– O que foi? – perguntei.

– Vim ver se você está bem.

– Estou mais ou menos.

– Tem certeza que não vai hoje?

– Sim. A minha cabeça parece que vai explodir de tanta dor. Vou esperar você sair, para tomar algum comprimido lá na cozinha.

Meu irmão me beijou na testa e foi se reunir com o grupo na praça.

* * *

Logo cedo pela manhã, tive uma surpresa. Às vezes, as surpresas são boas; outras vezes, ruins. Nesse caso, foi péssima: Marcos acabava de chegar para tomar o café da manhã conosco. Aceitar ele ao meu lado foi quase insuportável.

– Muito obrigado, Coronel Jorge, pelo convite – disse ele ao se sentar à mesa, enquanto me dirigia o olhar. Esquivei-me, baixando o meu.

– Você já é de casa, meu filho – papai respondeu, olhando em seguida para César, meu irmão, coitado, que fingia nem ouvir a conversa.

– Então, Daniella, meu amor, com relação ao vexame que passei por sua causa lá na praça, vou esquecer tudo; já perdoei o seu comportamento comigo – disse-me Marcos.

Olhei para meu pai e percebi seu olhar vigilante, observando a resposta que daria a ele. Fiquei calada.

César resolveu se interpor:

– Marcos, mas é necessário realizar o noivado, assim, de supetão?

– César, o que é isso? – repreendeu papai. – Não interfira em nossos planos.

Com a pressão que senti vir de meu pai, balancei a cabeça e forcei um sorriso para agradecer ao Marcos por ter me perdoado.

Passei o café da manhã inteiro em silêncio. Era incrível a sintonia existente entre meu pai e o Marcos, como se davam bem; pareciam pai e filho, mais do que o próprio César. Este ficou apenas ouvindo a conversa de ambos, enquanto mamãe permanecia como sempre calada.

– Bem, eu já vou trabalhar – disse papai, levantando-se e, para surpresa de todos, dirigiu-se a Marcos: – e quero que você, Marcos, venha comigo para conhecer as instalações da fazenda e da indústria.

Fiquei boquiaberta, enquanto meu irmão, mais uma vez decepcionado com o papai, não se conteve:

– Meu pai, por que o senhor nunca me convidou para conhecer os negócios da

família?

– Eu sabia que você iria reclamar, mas tenho consciência do que estou fazendo. Pelas conversas que tenho travado com Marcos – ainda mais agora, que vai entrar para a família –, me identifiquei com ele, o seu modo de pensar. Sinto que ele se dará muito bem com o estilo que adotei em alguns setores da fazenda. Estilo este que não se encaixa em você, César, pelo seu jeito de ver a vida. Por isso, nem perco o meu tempo em levá-lo para conhecer profundamente os meus negócios.

Meu irmão abaixou a cabeça. Com 22 anos, continuava a ser tratado por papai como uma criança a quem não se pode delegar maiores responsabilidades. Recebi um beijo de meu namorado, e os dois foram embora. No silêncio que se seguiu, mamãe bem que tentou amenizar o clima:

– César, seja igual ao Marcos: inteligente, preparado para a vida e para os negócios.

Não foi exatamente feliz com o seu comentário, como era de se esperar. Meu irmão apenas deu uma olhada para mamãe e retirou-se da sala, dirigindo-se ao seu quarto.

– Mamãe, por que falou dessa maneira com o César? – perguntei irritada.

– Ele tem que ser conforme seu pai deseja. Isso é para o bem de seu irmão, Daniella. Se meu esposo não vê futuro em César para lhe passar a direção de tudo, tenha certeza que passará para as mãos de Marcos. Você viu, seu pai está feliz por ter encontrado em seu futuro noivo uma pessoa responsável, em quem pode confiar daqui para frente.

Fiquei pensativa. Mamãe me chamava sem parar, até que eu levei um susto.

– No que está pensando?

– No absurdo que você disse. O César é o herdeiro! – afirmei.

– Sim, mas o seu pai não é burro. Você acha que ele vai deixar tudo para o César administrar errado e quebrar todo o patrimônio que ele conquistou? Seu pai segue um determinado estilo nos negócios, que faz a empresa crescer ano após ano; já faz décadas que é assim.

– Não consigo entender que tipo de estilo tem essa administração, que César não possa aprender. Penso que é uma desculpa de papai para não envolvê-lo nos

negócios; a verdade é que ele não acredita na capacidade de meu irmão.

Mamãe fingiu que não me ouviu. Segurou a xícara e a encheu de café, enquanto com a outra mão pegava um pedaço de rosca. Saiu da sala bebendo o café, sem me dar uma explicação.

Aquilo me deixou inquieta, mas tudo estava acima da minha capacidade de interferir no rumo das coisas.

* * *

Pelo segundo dia consecutivo, decidi acompanhar o meu irmão nos ensaios da banda. Imaginei que seria mais um dia normal, em que ouviria a banda tocar, daria algumas risadas e jogaria conversa fora com seus integrantes.

Mas quando o vi, na garagem transformada em estúdio, sua presença me invadiu todos os sentidos. Pela primeira vez, fiquei totalmente paralisada, sem saber exatamente o que acontecia comigo. Meu coração disparou, acompanhado de uma falta de ar, e um frio na boca do estômago, fatos esses inéditos em minha vida. A junção de todos esses fenômenos ao mesmo tempo me deixou sem reação.

– Bom dia, sou o Luciano – ele se dirigiu a mim, sem saber o que me provocava.

Ficou me olhando, aguardando que eu esticasse o meu braço para cumprimentá-lo, mas não consegui mover um dedo; estava paralisada.

– Mana, tudo bem?

– Oi? – disse, olhando para o meu irmão.

– Bom dia, sou o Luciano – repetiu, mostrando os dentes muito brancos, num sorriso franco.

– Bom dia, sou a Daniella – respondi, recuperando o autocontrole, e estendendo a mão.

Foi o aperto de mão mais longo de minha vida; na verdade, foi muito rápido, mas na hora pareceu-me um toque definitivo, marcante. Talvez a nossa troca de olhares tenha me feito sentir que o aperto durou significativamente mais.

– Vamos ensaiar? – sugeriu Oswaldo, se aproximando.

– Sim, vamos lá. Não está faltando ninguém e temos até uma pequena plateia

de um – respondeu meu irmão, lançando-me um olhar brincalhão.

Durante o ensaio, fiquei sentada admirada observando Luciano tocar contrabaixo. Eu nem conseguia disfarçar; acredito que todos ali percebiam que meu olhar não se desviava do novo integrante, de seus cabelos muito lisos e curtos.

Luciano, por sua vez, mesmo tendo que ficar atento aos movimentos de seus dedos para tocar o instrumento musical, de vez em quando ainda desviava o olhar para mim, momento em que faíscas eram disparadas em direção um ao outro.

Na pausa para o descanso, ele se aproximou de mim e sentou-se ao meu lado:

– Já a conhecia por nome, como a filha do coronel.

– Não gosto desse título de tratamento; pode me chamar apenas pelo meu nome.

Conversamos sobre música e como funcionava um contrabaixo, embora no íntimo estivesse mais interessada nele.

– Como foi a sua estreia na noite anterior, na entrega de alimentos aos moradores de rua? – indaguei. – Bem-vindo à Confraria do Bem – brinquei, para quebrar o constrangimento que estava tomando conta de mim.

– Foi uma experiência inédita para mim, mas me emocionei muito, sabe?

Analisei em sua resposta a alegria em ajudar ao próximo, de fazer uma boa ação aos que necessitavam de ajuda. O seu olhar brilhava ao comentar os detalhes da ação bondosa; verdadeiramente, ele era um bom samaritano, concluí.

Talvez esse seu comportamento tenha me deixado mais encantada; não apenas a sua beleza e masculinidade me conquistavam, mas, principalmente, a bondade que sentia transparecer nele. Postura oposta ao que observava em meu pai e em Marcos, que em nenhum momento demonstravam qualquer benevolência em relação a terceiros, que não envolvesse seus próprios propósitos.

A identificação com Luciano foi imediata, associada a um sentimento inédito e avassalador. Naqueles dois últimos anos, desde que iniciara o meu namoro com Marcos, nunca cheguei nem de perto a nutrir por ele algo tão marcante assim; sentimento tal que, naquele momento, não fazia ideia de que iria perdurar para o resto de minha vida.

Após o término dos ensaios, Eduardo sugeriu que chamássemos Ana, a outra integrante feminina da Confraria e fôssemos à noite a alguma casa de shows para relaxar um pouco.

A sugestão foi aceita por unanimidade e eu, em particular, fiquei muito feliz pela novidade, pois fazia muito tempo que não saía para me divertir. Mas já antevia que mentir seria a única solução para que o Marcos não soubesse de nossos planos para aquela noite.

* * *

Antes de retornar para a mansão, passei na casa de Ana e conversamos um pouco. Falei da proposta de Eduardo de sairmos mais à noite até uma casa de show. Ela aceitou na hora, mas franziu a testa.

– E o Marcos vai? – perguntou.

– Não – respondi, sem jeito.

– Como assim?

– Ah, Ana, eu já estou sendo forçada a ficar noiva de Marcos, por imposição de meu pai; não sou apaixonada por ele. Pelo menos por esta noite, não quero a sua presença por perto. Quero me divertir e não me sentir travada, dominada.

À medida que eu reclamava do meu relacionamento, Ana revelava uma expressão estranha no rosto. Fiquei imaginando: “Coitada da Ana, eu a choquei, agora. E ainda a estou usando para desabafar na sua cabeça.”

– Daniella, eu penso que você tem de fazer o que manda o seu coração – respondeu por fim, abaixando os seus olhos.

– Me falta coragem, eu acho. Não estou disposta a enfrentar papai... Quer dizer, até agora...

– Por que “até agora”, Daniella? Agora, tem motivos?

A cautela era a minha principal arma, não podia imaginar algo sério com aquele rapaz que acabara de conhecer. Talvez fosse coisa da minha imaginação, pura ilusão. Poderia acontecer alguma coisa entre nós? “É bem improvável”, suspirei.

Mudei de assunto e ratifiquei com Ana o convite para o show à noite:

– Vamos passar aqui às dez da noite. Todos irão com a *van*, dirigida pelo César.

Fui embora levando comigo a dúvida se fizera bem em revelar à minha amiga tudo que estava sentindo em relação ao Marcos.

* * *

No final da tarde, Marcos e papai também retornavam à mansão, depois de terem passado o dia inteiro na indústria.

– Oi, Daniella – cumprimentou-me Marcos com um beijo mecânico em meu rosto. – Com licença, que ainda tenho alguns negócios a tratar com seu pai.

– Tudo bem, fique à vontade – respondi com enfado, mal desviando o olhar da tevê, onde passava a novela das seis.

Eles ficaram quase meia hora trancados na biblioteca, conversando provavelmente sobre o primeiro dia de meu quase noivo na indústria.

Fiquei aguardando na sala o final da conversa entre os dois, até que eles saíram rindo, chegando até a gargalhar. Com um brilho de excitação no olhar, dessa vez Marcos me beijou na testa e perguntou:

– Como foi o seu dia, querida?

– Foi ótimo – respondi de maneira sucinta.

– Que bom – foi papai quem respondeu de volta. – Fiquem aqui na sala conversando. Vou para o meu quarto tomar banho.

Reparei que papai tinha o mesmo brilho em seus olhos.

Sentei-me ao lado de Marcos, que me segurou as mãos.

– Daniella, estou muito feliz por ter passado o dia inteiro ao lado do Coronel Jorge. Descobri muitas coisas a respeito de seus negócios, o que demonstra a confiança depositada em mim. Sinto-me preparado para ajudá-lo na condução do império Ribeiro Mattos.

Suas palavras me incomodaram. Agitei-me no sofá, soltando minhas mãos das dele.

– Calma, Marcos. Essa função, na verdade, pertence ao meu irmão. É só o meu pai transpor a confiança que ele tem em você para o meu irmão...

– Seu irmão não tem condições de gerir certas ações dentro da corporação – retrucou, me cortando. – São assuntos sigilosos, de grande importância para seu

pai. Além da complexidade dos assuntos, César não iria entender e aceitar o processo. – Completou, com o ego inflado: – Apenas em mim o Coronel Jorge tem total confiança para mostrar os detalhes de sua empresa.

– Não entendo. São apenas laranjais e a produção de sucos na indústria. O que meu irmão não entenderia? – perguntei.

Marcos passou a mão em meus cabelos reafirmando que César não teria a mesma capacidade de meu pai.

– Ah! E você vai conduzir bem?

– Pensei que não. Mas ao me defrontar com toda a realidade, concluí que serei capaz.

– Que realidade?

– São assuntos que você não entenderia. Fique tranquila, que no final tudo dará certo. Vamos noivar e depois casar, aí tomarei conta para valer da missão que seu pai me destinará.

– Casar?

– Claro! Daqui a dois ou três meses, depois de nosso noivado, vamos nos casar. Será ainda neste ano. Para que ficar adiando?

– Marcos...

Como sempre, para desviar do assunto e evitar confrontos, Marcos me interrompeu dizendo que estava cansado e iria embora para descansar, pois na manhã seguinte voltaria ao batente.

– Vai trabalhar na indústria?

– Sim, mas não na indústria e, sim, no laranjal. O seu pai precisa de alguém de confiança na colheita das laranjas.

– Então, o problema é a plantação de laranjas?

– Sim.

Marcos despediu-se de mim com um beijo na boca. Aquela conversa misteriosa me deixara assustada. Qual pai não desejaria ver o próprio filho ao seu lado tocando os negócios da família? Era muito esquisito o receio de papai que César não desse conta dos negócios, mas Marcos sim. Mais do que nunca, me perturbei com a constatação de que Coronel Jorge era uma pessoa tão

misteriosa e impenetrável. Havia algo sombrio pairando no ar.

Fiquei me perguntando que tipo de entendimento tácito existiria entre Marcos e papai, que o fazia preferir meu irmão nos empreendimentos comerciais. Um calafrio me gelou a espinha, ao pensar que Marcos seria capaz de se sujeitar a qualquer coisa para conquistar uma posição melhor na vida e agradar o Coronel Jorge.

* * *

Mais tarde, naquela mesma noite. Pé ante pé, evitando fazer qualquer ruído na casa já silenciosa, saí descalça, segurando minhas sandálias de salto nas mãos e esgueirando-me em meio às sombras. Tive de sair escondida da mansão para não levantar suspeitas. Embora meu irmão tivesse liberdade de sair à noite, o mesmo não se aplicava a mim. Agachei-me no assoalho da *van* para os seguranças não me verem e passamos na casa de nossos amigos, um por um, para reunir a todos.

Apresentei Ana ao Luciano.

– Estou tão animada, tenho certeza que esta noite será inesquecível – disse minha amiga sem tirar os olhos dele, jogando os longos cabelos loiros para trás. – O que faz na vida, Luciano?

Sem jeito, Luciano respondeu que trabalhava na loja de enfeites para festas de aniversários e casamentos.

– E qual é a sua função?

– É... Sou entregador e faço o controle de estoque – respondeu.

– Entregador, estoquista... Nossa! – exclamou Ana, sem conseguir disfarçar um certo ar de espanto e desdém.

Fiquei vermelha devido ao embaraço de Luciano e à falta de delicadeza de Ana. Nunca gostei do seu estilo antipático, achando-se superior às pessoas, sempre de nariz empinado. Eu me perguntava por que ela fazia parte da nossa confraria. Sempre ficava me indagando se tinha algum interesse especial em algum dos rapazes. Conhecendo-a havia muitos anos, sabia como era o seu comportamento e aquela sua atitude, embora embaraçosa, não chegou propriamente a me espantar.

– Não ligue para a Ana; ela é desse jeito, mesmo, sem noção de realidade –

cochichei baixinho para ele, dando-lhe uma piscadela cúmplice.

Ao perceber que criara um certo clima constrangedor, Ana tentou amenizar:

– Desculpe-me, Luciano, só quis dizer que essa função é simples demais, sem grande destaque; e você, com certeza, tem talento para ser muito mais do que desempenha.

– Ana, por favor! – disse Oswaldo.

– Tudo bem, não tem importância – disse Luciano.

Por que tive a impressão de que a Ana, enquanto falava, me olhava de um jeito diferente, como se estivesse aprontando alguma coisa contra mim?

– Saímos para nos divertir, não ficar brigando – apartou Eduardo. – O Luciano vai pensar o quê? É a primeira vez que sai com a gente.

Meu irmão, para acalmar os ânimos, ligou o som do carro em uma música bem dançante, e seguimos em direção à casa de shows na cidade vizinha de Bom Jesus de Tocantins. Esse era o único recurso para que ninguém nos reconhecesse. Só de imaginar alguém me ver em um local de shows sem o Marcos, seria um inferno em minha vida.

A casa de shows era linda, com uma enorme pista de dança, com luzes saindo por baixo do chão. Conforme as pessoas pisavam no piso, que era de vidro ou de algum material translúcido, as luzes acendiam, cada uma em uma cor diferente.

Sentamo-nos no setor *VIP* ; a princípio, todos pareciam meio travados. As várias mesas estavam enfeitadas com cestos cheios de frutas variadas. O clima estava perfeito, apesar de o Luciano ter se sentado um pouco longe de mim, o que não nos impediu de conversar. Como entrada, foram servidas frutas e torradinhas com patês. Aproveitamos para beber um pouco.

O som tomava conta do ambiente, a bebida ajudou a relaxar e quebrar o gelo, as músicas dançantes começaram a empolgar e contagiar toda a turma, até que Oswaldo teve a iniciativa de chamar a todos para dançarem na pista.

Luciano ficou parado, como se estivesse relutante para dançar.

– Ei, não fique parado aí – dirigi-me até ele, segurando em sua mão. – Venha dançar; não vamos desperdiçar a noite! – Sorrindo, conduzi-o até a pista de dança, de mãos dadas com ele.

Meus amigos e César ficaram olhando para mim, como que a me lembrar que estava errada: comprometida com Marcos, eu nunca poderia fazer aquilo. Mas o desejo de ficar junto com Luciano era mais forte do que eu; nem pensava nas consequências de meus atos.

Dançamos, trocando olhares. Por duas vezes captei o olhar de Ana sobre nós. Não me importei; para mim, ela nem existia naquele momento.

Sem perceber, dançamos três músicas sem parar, até que a seleção musical foi interrompida, para dar lugar a uma abertura instrumental, que acompanharia uma música ao vivo no palco.

– A canção que vou interpretar se chama “Sonho Azul” – anunciou a vocalista, dirigindo-se a todos. Mas senti que a música era dirigida especialmente para Luciano e a mim. – Trata-se de uma linda canção romântica, que toca diretamente aos corações apaixonados – concluiu o vocalista.

Fiquei muito nervosa. Todo mundo começou a arranjar o seu par e a dançar coladinho. Luciano segurou em minhas mãos, colocando-as por trás de sua nuca e, em seguida, cingiu com firmeza a minha cintura. Com nossos rostos colados, em que era possível sentir a respiração quase em suspenso e o hálito um do outro, dançamos ao som da linda canção.

– Está sendo uma noite surpreendente – disse Luciano.

– Quero dizer que estou muito confusa e, ao mesmo tempo, feliz – confessei.

– Eu também estou muito feliz, Daniella, mas confuso não. Sei muito bem o que eu quero. Vamos aproveitar bem esta noite, aproveitar este momento mágico.

Senti seu coração disparado, com sua respiração ofegante. Não sabia exatamente o que acontecia comigo, nunca tinha sentido algo tão marcante.

Um turbilhão de pensamentos desencontrados cruzou minha mente: o que era aquele sentimento que me dominava, me fazendo esquecer tudo o que não fossem aqueles momentos?

Após o término da música “Sonho Azul”, começaram a tocar ritmos mais de boate. Continuamos um bom tempo dançando, até que em um determinado momento aconteceu o primeiro beijo. O beijo de Luciano era perfeito, nossos lábios se encaixaram perfeitamente, como se tivessem sido feitos uns para os

outros.

– Vamos sair da pista e voltar à área *VIP*? – sussurrou Luciano perto de meu ouvido.

Concordei, e voltamos à mesa de mãos dadas. Ficamos conversando sobre um pouco de tudo, bebendo e petiscando algumas coisas que eram servidas.

– Luciano... Eu acho que isso que acabamos de fazer foi um erro gravíssimo...
– comecei a dizer, buscando coragem.

– Você quer dizer o quê: o beijo?

– Sim, nos beijamos na frente de todo mundo. Estou comprometida com Marcos, com quem vou ficar noiva em breve. Não é o meu estilo trair, mesmo que não seja o homem da minha vida.

– Você não o ama? – perguntou incrédulo.

– Nunca o amei, mas essa história é longa, não quero falar sobre esse assunto. Quero apenas que entenda que algo a mais entre nós será impossível. Não quero enfrentar meu pai.

– Eu já sabia que você não iria me querer – disse, abaixando a cabeça. – Claro, que pretensão a minha imaginar ser possível um entregador de enfeites e estoquista ter algum relacionamento com a filha do coronel!

– Não! Pare com isso! – Suas palavras me cortaram o coração. – Eu não gosto desse tipo de tratamento, sou a Daniella e pronto.

Acariciei seu rosto e disse que nada do que ele falara era verdade.

– Nós acabamos de ficar juntos e nem por um instante pensei em seu cargo ou em minha posição na sociedade. Estou gostando de você, pelo que é, pelo seu interesse em ajudar as pessoas. Eu preciso de alguém com os mesmos princípios que os meus. Amar e ser amada, é isso o que me importa. Ser amada e não usada como um meio para alcançar um determinado objetivo, pois é assim que o Marcos me trata.

Seus olhos brilhavam; talvez ele visse os meus olhos brilharem também. Meu Deus! Estava apaixonada por Luciano.

– Mas tem mais coisas envolvidas, Luciano. Não quero que você sofra; tentar enfrentar o meu pai é querer morrer. – Respirei fundo e pedi: – Vamos mudar de

assunto, pois esta conversa está me deixando triste.

Perguntei se ele estava gostando dos integrantes da banda e se fora bem recebido.

– Sim, estou muito feliz. Minha vida mudou radicalmente. Ser aceito em uma banda era o meu objetivo, conquistado. E pensar que, em algumas semanas, iremos fazer nossa primeira apresentação, nem acredito! Vou ter de ensaiar bastante, mas já estou dominando o repertório.

– Bem, vocês precisam criar um nome para a banda, ou vai continuar se chamando somente “A Banda”?

Luciano caiu na risada, e percebi que aquele sorriso franco me fascinava.

– Pode deixar. Vamos nos reunir e, com sugestões, criaremos um nome bem criativo.

– Legal! De quem você é fã? – perguntei.

– Sinceramente?

– Sim.

– *Bee Gees* – respondeu Luciano.

– Que coincidência: também sou. As músicas deles são perfeitas. Eu adoro a canção “How Deep is Your Love?” e “For Whom the Bell Tolls?”.

Quando olhei para o lado e observei a pista de dança, não acreditei no que estava vendo.

– Ele é louco? – indagou Luciano.

Nós dois caímos na gargalhada, ao ver Oswaldo dançando em uma roda formada por todos que estavam na pista, e começamos a aplaudir, no ritmo da música.

A casa de show inteira parou para assistir à performance de nosso amigo. Quando ele saía, entrava outro e ficava dançando na roda, e isso acontecia sucessivamente, até que a empolgação foi tão grande, que todos na pista passaram a executar a mesma coreografia e no mesmo ritmo, como se já tivessem ensaiado antes.

A apresentação-surpresa aconteceu, sem que ninguém esperasse. Luciano e eu ficamos de camarote apreciando os jovens dançarem como profissionais. Estava

sendo uma noite mágica!

Sentia-me tão feliz, que parecia estar dentro de um sonho. Queria aproveitar ao máximo a companhia de Luciano naquela noite.

Ele pediu licença para ir ao banheiro. Ana aproximou-se de mim nesse momento, sentando-se em uma das cadeiras.

– Está feliz ao lado de Luciano? – perguntou-me com um sorriso enigmático no canto dos lábios.

– Não quero falar sobre esse assunto.

– Eu sei disso, a questão é que o Marcos não merece ser traído.

– Ana, por favor? Já falei: não quero tocar nesse assunto.

– Luciano é bonitão, pena que você não poderá ter mais nada com ele. É apenas uma ilusão, uma aventura, pois amanhã você voltará para os braços de Marcos.

Para não ficar irritada e estragar a minha noite, levantei-me para sair de perto de Ana.

– Espere, Daniella – disse, segurando no meu braço. – Calma, também não é para tanto.

– Você está me irritando.

– Pode ficar aqui aguardando o Luciano, voltarei para a pista de dança.

Após ela sair de perto de mim, sentei-me com a expressão anuviada. Poucos minutos depois, Luciano retornou perguntando se eu desejava dançar.

– Não. Vamos ficar aqui mesmo, Luciano.

Então, ele arrastou sua cadeira e ficou sentado perto de mim.

– Vou esperar o tempo que for necessário para a sua decisão, Daniella – anunciou.

– Como assim?

– Você decidir se quer dar uma chance para mim.

Fiquei atordoada. Toquei em seus lábios dizendo que não era tão fácil assim. Ao desviar o meu olhar dele, observei, na entrada da área *VIP*, Marcos seguindo em nossa direção.

– Meu Deus! Não pode ser! Luciano, o meu namorado está aqui. Como ele descobriu?

Marcos, com sua estupidez, chegou furioso. Sem pronunciar uma palavra sequer, segurou em meu braço puxando-me para o seu lado.

– Largue-a – avisou Luciano.

– Quem é este panaca? – perguntou com desdém. E virando-se para mim, falou em voz alta: – Você não presta, Daniella!

Todos em volta ouviram suas ameaças:

– Você vai se arrepender, pois ninguém me faz de tolo!

De uma hora para outra, o que prometia ser uma noite maravilhosa, um conto de fadas, encerrava-se como um pesadelo, em que tudo desmoronava em minha cabeça. Nunca senti minha vida tão difícil como naquele momento. Eu vivia uma ilusória vida de tranquilidade.

Luciano ficou na frente de Marcos para impedir que ele me levasse embora.

– Você não vai com ela para lugar nenhum.

– Ela é minha namorada, essa vadia vai comigo, sim – disse Marcos.

As palavras duras de meu namorado mexeram de tal maneira com Luciano que, sem pensar duas vezes, agrediu Marcos com um soco no rosto.

Marcos revidou no ato, agredindo-o da mesma forma. O seu golpe fez com que Luciano caísse no chão.

Com toda aquela confusão, formou-se uma roda de curiosos para ver a briga. Meu irmão interveio:

– Daniella, é melhor para todos que você vá embora com o Marcos. Depois, nós conversamos.

– César, eu não esperava isso de sua irmã – disse Marcos com a voz estranhamente calma. – Eu não tenho vocação para chifrado.

Ana, num canto, só mordida os lábios, lívida, olhando ora para Marcos, ora para Luciano, que permanecia no chão.

Marcos me agarrou pelo braço, e fomos embora. Olhei para trás, ainda a tempo de ver Luciano sendo ajudado por César a se levantar.

Na frente de meu irmão, meu namorado disfarçou bem sua fúria, mas logo que saímos do prédio, mudou seu comportamento de forma drástica, desferindo tapas em minha cabeça, Eu tentava fugir, mas ele continuava segurando firme meu braço.

– Você merece levar uma surra!

Com muita brutalidade, fui jogada para dentro do carro, e saímos em alta velocidade.

Durante o trajeto, Marcos acelerava o carro, em parte para descarregar a sua raiva e em parte para me intimidar. Fazia as curvas fechadíssimas, sem reduzir a velocidade, me arremessando ao seu encontro. Fui agredida verbalmente e com tapas na cara. O desespero tomava conta de mim.

– Pare com isso, Marcos, você está louco!

Cada vez que pedia, mais ele aumentava a força nos tapas.

– Fique tranquila, que não vou deixar marcas em seu corpo para não ter problemas com o César.

Não havia nenhuma preocupação com o que meu pai acharia, talvez achasse que o Coronel Jorge concordaria com sua atitude. Não agira certo em beijar outro homem em público, por ser compromissada com ele, mas o que estava fazendo comigo era uma tortura.

Subitamente, ele puxou minha blusa para baixo, deixando meus seios à mostra. Humilhada, eu gritava pedindo para que se controlasse.

– Não vá me dizer que está envergonhada, sua vagabunda! Imagino quantos homens já devem ter alisado seus seios. E pensar que eu só não fiz isso antes por respeito, achando que você fosse pura... E nem virgem você deve ser!

Ajeitei minha blusa e fiquei encolhida, encostada na porta do veículo, chorando.

– Se você pensa que por causa desse episódio desistirei de você, vá tirando o cavalinho da chuva. Nosso noivado continua de pé, e vamos nos casar ainda neste ano. Quando chegarmos à mansão, vou fazer questão de acordar seu pai e mostrar a filha que ele tem. Tenho total tranquilidade de que ele concordará comigo.

Somente ele falava dentro do carro, descarregando toda sua ira, enquanto eu

permanecia calada, só ouvindo.

– E quanto ao César – continuou –, terá o que merece; mas quem irá castigá-lo será o Coronel Jorge.

Desde que fui apresentada ao Marcos, sempre notei o respeito que ele tinha pelo César – ou seria talvez medo? –, pois meu irmão conseguiria enfrentá-lo e bater nele, e para me defender, seria capaz de tudo. Marcos era muito esperto; na frente de meu irmão fingia ser um bom homem.

– Agora, aquele sujeito, não: deixe ele comigo. Amanhã, vou me informar sobre ele, quem é e onde trabalha, tudo nos detalhes.

– Não quero que faça nada contra ele. Deixe-o em paz.

– Já está defendendo ele? Aguarde-me, dona Daniella, vou acabar com esse desgraçado. Ateveu-se a tocar em você, a minha futura mulher; então, merece apanhar até morrer.

Suas palavras, carregadas de ódio, me fizeram estremecer. Estava com medo de Marcos. Sabia que tinha coragem de fazer tudo aquilo; até onde exatamente ele seria capaz de chegar?

Naquele momento, arrependia-me tanto por ter saído de casa; meu irmão e o Luciano estavam com problemas por minha causa. Não deveria ter aceitado o convite!

Fiquei me indagando quem teria avisado o Marcos que eu estava na boate. A todo instante essa pergunta me vinha à mente, sem parar. Teria alguém dentro da boate me visto beijando Luciano e ligado para o Marcos?

De repente, levei o maior susto: na estrada escura, de terra batida em que nos encontrávamos, iluminada apenas pelo fecho de luz do farol do automóvel, uma criança de, no máximo, 7 anos de idade, corria desesperada. Mesmo com a pouca claridade, consegui distinguir que era um garoto todo sujo, com roupas rasgadas e descalço. Parecia estar fugindo de alguém.

– Pare, Marcos! – gritei. – Pare o carro para ajudarmos o menino; deve estar perdido.

– Não. Vamos embora. Não temos nada a ver com esse moleque.

Fiquei surpreendida com a sua resposta. Não imaginei que fosse capaz de tanta insensibilidade.

– Marcos, pare este carro AGORA! Precisamos ajudar este garoto – alterei a voz com meu namorado. – Não há viva alma aqui por perto!

– Você não tem moral para gritar comigo – retrucou, sem diminuir a velocidade.

Ameacei abrir a porta e me jogar para fora do veículo, chegando até a destravar a porta.

Aos poucos, Marcos foi diminuindo a velocidade do carro e, antes de parar por completo, abriu a porta e corri em direção à criança.

– Oi, quem é você? Venha cá, não precisa ter medo, só queremos ajudá-lo – gritei, pedindo para que não fugisse mais e se aproximasse.

Ele estava tão cansado, que parou e ficou ajoelhado. Sua respiração era ofegante; avizinhei-me dele e me ajoelhei até a sua altura, olhos nos olhos. Seu braço sangrava.

– O que aconteceu? – perguntei.

Não houve resposta. Ele não tinha condições de falar, apenas respirava com dificuldade, enquanto lágrimas brotavam de seus olhos arregalados.

Levantei seu rosto, observando sua expressão de cansaço e, ao segurar suas mãos, senti-as calejadas.

– Por que você está fugindo? – insisti. – Do que foge?

O pobre menino olhou para mim; em seguida, levantou a cabeça para o alto, os olhos ainda assustados. Suas mãos começaram a tremer. Sem nenhuma explicação, saiu correndo e entrou na mata.

– Menino, volte aqui! – chamei desesperada.

Olhei para trás e vi o Marcos a poucos passos de mim, observando tudo. Perguntei a ele se conhecia a criança.

– Nunca o vi – respondeu.

– Não foi o que pareceu, pois assim que ele o viu, começou a tremer e fugiu.

– Sei lá! Deve ser algum maluco.

– Marcos, isso está muito estranho! Essa criança fugia de alguém ou de alguma coisa! Eu estava quase conquistando a sua confiança e fazendo falar comigo, mas de repente se assustou e fugiu. Estranho! O que pode ser?

Gritei mais uma vez chamando pelo menino, mas não obtive nenhuma resposta. Marcos segurou em meu braço e me empurrou para dentro do carro.

– Ele estava sangrando, pode morrer! – protestei.

Marcos deu partida no carro e nos afastamos em direção à estrada pavimentada. Ele ficou todo o tempo em silêncio, mas percebi nele uma certa agitação, pois passava a mão nos cabelos e franzia o cenho, formando um sulco entre as sobrancelhas. Chegou até a se esquecer de que estava irritado comigo.

Ao chegar à mansão, desci do carro, sem que Marcos fizesse menção de cumprir sua ameaça de acordar meu pai e contar todo o ocorrido na boate. Suas únicas palavras foram:

– Amanhã conversamos. – E foi embora cantando pneu.

A angústia tomou conta de mim, ao pensar em como aquela criança iria sobreviver dentro da mata. Entrando no quarto, tirei a roupa e fui tomar banho.

Debaixo da água, refletia: “Está fugindo de quem? Ou do quê? Aquela criança não é de Pedro Afonso, pois se o fosse, teria o reconhecido”.

Naquela noite, não consegui pregar os olhos, ao recordar a imagem do rostinho dele, com o braço sangrando e olhando para mim, como que num pedido de socorro silencioso. Eu precisava fazer algo, mas o quê?

Capítulo III

Declaração de Amor

Pela manhã, antes de todos acordarem, meu irmão e eu voltamos à estrada para procurar o menino. Ao explicar a César tudo o que acontecera na madrugada anterior, ele ficou com a pulga atrás da orelha:

– De onde será que essa criança veio?

– Não faço a mínima ideia – respondi.

Pedi para o César estacionar o carro, pois estávamos nas proximidades onde avistara o menino.

Passamos a gritar, chamando por ele, mas ninguém respondia.

– Vamos entrar na mata para procurar melhor, o que acha? – perguntei ao meu irmão.

– Não, depois de tantas horas, já deve estar longe e pode ser muito perigoso nos embrenharmos pela mata – César desaprovou minha ideia. – Mana, pelo que você me contou, o Marcos está para chegar em casa. Devemos retornar o quanto antes; mais tarde voltamos aqui.

Concordei com meu irmão. Durante o percurso de volta, revelei sobre a agressão imposta a mim pelo Marcos:

– Nunca fui tratada com tanta violência, assim. Até arrancar minha blusa ele teve coragem.

Existem momentos em nossas vidas que fazemos ou falamos coisas que, com o tempo, acabamos nos arrependendo. Contar para meu irmão o que ocorrera comigo na noite anterior foi uma dessas decisões tolas. Deveria ter ficado calada; sabia que haveria briga com o Marcos, mas na hora senti necessidade de contar para alguém. Caso contrário seria agredida outras vezes, o que nunca mais aceitaria sem reagir.

Ao entrarmos na mansão, não deu tempo de ninguém falar nada; César foi na

direção do Marcos e desferiu um violento soco em seu rosto. Este caiu no meio da sala como um saco pesado de batata.

Meus pais ficaram assustados. Mamãe afastou-se e, desesperada, indagou:

– César, meu filho, você ficou louco?

– Esse desgraçado agrediu a Daniella, o filho da puta! – disse meu irmão, lançando duas cusparadas em Marcos.

Houve uma tentativa de revide por parte de meu namorado, ao fechar, ameaçador, o seu punho direito, mas ele o desfez quase que no mesmo instante, permanecendo no chão, sem reação – com certeza, para ficar na posição de vítima, e não com a imagem de bandido.

– Eu não sei do que você está falando – retrucou Marcos, com uma impassibilidade que contrastava com a sua ira da noite anterior.

– Como? – disse, impressionada com o cinismo dele.

– Parem todos. Se o Marcos fez ou não fez isso, não importa. Caso ele tenha agido dessa maneira, você, Daniella, mereceu – afirmou papai.

Não sei por que fiquei surpresa com a afirmação de meu pai, uma vez que já era de se esperar. Entretanto, cheguei a acreditar que, por ser mulher, pelo menos mamãe ficaria do meu lado. Ledo engano!

– Estou muito triste e envergonhada por ser sua mãe, Daniella – foi a sua resposta surpreendente à minha necessidade de empatia e compreensão.

Sei que agira errado, mas naquele momento todos queriam me devorar viva. Estava me sentindo em plena época da inquisição, acusada de bruxaria!

– Como teve coragem, Daniella, de fazer essa pouca vergonha? – continuou papai. – Desonrar meu nome perante a sociedade de Pedro Afonso!

Não tinha como explicar o ato que envergonhava a todos. A mentira, com certeza, iria piorar a situação. Confessei a todos exatamente o que acontecera:

– Eu só troquei um beijo com um rapaz. E isso aconteceu apenas pelo fato de não existir amor de minha parte por você – disse, olhando diretamente para Marcos.

– Você não me ama? – indagou ele.

– Marcos, me perdoe, sabe muito bem que namoro você porque sou obrigada;

não tive escolha. Foi uma exigência de meu pai, mas agora eu não quero mais ficar envolvida em uma relação que não me faz feliz.

– Filha! – exclamou mamãe.

– Esta é a verdade, não posso fugir da realidade ou viver em um mundo que nunca serei feliz – disse.

Meu irmão pousou sua mão em meu ombro e disse baixinho:

– Mana, apoio qualquer decisão que vá tomar. Pode contar comigo!

Suas palavras me deram força para enfrentar a todos; percebi que não estava sozinha. Tinha meu irmão e amigos, que me ajudariam a me livrar definitivamente de todo aquele sofrimento.

– Ora, ora, quer dizer que a menina resolveu se rebelar... – papai disse, com ar sarcástico, como se nada do que eu acabava de manifestar significasse algo. Era bem típico dele; afinal, ele nunca se importara com os meus sentimentos.

Virando-se para Marcos, orientou-o:

– Não leve em conta as coisas que essa menina mimada acabou de dizer. Aos poucos, ela vai se acostumar com a ideia de estar casada com você e, por bem ou por mal, mudará de opinião.

– Eu sei, Coronel Jorge. Por esse motivo, desejo que o noivado seja antecipado para a semana que vem e o casamento o quanto antes – disse Marcos.

– Vocês não ouviram? Não quero nada com ele! – disse exasperada. Aquela conversa estava muito surreal para minha cabeça.

– Daniella, você não tem querer – disse papai. – Vá para seu quarto agora, de onde sairá apenas quando te chamar.

Obedeci sem nenhuma reação. Aquela guerra seria difícil vencer! Subi lentamente as escadas, ouvindo o que se passava às minhas costas.

César tomava minha defesa, de maneira fulminante e apaixonada:

– Daniella não merece ter uma família tão sem amor; o seu coração é cheio de bondade e, em troca, recebe o oposto de vocês dois! Ontem ela sofreu as agressões físicas do Marcos, e mesmo assim parou de pensar em seus sofrimentos para ajudar em plena a madrugada uma criança com o braço machucado fugindo não sei de quem?

– César, não se intrometa onde não é chamado – elevou-se o tom da voz de meu pai. Afastei-me rápido da escada, indo direto para o meu quarto. Não vi a expressão do coronel, mas, pelo jeito, estava furioso, chegando a gaguejar, ao perguntar ao meu irmão: – Q-que história é essa de criança machucada na estrada, César?

– Não sei, meu pai, pois ele fugiu da Daniella, mas o Marcos estava junto.

– Adriana vá para a cozinha e você César para o seu quarto. Vão agora, pois vou conversar com o Marcos na biblioteca, não quero que ninguém nos interrompa.

Fui ao encontro de meu irmão, que estava subindo as escadas e indaguei o que estava acontecendo.

– Não sei, quando falei da criança para o nosso pai, ele fez uma expressão de assustado; nunca vi ele tão agitado, me deu até medo! – respondeu.

– Que mistério é esse?

– Não sei, mana.

– Estranhei a reação do menino, sabe? Parecia que viria conversar comigo, mas ao ver o Marcos, recuou assustado, fugindo para o meio da mata.

– Por que será?

– Não faço a mínima ideia, meu irmão!

– Você mencionou que ele estava sangrando no braço e com as mãos caídas, não é?

– Sim, por quê? O que você está achando de tudo isso? – perguntei.

– Pela reação de nosso pai, essa criança tem alguma coisa a ver com ele, mas o quê exatamente não sei. Temos que descobrir o quanto antes. Sempre estranhei o fato de nosso pai não permitir a minha entrada em determinadas áreas da fazenda. Venha, vamos conversar dentro de seu quarto, que é mais seguro.

Combinamos que iríamos juntos com nossos amigos atrás daquele menino e, pela primeira vez, tentaríamos entrar na fazenda e, se possível, na indústria de papai.

– A situação daquele menino me preocupa – eu disse. – Sabe-se como ele está, tendo passado a noite naquela floresta.

César me consolou e disse que ele estava nas mãos de Deus. Piscando o olho de maneira marota para mim, introduziu um pedaço de papel em minhas mãos.

– O-o que é isso, César?

A surpresa tomou conta de mim quando percebi que se tratava de um bilhete de Luciano, escrito na noite anterior.

– Mana, o que aconteceu ontem não foi algo bacana, que mereça ser incentivado, mas a situação que você vive hoje me faz ficar do seu lado – disse.

Esperei César sair do quarto. Sozinha, com a porta já trancada, abri o bilhete, onde li as doces palavras de Luciano, escritas numa letra firme e clara:

Em primeiro lugar, quero pedir desculpas por não ter controlado minha raiva e pela agressão que cometi contra o seu namorado, mas não suportei ver a maneira como ele te tratou. Você merece muito mais que isso; mesmo que não seja eu o felizando a ficar do seu lado para o resto da vida, tenha coragem para sair desse sofrimento.

Nunca mais me esquecerei da noite de ontem: seu beijo, seu calor me fizeram enlouquecer.

Do fundo da minha alma e do coração, quero te ver novamente. Abraçar você e fazer carinho em seu lindo rosto... Eu amo você! Tenho medo de dizer essa frase, pois não sei exatamente o que está sentindo por mim.

É muito louco: conheci você ontem e já estou completamente apaixonado. Quero vê-la de novo, mande a resposta pelo seu irmão. Beijos, beijos.

Luciano

Suspirei e dobrei o bilhete com cuidado, levando-o de encontro ao coração, que batia de maneira descompassada. Era estranho, pois sentia a minha vida mudar de um dia para o outro. A coragem para largar tudo e seguir o meu destino com Luciano estava nascendo em meu coração: era algo real.

Desdobrei novamente o bilhete, beijando-o; a marca do meu batom ficou marcada no rodapé, em cima da assinatura.

Mandeí um recado para Luciano por meio de meu irmão:

Luciano,

Encontre-se comigo às margens do rio Sono, em um ponto mais afastado da cidade, amanhã às 17 horas. É o lugar ideal para conversarmos, pois há pouco movimento.

Beijos,

Daniella

* * *

Na hora marcada, dirigi-me ao rio Sono. Ao longe, avistei-o sentado às margens, com os pés tocando nas águas do rio. No mesmo instante, ao relembrar os beijos e as carícias que tínhamos trocado havia pouco menos de dois dias, um calor se apossou de mim.

Aproximei-me por trás e tapei seus olhos.

– Daniella?

– Mas é claro que sou eu, ou você estava esperando outra pessoa? – disfarcei, para não demonstrar a minha emoção.

– Sua boba! Claro que não – disse, beijando-me.

Estava nascendo ali, dentro de mim, de maneira concreta a coragem que tanto precisava para enfrentar o mundo se fosse preciso, e lutar pelo meu verdadeiro amor.

Ficamos sentados nas margens do rio Sono. Próximo de nós havia uma enorme rocha, banhada em suas bordas pelas pequenas ondas que se formavam devido ao contato da água contra a sua superfície. Era tudo tranquilidade, e o céu no horizonte já apresentava a cor alaranjada por causa do pôr do sol. As garças voavam, quase encostando na superfície do rio, deixando o ambiente mais romântico.

Luciano acariciou-me a mão, levando a sua até a minha nuca; com leveza passou os seus dedos entre os fios de meus cabelos. O seu olhar brilhava igual à Lua cheia; nenhuma palavra poderia ser maior do que aquele olhar, que dizia tudo o que ele sentia por mim: era amor puro e verdadeiro.

Ficamos curtindo aqueles momentos de silenciosa cumplicidade, até que nos beijamos. Um beijo longo; não, vários beijos tão longos e intermináveis, que, ao

abrir os olhos, percebemos que já tinha anoitecido.

– Quero dizer a você que estou aqui não pelo fato de você ser a filha do Coronel... Ops desculpe, mas é isso mesmo: sei que não gosta que a chamem assim, mas muitos se interessam por você por causa desse status. O que quero dizer é que amo você, não o que representa. Aceita namorar comigo?

No impulso, respondi que sim. Sabia que não seria fácil, mas já tinha motivo suficiente para lutar pela minha felicidade, à minha frente, materializado na figura do Luciano. Beijamo-nos novamente; em seguida, ele me fez ficar de pé. Segurando minha mão, com um joelho dobrado no chão como se fosse um príncipe dos contos de fadas, declamou um lindo poema:

*Desde o momento em que eu a conheci,
Sua maneira de sorrir para mim,
A força que vem do seu interior,
Me derruba com apenas um assopro.
E agora não adianta vir a grande tempestade
Querer derrubar o que já construímos.
E em minha vida não há lugar para mais ninguém.
Você ganhou
O meu coração, que está sangrado faz tempo.
O oceano está agitado pela força de nosso amor,
Que vem das profundezas.
As minhas defesas dependem
Da sua presença para vencer os inimigos,
Que estão em nossa frente.
Eu amo você, Daniella.*

Durante a declaração de amor não consegui controlar a emoção e desabei em prantos. Eram lágrimas de alegria pela certeza de ter encontrado o homem que sempre sonhara para formar uma família comigo.

Lentamente nossos lábios se tocaram em mais um beijo. Como num filme

romântico, as estrelas brilhavam no céu com a luz da Lua refletida nas águas calmas do rio.

Ao pé de meu ouvido, Luciano me disse:

– Eu tenho uma surpresa para você em minha casa.

– Eu não posso ir – respondi, sentindo as pernas ficarem trêmulas. – As pessoas vão me ver.

– Você está preocupada com a opinião do povo desta cidade?

– Não é isso. Ainda não terminei oficialmente com o Marcos, não fica bem eu entrar em sua casa!

Luciano respirou fundo; em seguida, me indagou quando iria largar o Marcos.

– Eu já disse ao meu pai e ao Marcos que não quero mais manter esse relacionamento. Ambos agem como se eu não tivesse falado nada. Não será fácil, mas ainda hoje vou tentar novamente.

– Então, quer dizer que, de sua parte, você não tem nenhum compromisso. Pois já avisou aos dois sobre sua decisão; se eles aceitarem ou não, o problema não será seu. Ou seja, você é uma mulher livre! – disse Luciano.

Analisei as suas palavras e concluí que era tudo verdade. Assim, com a consciência tranquila, aceitei o seu convite para ir a sua residência. Não queria fazer desfeita à surpresa que tinha preparado para mim, porém avisei:

– Está certo, não tem nada de mais. Mas tem que ser bem rápido, para que não haja comentários.

* * *

Com o coração disparado, caminhei ao lado de Luciano pelas ruas de Pedro Afonso. Percebia olhares de reprovação na minha direção; naquele momento, todos deveriam saber da traição que cometera. Para provocar mais indignação naquelas pessoas que me criticavam com o olhar, segurei na mão de Luciano. Ele sorriu e me puxou para si, beijando-me. Quase comecei a rir quando observei o espanto dos moradores; alguns chegaram a ficar de boca aberta. Sem nenhuma vergonha seguimos de mãos dadas até sua casa.

A residência de Luciano era simples e até acanhada. Ele me pediu para esperar uns minutos na porta, para poder completar a surpresa. Quando entrei na

sala, estava iluminada apenas com velas vermelhas espalhadas pelos quatro cantos (então, entendi que Luciano entrara na minha frente para acender as velas); havia pétalas de rosas por todo o chão, que exalavam um aroma delicado e inebriante. Sobre a mesa posta, no canto mais à esquerda, próximo à janela, mais duas velas vermelhas. Em cima de uma toalha muito alva de algodão estavam dispostos talheres, pratos e duas taças de vinho.

– Eu não acredito no que estou vendo! Tudo isso para mim?

– Você merece isso e muito mais. É que eu não posso te oferecer mais – disse, com ar humilde.

– Para mim é suficiente. O que vale é a sua intenção de me fazer feliz. Estou encantada e muito emocionada com esse presente. Muito obrigada!

Abraçamo-nos e, com a porta já fechada, beijei-o com paixão. Luciano ligou o aparelho de som, colocando para tocar uma linda música romântica. Ele me convidou para dançar, e ficamos ali, coladinhos.

– Sabe, você se parece muito com aquela cantora loira do grupo sueco ABBA – disse Luciano afastando-se um pouco, o suficiente para mergulhar seus olhos dentro dos meus. – Alguém já te disse isso? Qual o nome dela mesmo?

– Já me falaram isso milhões de vezes. Ela se chama Agneta Fältskog. Até decorei o seu nome. Como canta bem! Queria um dia poder ficar frente a frente com ela. Na verdade, todos os integrantes são perfeitos. Incrível! Em suas performances, a gente nota que elas não fazem sequer força para soltar aqueles vozeirões! Isso tem um nome: TALENTO.

– Daniella, qual é o dia de seu aniversário? Quero me preparar para te dar um presente muito especial!

– Ah, não precisa exagerar na lembrança, OK? Meu aniversário é no dia vinte e dois de dezembro. Gosto desse dia, pois é quando se iniciam as comemorações de final de ano. Fazemos a minha festa e vamos nesse clima até o réveillon. E o seu aniversário Luciano, que dia é?

– Em setembro, dia oito, depois do feriado da independência do Brasil – respondeu.

Quando a música encerrou, desprendemo-nos a contragosto um dos braços do outro. Luciano, afastando-se, dirigiu-se à mesa, onde havia uma garrafa de vinho

e duas taças de cristal.

– Este vinho que comprei, tenho certeza de que não é dos melhores – disse, rindo, enquanto abria a garrafa sobre a mesa. – Mas também não é o pior.

Serviu-me e brindamos, emocionados:

– A este momento. A nós.

Aproveitamos ao máximo aqueles momentos a sós. Tiramos várias fotos que depois ele iria mandar revelar em outra cidade, para evitar confusão em Pedro Afonso.

Durante o jantar, conversamos sobre sua família. Os pais moravam em Palmas, onde trabalhavam como funcionários públicos, e sua irmã Cristiane morava em Barretos, no interior de São Paulo.

– Casou-se e foi para o interior Paulista – explicou Luciano.

Senti um misto de frustração ao pensar na minha família, ouvindo ele falar da sua:

– Graças a Deus, todos se dão muito bem. Apesar da distância física, há uma ligação forte entre todos nós. Deve ser por que existe amor, né?

Percebi em seu olhar um brilho de admiração ao mencionar o pai. Era algo fascinante; eu mesma não sabia o que era sentir amor por um pai. Estava começando a ficar triste, pois era inevitável fazer comparações com minha família, e nessa área eu perdia feio para qualquer um da cidade.

Para mudar de assunto, comentei com Luciano sobre o caso da criança que encontrara na estrada.

– Pretendo ainda nesta noite voltar para a estrada junto com o César. Quem sabe encontramos alguma pista da criança?

– Ah, eu quero ajudá-los também nessa busca. Podem contar comigo – prontificou-se no mesmo instante.

Concordei e combinamos o horário que iria buscá-lo.

– Agora, tenho de ir embora, pois meus pais, com certeza, estão à minha procura.

– Eu te acompanho até sua casa.

– Melhor não, Luciano.

– Claro que sim. Não deixarei você sair sozinha pela noite, já está escuro lá fora.

– Até a esquina antes da mansão, tudo bem?

– Sim.

Faltando três ruas para chegar à mansão, notei a presença dos capangas de papai à minha procura.

– Luciano, é melhor você voltar.

– Não, Daniella, não tenho medo de cara feia.

– Não se trata disso, Luciano, mas esses caras podem estar armados. Eles só seguem ordens de meu pai: se acharem que você está me levando para o mau caminho, vão querer liquidá-lo.

Foi uma luta convencê-lo, mas no final me obedeceu.

Segui em frente, fingindo não ter visto nenhum capanga, até que um deles reparou em mim e correu em minha direção.

– Tenho ordens do Coronel Jorge para levá-la até a mansão – disse, segurando meus braços e puxando-me com força.

– Solte-me agora! Não está vendo que estou indo para casa? Se o Coronel está à minha procura, ele que espere eu chegar – retruquei.

Continuei andando em frente, com o capanga me seguindo. Sabia que o inferno estava me esperando naquela casa que podia chamar de tudo, menos de lar.

Capítulo IV

Ambição Perigosa

– Onde é que a mocinha estava? – Foi a primeira coisa que ouvi de meu pai ao pisar os pés na sala.

– Pai, espere, não precisa falar assim com a Daniella, ela irá explicar – pediu meu irmão.

– Vou explicar tudo definitivamente, para não haver dúvidas – disse ao meu pai, sustentando o seu olhar.

Eu sabia o que poderia acontecer, mas, mesmo assim, revelei para todos que já estava com um novo namorado, após o rompimento com o Marcos.

– Filha! – exclamou mamãe.

– Que história mais absurda é essa? – papai quase cuspiu essas palavras.

– Eu já comuniquei que não quero mais nada com o Marcos; são vocês que insistem nessa história, papai! Sou uma mulher livre.

– E quem é esse namorado? – perguntou papai.

– Luciano – respondi.

– Agora você vai calar essa sua boca, porque a mocinha vai continuar namorando o Marcos. Você vai casar com ele. Esse Luciano é um atrevido; mexer com a minha filha? Vai se arrepender – disse.

Quando ficou evidente que com meu pai não tinha conversa, deixei-o falando sozinho. Antes de seguir para o meu quarto, afirmei:

– Eu não vou mais fazer suas vontades, papai. A antiga Daniella já era!

– Sua vadia, volte aqui, ninguém me vira as costas!

– Jorge, não fale assim com a nossa filha! – Mamãe, por incrível que pareça, fez uma tentativa de me defender.

Antes de pisar no primeiro degrau da escada, meu pai agarrou-me pelo braço;

antes que percebesse o que queria comigo, senti o peso de sua mão: a bofetada zuniu em meus ouvidos, fazendo-me ver “estrelas”. Com o impacto, fui jogada no chão.

Meu irmão, perdendo o controle, voou para cima de nosso pai. Eu ainda estava zozza, mas até esqueci o ardor do forte tapa ao presenciar a cena dos dois rolando no chão. Comecei a gritar:

– Parem! Parem com isso, JÁ!! – Agoniada, soluçava, ao ver que mal me ouviam.

Nunca pensei em presenciar algo tão horrível. Eu chorava muito; minha mãe, coitada, sem forças suficientes para apartar os dois, também foi jogada ao chão. Até que eu consegui reunir coragem para me lançar no meio dos dois e separei o meu irmão de papai.

– Nunca mais, seu maldito, encoste essas mãos na Daniella, porque senão eu te mato – vociferou César, desganhado, ofegante, com o lábio inferior cortado.

– Parem com isso – gritava mamãe aos prantos.

– Por que o senhor é assim, meu pai? – indaguei a ele.

– Tudo isso que está acontecendo, sua ordinária, é por culpa sua; por ter passado dos limites – devolveu-me, com o dedo em riste.

Papai mandou que nós subíssemos para nossos quartos.

– Prefiro ver você morta a separada de Marcos – declarou, de maneira exasperada. – MORTA!

– Pois este é o meu desejo. Morrer para não casar com o Marcos – retruquei sem me intimidar.

– Minha filha, não fale assim! – disse mamãe.

Certo dia um grande amigo me disse “Se der medo, finge que tem coragem e vai com medo mesmo”. Era o que mamãe se preparava para fazer.

Notei algo diferente em minha mãe; ela parecia preocupada comigo. Senti que, intimamente, estava começando a reagir. Talvez, ser confrontada com seus filhos naquela situação de agressão e ameaças de morte estivesse fazendo com que ela percebesse o tipo de marido que tinha e o abandono paterno em que César e eu vivíamos naquela família.

– Quero ficar sozinha com o pai de vocês, vão lá para cima agora – disse mamãe.

Obedecemos, e deixamos nossos pais conversando. César e eu nos olhamos num entendimento silencioso e permanecemos ouvindo tudo, apoiados no corrimão da escada, na parte mais escura do corredor.

Pela primeira vez, minha mãe nos defendia. Vê-la ficar contra nosso pai era algo impossível de acreditar. De longe, percebia que ela tremia, mas estava firme, disposta a nos defender. O instinto materno falou mais alto.

– Jorge, você está mais preocupado com seus negócios e com a sociedade de Pedro Afonso do que com sua própria família! – ela vomitou, enfim, a grande verdade.

César e eu trocamos um olhar de compreensão e dor. Entretanto, o mais surpreendente ainda sairia da boca de mamãe:

– Nunca se preocupou com os problemas de nossos filhos! As coisas podres que você faz, eu até aceito: as traições, essas prostitutas que você leva para viajar com você, tudo isso eu deixo passar, mesmo sofrendo. Agora, agredir meus filhos e até ameaças de morte? Nunca imaginei que um dia você chegaria a esse ponto. Pode ter certeza, Coronel Jorge, isso eu não aceito!

Papai segurou forte no braço de mamãe, até deixar a marca de sua mão.

– Sua opinião não vale nada! Você tem mais é que aceitar de cabeça baixa minhas decisões. Deve-se comportar como uma esposa e não alterar a voz para mim, entendeu?

– Não! Se você continuar desse jeito com Daniella e César, eu largo você. Está ouvindo bem? EU LARGO VOCÊ!

– Agora você vem com essa conversa, Adriana? Estou cheio de problemas e ainda tenho de perder tempo com você? Pode fazer qualquer ameaça, sei muito bem que não vai me deixar. – Sacudiu os ombros, mostrando descaso.

– Jorge, eu amo você, mas acima desse sentimento está o meu amor pelos nossos filhos. Coisa que você nunca demonstrou. Por aceitar sua maneira cruel de educar nossos filhos, hoje estamos à beira do divórcio. Se você não mudar seu jeito estúpido de lidar com eles, eu largo você sim.

Papai ficou em silêncio observando mamãe sair para a cozinha. Percebeu que

ela não blefava.

– César, você viu a atitude de nossa mãe, a sua firmeza? Isso me deixa até mais tranquila – disse baixinho, ainda no corredor, enquanto nos afastávamos para nossos quartos. – Ainda existe luz no fim do túnel dentro desta casa.

– Sim, mana. Espero que mamãe consiga manter-se firme em suas palavras.

* * *

Protegidos pela escuridão e abrigados no silêncio da madrugada, três sombras furtivas se esgueiravam em direção à estrada de terra que dava para a mata: Luciano, César e eu. Não levamos mais ninguém para não chamar a atenção.

Vasculhamos toda a redondeza. Apesar de minha insistência, ninguém quis entrar na mata. Alegaram que era muito perigoso e que deveríamos voltar o quanto antes.

Luciano sugeriu que passássemos nas terras de papai. Não era muito longe de onde estávamos. Meu irmão manobrou o carro e mudamos de direção.

Era algo até sem propósito, pelo avançado das horas, mas sempre que queríamos visitar o laranjal, papai recusava, e essa se mostrava a oportunidade de nossas vidas para, pelo menos de longe, ver o que um dia seria de César e meu.

Após mais cinco minutos dirigindo, avistamos no horizonte uma extensa plantação de laranjas. Seguimos para lá, pois mesmo sendo madrugada, parte da plantação mantinha-se iluminada pelas luzes que vinham da indústria de sucos.

A quantidade de laranjeiras era imensa, estendendo-se por inúmeras quadras a se perder de vista. Ficamos na dúvida se deveríamos seguir em direção à indústria. Por fim, resolvemos seguir; para isso seria necessário passar por dentro do laranjal, usando-o como atalho.

Naquela parte em que estávamos parte das cercas estavam tombadas o que facilitou o nosso acesso. Talvez ainda ninguém tivesse percebido. O trajeto foi fácil; a distância entre as árvores permitia a circulação de um veículo com tranquilidade.

De repente, Luciano pediu:

– César, apague as luzes do farol e desligue o carro.

Assustado, meu irmão atendeu ao pedido na hora.

– O que aconteceu, Luciano? – perguntou.

– Veja aqui, do meu lado esquerdo lá longe, um grande galpão com várias luzes acesas. O que será aquilo no meio de uma plantação de laranjas? – indagou Luciano.

Ninguém soube responder por que no meio dos laranjais haveria uma construção daquele tamanho.

– Deve ser o local onde papai guarda as ferramentas de trabalho – arrisquei.

– Para isso necessita de guardas na porta? – duvidou meu irmão.

Fiquei sem resposta. Papai não iria gastar dinheiro com vigias para assegurar que ninguém roubasse simples ferramentas de trabalho.

Seguimos a pé. Lentamente nos aproximamos por trás do galpão, para que o guarda não percebesse nossa presença.

Conforme avançávamos, mais forte se tornava o cheiro de urina e fezes. Não conseguia entender o que poderia ser tudo aquilo. Que tipo de objetos papai guardaria ali? O odor de esgoto era insuportável. Fiquei com ânsia de vômito, sendo amparada pelo Luciano, que me perguntou se desejava voltar.

– Não, de jeito nenhum. Quero descobrir o que meu pai mantém neste honroso lugar, que necessita de vigias.

Ao chegar aos fundos do galpão, todo de madeira, divisamos por entre as frestas, iluminada por algumas lâmpadas mortíferas, a cena mais nojenta de minha vida. Meu mundo desmoronava diante da visão que estava tendo e da compreensão de tanta coisa, até então, sem respostas. Eu vivia, até aquele momento, um conto de fadas, protegida em um castelo. De areia, diga-se de passagem. Tudo o que eu tinha e no que acreditava desmoronava no chão como um prédio de areia: tudo alicerçado sob bases falsas, sem sustentação alguma.

O enjoo, forte, revirou minhas vísceras, provocando-me calafrios, até que veio o vômito, incontrolável, aliviando-me em parte. Meu irmão apenas chorava, e Luciano, mesmo desesperado, estava ao meu lado, segurando-me as mãos.

Nunca vislumbrara um lugar tão insalubre, com condições tão precárias de higiene e conforto: dezenas de camas-beliches, praticamente apinhadas – com um espaço mínimo entre elas –, uma ao lado da outra, perdiam-se enfileiradas ao longo do galpão com janelas de dimensões reduzidas e muito altas, quase no nível do teto. Deitadas, crianças choravam, outras gemiam, enquanto uma minoria parecia dormir um sono intranquilo. Não deviam ter mais do que treze anos de idade, os maiores; e havia vários com muito menos do que isso.

– Mas o que significa isso? – indignou-se César. – O que o meu pai está fazendo com essas crianças?

Não consegui responder nada. Fiquei me perguntando que tipo de monstro era meu pai para colocar aqueles pequeninos em uma situação tão macabra.

Algumas crianças tossiam sem cessar. Não era preciso ser nenhum médico para perceber que estavam doentes e em péssimas condições de higiene. Visivelmente dava para notar que se encontravam desnutridos, e uma menina estava em avançado estado de gestação. Eu não acreditava no que via. Naquele momento, o meu pai morria para mim.

Para nossa surpresa, o pesado portão do recinto foi aberto, sendo retirada a corrente de ferro amarrada a um cadeado, e entraram três homens. Com cara de poucos amigos, bateram com um pedaço de metal na beira das camas, também de metal, fazendo reverberar fortemente o barulho metálico:

– Vamos, cambada de moleques! Já são cinco horas da manhã, e o dia vai ser pesado!

Olhamo-nos em silêncio, enquanto a compreensão dos fatos nos invadia. Era isso então! As crianças executavam trabalho escravo para o Coronel Jorge.

– Eu vou entrar e acabar com tudo! – meu irmão disse entre os dentes.

– Calma, César! Isso não vai salvar essas crianças. Precisamos trabalhar com a cabeça fria, adotar uma estratégia de ação. Estamos envolvidos emocionalmente com essa situação; qualquer atitude neste momento não vai adiantar nada. Somos dois contra três brutamontes. E nem sabemos se estão armados...

Meu irmão concordou com Luciano e ficamos calados, escondidos, observando tudo. As crianças foram obrigadas a se levantar, enquanto algumas,

com tanto sono, nem despertavam. Foram sacudidas e puxadas com violência para abandonarem as camas.

Ao lado de cada cama havia uma sacola enorme de pano pendurada por um prego à parede.

Na sequência cada criança pegou a sacola de pano e formou-se uma única fila indiana, como numa coreografia ensaiada repetidamente. Concluímos que era algo a que as pobres crianças se sujeitavam todos os dias.

Uma por uma, as crianças saíram do galpão, enquanto um funcionário realizava a contagem física para verificar se estavam todos presentes.

Meu olhar foi capturado para um menino franzino, no início da fila que já se dispersava.

– Olhem! É o garoto que vi na estrada. Está com o braço enfaixado e, mesmo assim, obrigaram-no a colocar a sacola nas costas.

– Vá, pestinha. E aprenda que aqui não tem como fugir – disse um dos homens.

– Meu irmão, é ele mesmo! Coitado, estava fugindo e, pelo jeito, pegaram-no – disse.

– Vamos embora. Já está amanhecendo e, com a luz do Sol, será mais difícil fugir sem sermos notados – alertou Luciano.

Voltamos para o carro e seguimos em direção a Pedro Afonso. Que ironia da vida: eu, que sempre lutara para ajudar os mais necessitados, levando alimento aos moradores de rua, descobria que o conforto de meu quarto, o dinheiro, as coisas luxuosas que usufruía, eram tudo frutos do trabalho infantil!

– Agora entendo por que o menino estava com as mãos cheias de calos e se assustou quando viu o Marcos! – exclamei, após alguns minutos de silêncio.

Não poderíamos ficar calados diante de tanta crueldade. Era algo difícil de engolir e digerir. Estávamos, afinal, falando de nosso pai, o responsável por tudo.

Depois do que descobríamos, as fichas caíram, todas: entendia agora por que o meu pai não deixava César visitar o laranjal: tinha receio de ele não aceitar o trabalho infantil.

Compreendi a identificação que papai teve com Marcos. Ele deve ter aceitado

numa boa a situação dos pequeninos. Meu irmão chorava, chocado demais com tudo o que vira e o que imaginava existir ainda por trás.

– Daniella, eu não me conformo, sabe? Então, era por isso que eu não podia pisar naquele lugar. Papai sempre soube que eu nunca aceitaria que crianças trabalhassem. Isso é crime!

Tínhamos consciência de que denunciar papai às autoridades de Pedro Afonso seria perda de tempo. Com certeza, eles estavam a par de tudo o que acontecia, e eram coniventes, fazendo vista grossa, infelizmente! Quantas pessoas ele não deveria ter subornado, nesses anos todos, a começar pelos pais das crianças? O que teria prometido a eles, para permitirem que seus filhos saíssem de seus lares?

* * *

O clima de romance que estava vivenciando até então com Luciano ficou em segundo plano em minha vida. Tinha que fazer algo para terminar o sofrimento daquelas vítimas. Onde estavam os pais das crianças? A maioria esmagadora era de meninos, provavelmente por serem mais fortes.

Era necessário que as denúncias chegassem ao conhecimento das autoridades da capital do Estado de Tocantins, para que algo acontecesse e os culpados fossem punidos, mesmo sendo o principal implicado o nosso pai.

– Reunir e apresentar provas concretas serão cruciais para o sucesso da denúncia – ponderou Luciano. – De nada adiantará chegar à capital com palavras somente: não seremos levados a sério.

Decidimos retornar no dia seguinte, na parte da tarde com máquina fotográfica e uma câmera para filmar tudo.

Entramos em um acordo: César e eu não iríamos enfrentar nosso pai, seria muito perigoso. No café da manhã, não falamos uma palavra sequer sobre as crianças. Para continuar a manter um contato normal com papai, foi preciso sangue-frio. Olhávamos para ele e não notávamos nenhum tipo de culpa ou consciência pesada. Aquele homem que escravizava crianças era nosso pai, alguém que um dia cheguei a amar.

– O que foi, Daniella e César? – perguntou mamãe, estranhando. – Vocês parecem dois zumbis que acabaram de se levantar das tumbas. Estão com uma

cara, que só vendo!

– Acho que foi o calor da madrugada, mamãe – disfarcei, olhando para meu irmão e reparando que estava com enormes olheiras. Imaginei que o mesmo deveria estar visível em mim. – E havia perninhos no quarto...

– Minha filha era só ligar o ar condicionado!

César quase que se engasgou com o café, mas endossou:

– É mesmo. Havia perninhos... Precisa avisar a empregada para fechar as janelas mais cedo.

Papai continuou lendo seu jornal, sequer sem levantar os olhos para nós.

* * *

Mais tarde, conseguimos entrar nos laranjais sem cruzar com nenhum vigilante. Com o zoom da câmera fotográfica, registrei aquelas crianças com sacolas nos ombros em plena atividade de trabalho.

Era uma cena escabrosa, típica de filmes como “Metrópolis” ou “Tempos Modernos”: centenas de crianças, em meio a pouco mais de duas dúzias de adultos recolhiam laranjas, de maneira autômata. Captei o momento em que as crianças colhiam os frutos: todas apresentavam os braços arranhados e algumas, com o rosto também. Uma delas se machucou em um galho pontiagudo no exato momento em que disparei a câmera. Para minha tristeza, era o mesmo menino da estrada, que já estava com o braço enfaixado.

– Olhem! É o garoto que eu estava procurando, o que encontrei na estrada, ferido – sussurrei. – Deve ter sido capturado de novo pelos capangas de papai.

Luciano filmava tudo, enquanto meu irmão só observava em silêncio, mordendo os lábios. Fiquei preocupada com ele.

– César, por favor, não vá se descontrolar e invadir o laranjal.

– Não farei isso, mana, fique tranquila. Apenas quero que todo esse inferno acabe logo! – disse-me.

Eram quase quatro horas da tarde, e o Sol continuava inclemente! Eu, que já sofria de uma certa fotofobia, mal conseguia manter os olhos abertos naquela claridade ofuscante. Deduzimos que as crianças, além de trabalharem sem

proteção adequada – sem uma viseira ou boné na cabeça –, não estudavam e não eram bem alimentadas. Estavam desde as primeiras horas da manhã trabalhando em pé. Uma parte das crianças estavam sentados, acredito que pelo forte calor, revezavam os “trabalhos”.

Constatava naquele momento que nada poderia mudar o comportamento e o modo de pensar de meu pai. Sua capacidade de passar por cima de quem quer que fosse para atingir seus objetivos o transformara em um monstro para mim e César.

Com todo o material pronto, voltamos para a cidade, dirigindo-nos à casa de Oswaldo.

* * *

Fez-se um silêncio prolongado, após a sessão de tudo o que tínhamos registrado. Os integrantes da banda ficaram revoltados, mas não sabiam como expressar livremente em palavras a raiva que o responsável por aquela situação lhes inculcava. Por fim, desabafaram:

– Vocês nos desculpem, César e Daniella, mas o seu pai é um tremendo de um filho da puta, cafajeste, velhaco, imoral...

Meneei a cabeça, concordando em silêncio. Infelizmente, era tudo aquilo mesmo.

– Bem, agora é embalar essa fita e mandar para a capital – disse Eduardo.

– Melhor: vou enviar pelo correio para a residência de meus pais – sugeri Luciano. – Lá na capital eles vão pessoalmente ao Ministério do Trabalho. Pelo que sei, o ministério tem um setor responsável para combater o trabalho infantil.

Todos aprovaram a ideia.

– Essa roupa que estou usando vem do trabalho daquelas crianças; isso me faz culpada. A vontade que tenho é de fugir – desabafei.

– Calma, Daniella, você não tem culpa de nada. Junto com seu irmão, vocês vão salvar aquelas crianças – encorajou Oswaldo.

Neste momento, a porta da sala se abriu. Ana chegara sem aviso, sem nos dar tempo de desligarmos a televisão. Eu desejava que o mínimo de gente soubesse de nossos planos, antes de mandarmos o material para a capital.

– O que vocês estão assistindo? – perguntou intrigada.

– Não é nada – respondi.

Levantei depressa para desligar o aparelho de televisão.

– É um filme? Pareceu-me a plantação de laranjas de seu pai, Daniella? – insistiu Ana.

– Não é – respondi ao desligar a tevê por meio do controle remoto.

– E essas pessoas colhendo laranjas? – perguntou Ana – É um documentário?

“Droga” – praguejei em pensamento –, “ela tinha que chegar bem nesta hora?”

– Pessoas? São crianças! Não viu? – explodiu meu irmão.

– Nossa! Eu vi. Não precisa reagir assim, César.

– Ele está nervoso porque descobriu a existência de trabalho infantil na colheita de laranjas do Coronel Jorge – contou Eduardo.

Não sei por que, mas na hora não gostei do Eduardo ter revelado tão abertamente à Ana sobre o que tínhamos descoberto. A culpa era minha: afinal, não tinha pedido segredo para ninguém. A questão é que ela soube e não sabia se era boa coisa ter conhecimento do assunto. Sua reação foi duvidosa.

– Puxa, é mesmo? Bem, só passei para dar um “alô” a vocês – disse Ana, sem esboçar reação. – Não quero atrapalhar, estou de saída. – Jogou um beijo no ar para todos e deixou rapidamente a casa de Oswaldo.

Não havia mais nada a fazer em relação às gravações, senão enviar pelo correio para os pais de Luciano. Isso seria feito assim que pudessem ser anexadas as fotos, que seriam reveladas em uma cidade vizinha por Eduardo, para não levantar suspeitas.

Queria o quanto antes que as providências fossem tomadas e a liberdade chegasse à vida daqueles seres inocentes que estavam tendo sua infância destruída pela ambição perigosa de meu pai.

Capítulo V

Reviravolta

Na noite seguinte, fomos mais uma vez ao centro da cidade alimentar os sem-teto. Estávamos apenas em dois: o César e eu, pois os demais integrantes da Confraria andavam envolvidos em outros compromissos particulares. Não poderíamos nos deixar abater pelo nosso drama familiar e esquecer que havia pessoas vivendo problemas graves tanto quanto os inocentes da lavoura do Coronel Jorge. E isso se confirmou tão logo avistamos alguns velhos conhecidos, deitados sobre os degraus da igreja matriz.

– Dona Daniella, Seu César! Que bom que vocês se lembraram da gente nesta noite! Ontem, tivemos que nos virar com umas sobras do restaurante do Seu Olavo! Olha, mas foi dureza ter que disputar a lata de lixo com os cachorros – disse Max, um negro ainda forte, mas cujos cabelos totalmente grisalhos denunciavam o avançado da idade, enquanto segurava em minhas mãos. Seu rosto se abriu numa gargalhada alta e forte, mostrando a boca desprovida de dentes.

Passei a mão em seu cabelo crespo esbranquiçado, sem me sentir cobrada. Eles, os moradores de rua, não exigiam nada; apenas aceitavam o que recebiam de nós e quando recebiam. Não havia uma relação de dependência; apenas de amizade e reconhecimento.

A sopa daquela noite estava bem caprichada e farta em legumes e carne. Ao servir uma cumbuca para o meu velho amigo Olavo, notei que havia – meio escondido pela escuridão, onde a lamparina da rua não alcançava – nos últimos degraus da escadaria, um vulto imóvel.

– Quem é, seu Olavo? Um novo integrante da rua?

– Ah, esse aí? Coitado, seu nome é Alexandre. É um menino, apenas. Não tem para onde ir; parece que foi abandonado pelos pais. Não é de muita conversa, não. Chegou ontem à noite, meio macambúzio. Parece que era maltratado, por

onde andou.

Sorri na direção do menino, cujas feições ainda não conseguia ver.

– Venha cá, Alexandre! Tem uma sopa deliciosa te aguardando! Desça até aqui, vamos! Somos amigos!

– Isso mesmo – endossou César, fazendo gestos com a mão, para que se aproximasse. – Venha até aqui, que queremos conhecê-lo melhor.

Ele veio, desconfiado, pé ante pé. Quando a claridade da lamparina bateu em cheio em seu rosto, quase derrubei a concha de sopa.

– Não é possível! V-você... Você estava na fazenda de p-pa... – interrompi a frase para não me comprometer. Meu susto era enorme. – Você é o menino que encontrei no outro dia, na estrada, não é mesmo?

– Sou eu mesmo – disse, desconfiado e monossilábico. – E a senhora, o que faz aqui? Parece que está sempre por perto, me rondando... É do Juizado de Menores?

Tranquilei-o, dizendo que era apenas uma pessoa que não gostava de injustiças sociais. Em volta da pequena fogueira feita com papelões, jornais e restos de caixotes de madeira de feira, após devorar a sopa e ainda repetir, Alexandre nos contou sua triste história de vida. Parecia um prisioneiro saído de um campo de concentração, que não se alimentava havia dias.

– Meu nome é Alexandre. Tenho 9 anos de idade... Quer dizer, pelo menos eu tinha, até o outro dia.

Eu me espantei ao saber sua idade. Aparentava bem menos; não lhe daria mais do que 7. E não tinha a vivacidade, nem a linguagem de uma criança de 9. Através de perguntas induzidas, ficamos sabendo que era de uma pequena cidade do sertão do Piauí, mas a cidade ele não soube dizer. Aqueles dados eram importantes, para que mais tarde pudéssemos mapear a origem de todas as crianças cooptadas para os laranjais de Coronel Jorge.

As condições em que sua família, numerosa, com mais cinco irmãos, todos mais velhos do que ele – pelo que pudemos apurar, duas irmãs suas, também menores, haviam sido vendidas a coronéis da região, para aliviar a carga de ter mais bocas para alimentar, e provavelmente convertidas para a prostituição – vivia eram de penúria absoluta. Água, somente a de chuva, armazenada em

cisternas; comida, apenas quando seu pai conseguia fazer uns bicos ou retirar algo da terra, antes que esta ficasse totalmente ressequida.

– Então, passou um homem lá, dizendo que era mandado por um tal de Coronel Jorge e que queria ajudar a gente. Disse que se me deixasse trabalhar em seus laranjais, passava a mandar dinheiro para papai, de vez em sempre. O que convenceu mamãe mesmo foi quando disse que ia me mandar para a escola. Ela ficou feliz da vida com a ideia de ter um filho seu entendendo os rabiscos que nunca ninguém lá de casa conseguiu... Mas tudo o que faço lá na fazenda é me acabar de trabalhar. Quando paro um instante para descansar os braços cansados, vêm uns homens e nos bate... Não quero mais aquela vida por nada, juro! Quero ir para a escola...

Meus olhos se encheram de lágrimas ao imaginar a sofrida vida que ele levava em sua pequena cidade, castigada pela natureza e esquecida pelas autoridades, mas onde pelo menos deveria contar com o afeto da família. Agora, enquanto alojado de maneira bárbara no galpão dos laranjais, submetido a condições sub-humanas, tratado com um animal e em contato com crianças tão traumatizadas quanto ele, o que lhe restava senão se considerar abandonado por todos, sem enxergar uma luz no fim do túnel?

– Mas... Como você fez para fugir de novo? Como conseguiu sair daquele inferno? – perguntou César.

– Ah, nisso eu sou muito bom! Sou rasteiro e rápido como um corisco! Era o que mamãe sempre me falava – gabou-se, com os olhos brilhantes. – Consigo me mover nas sombras, sem ninguém me perceber. Eu vivia fugindo do papai, quando queria me dar uns cascudos!

Assenti, percebendo que, apesar da infância maltratada, Alexandre era uma criança que tinha a essência dessa etapa de vida; só precisava ter os recursos para viver uma vida plena e esquecer essa má fase.

– Nós vamos te ajudar, Alexandre. Você não terá que voltar nunca mais para esse trabalho que tanto o maltrata. Vou levá-lo para a casa de um amigo – disse César e olhou para mim.

– De quem, mano? Precisamos tomar cuidado ao envolver outras pessoas.

– Do Oswaldo, Dani. Ele é gente boa e vai entender e aceitar um hóspede

mirim por uns tempos. Pelo menos, até fazermos contato com a família do Alexandre...

* * *

Passamos na casa de Oswaldo, que acordou assustado, mas entendeu o drama do pequeno Alexandre, acolhendo-o de bom grado. Este ficou fascinado ao saber que estava na casa de um músico e que havia instrumentos musicais que nunca vira antes em sua vida.

Já deveria ser bem mais de três da manhã quando, deitada em minha cama, tentava inutilmente dormir. Minha cabeça pesava toneladas; dentro da caixa craniana, sentia o sangue bombeando sem parar, em parte talvez pelos pensamentos excessivos que me dominavam. A enxaqueca, persistente, não queria me abandonar, mesmo tendo tomado duas aspirinas. Observava tudo ao meu redor. As imagens daquelas crianças trabalhando vinham com frequência à minha mente, bem como os últimos momentos ao lado do pequeno Alexandre. Tão novo e já tendo passado por poucas e boas...

Estava morrendo de medo de que as denúncias não tivessem efeito contra o coronel Jorge. Qual seria a sua reação quando soubesse que fora entregue de bandeja para as autoridades da capital? E, pior, se descobrisse que os responsáveis por tal ousadia havíamos sido nós, seus filhos? O que ele faria conosco, como revidaria a sua ira contra nós?

Acordei além das nove horas na manhã. Fui chamada pela empregada da família. Ela disse que o Coronel Jorge me chamava lá na sala. Eu não queria ir, mas não tinha o que fazer. Após me arrumar desci e dei de cara com o Marcos.

- Como você está minha querida?
- Estou muito bem. O que faz aqui? – indaguei com frieza.
- Vim visitar minha futura noiva.
- Essa conversa já está enchendo o saco, Marcos. Não sou mais nada sua.
- É sim. Sabe por quê? – perguntou
- Não faço a mínima ideia.

Tinha estampada uma expressão de ironia no rosto. Eu não conseguia me segurar de tanta raiva. Fechei minhas mãos, cravando as unhas nas palmas até sentir que a dor era maior do que a raiva. Minha vontade era sair dali para não

ficar olhando para a cara daquele insuportável.

No começo, não entendi muito bem o que Marcos estava querendo me dizer, mas depois de alguns instantes comecei a me preocupar.

Ele estava com uma expressão de satisfação ao me contar:

– Hahahá! Consegui dar uma liçãozinha naquele seu pretendente! Pus ele para correr e acredito que, tão cedo, não vá ficar te rodeando.

– Como assim? – meu coração gelou.

– Com a aprovação de seu pai, mandei os capangas da família vasculharem toda a cidade para localizar o Luciano. Conversando com o seu chefe, foi moleza descobrir onde ele mora. Quando chegamos à casa daquele desgraçado, ontem à noite, ele nos viu e pulou o muro. Ordenei que os capangas de seu pai fossem atrás dele.

Enquanto ele me contava, eu refazia na mente toda a cena de Luciano fugindo, em desespero, para não ser estraçalhado pela fúria dos homens de confiança de papai. Afinal, eu já conhecia a sua fama de violentos. Despertei de meu devaneio, ao ouvir as palavras finais de Marcos:

– ...Tudo bem, pelo menos o recado já foi dado.

Minha aflição, que não consegui disfarçar, provocou ciúmes no meu ex-namorado:

– O que foi, Daniella? Está preocupada com ele? – me perguntou.

– Sim, estou – disse.

Marcos respirou fundo, segurou em meu braço e disse num tom contido:

– Vamos para a biblioteca, que o Coronel Jorge está te aguardando.

Quando adentrei na biblioteca, fiquei estupefata ao ver que, além de papai, estavam os capangas ao seu lado, e César, com o olhar acuado e a cabeça baixa, encontrava-se sentado no sofá.

– César, o que está fazendo aqui? – perguntei.

– O que você acha? – perguntou meu pai.

– Não estou entendendo.

Ele simplesmente abriu a gaveta de sua mesa, de onde retirou a fita de

videocassete. Estremeci por inteiro, enquanto estabelecia uma rápida troca de olhar com meu irmão.

– Não estou compreendendo nada – balbuciei, disfarçando.

Alguém nos dedara. Antes que entregássemos nosso pai, alguém nos entregara antes para ele. Mas quem?

– Eu achei essa fita, Daniela, na casa do Luciano. Vasculhei tudo e achei essa gravação – contou Marcos.

Não tinha como argumentar. Era o fim para o nosso plano. Sentei-me ao lado de César no sofá e enfrentamos a fúria do Coronel Jorge. Ouvimos tudo o que ele quis e teve vontade de despejar em cima de nós.

– Estou decepcionado com vocês, pela traição que estavam prestes a realizar. Comigo, seu pai! Se não posso confiar em meus próprios filhos, em quem, então, vou confiar? – e bateu com a mão espalmada na própria perna, provocando um ruído que não foi alto, mas me fez estremecer mais uma vez.

Os únicos decepcionados éramos nós. Poderíamos esperar qualquer atitude de um homem que não pensava em mais nada, a não ser em seu próprio bem-estar.

– Como o senhor tem coragem de fazer essa barbaridade com aquelas crianças? – perguntou César.

– Negócios. Elas precisam de trabalho para ajudar a sustentar a família delas lá no nordeste. E eu as ajudo, empregando-as – respondeu.

– *Empregando-as?* Papai, você as explora! Gravamos tudo; sabemos que ficam confinadas, são vigiadas dia e noite. Se quiserem ir embora, são impedidas. Você as trouxe *obrigadas!* – disse indignada.

– Não. Elas foram autorizadas pelos pais de vários estados, Daniella. Eu mando todo mês um dinheirinho para os pais das crianças. Esse foi o combinado. Está tudo certo. Não sei qual é o problema – disse papai, quebrando a fita de videocassete.

– Isso é crime! Mesmo com a autorização dos pais, a lei brasileira não permite o trabalho infantil. Em qualquer país do mundo é assim. Você está indo contra o que se combate no mundo inteiro: criança não pode trabalhar. Naquelas condições insalubres que constatamos, nenhum ser humano consegue trabalhar – César disse, de maneira destemida. A veia de seu pescoço engrossou, enquanto

despejava sua revolta. – Elas moram em um galpão com o esgoto aberto! Você teria coragem de dormir pelo menos uma noite naquele chiqueiro? – finalizou, provocando.

– Não fale assim comigo, seu atrevido. Ninguém poderá fazer nada contra mim, está tudo sob controle. – Agora, era o Coronel Jorge quem se exaltava. – Quero que você saia daqui; o meu desejo era que você saísse desta casa para nunca mais voltar a ver sua cara, moleque. Só não faço nada nesse sentido, pois sua mãe iria me dar muitos problemas. Por isso, te aceito aqui a contragosto – disse.

– Não se preocupe, sairei daqui agora – respondeu César, levantando-se de um pulo do sofá.

Abracei meu irmão, implorando para que não fosse embora.

– Não posso ficar sozinha na mansão! Não me abandone, César.

Controlando a respiração entrecortada, ele engoliu em seco; me beijou na testa e disse, de maneira relutante:

– Está bem, Dani. Eu vou ficar, mas só por sua causa. Porém, nunca me esquecerei das palavras do Coronel Jorge.

- Agora é com você, Daniella – disse papai, logo que César saiu da biblioteca. Se você não aceitar as minhas ordens, vou dar um jeitinho no Luciano. Ele é a pedra dentro do meu sapato.

– Como assim, seu desgraçado? – perguntei, já avançando contra meu pai para agredi-lo.

– Vou matar ele – afirmou papai, ao me empurrar para o sofá.

– Seu miserável, como pode fazer isso comigo? – me desesperei com a ideia de perder o meu amor.

Nesse instante, mamãe entrou na biblioteca pedindo que parássemos de brigar. Pelo que percebi, ela estava nos ouvindo por trás da porta, pois tinha os olhos vermelhos.

– Estou cansado desses filhos ingratos, Adriana. Eles têm tudo. Sabia que os dois estavam planejando me entregar ao Ministério do Trabalho? Tenho traíra dentro da minha própria casa! – dizia papai.

– Jorge, não torne nossas vidas um inferno. Seja racional. Essas crianças são tão frágeis. Não podem trabalhar da maneira que você quer. Quantas já não morreram no decorrer de todos esses anos? – disse minha mãe.

Fiquei estupefata ao ouvir essas suas palavras. Não, eu queria acreditar que escutara mal. Seria muito pior do que o pior dos pesadelos saber que minha mãe era conivente com toda aquela sujeira.

– A-a ...senhora tinha conhecimento do trabalho infantil em nossas terras, mamãe?

– Sim, minha filha – respondeu de maneira resignada. – Sempre tentei convencer seu pai de que isso era uma burrada, e que um dia alguém iria denunciá-lo.

– Estou muito decepcionada com você, minha mãe. Não esperava essa frieza da senhora, só para proteger esse monstro.

– Não fale assim. Ele é o seu pai.

– Pai? Que pai? Nunca tive um, que fosse presente em minha vida. Ele é maldoso, cruel. Não existe sentimento dentro de seu coração. Não merece nenhum carinho de minha parte. Para mim, ele é um monstro!

– Pouco me importa o que você pensa de mim, Daniella. Já te dei o recado. Neste final de semana haverá uma festa para oficializar seu noivado com Marcos – avisou papai. – Caso queira pagar para ver, é só me dizer que terei o maior prazer em pôr fim à vida daquele atrevido – disse, antes de se retirar da biblioteca junto com seus capangas.

Marcos permanecia ali calado o tempo todo, apenas acompanhando a conversa. Tudo estava conforme desejava; bastava olhar para ele para perceber o seu deleite com toda a discórdia reinante!

– Daniella, meu amor, não fique assim. É que você ainda não percebeu que me ama de verdade – disse, por fim, avançando em minha direção. – Depois que casarmos, você vai ver, vamos formar uma linda família – e aproximou seus lábios do meu rosto, tentando me beijar na boca.

Ficou só na tentativa. Não permiti que encostasse um dedo em mim.

– Vá embora agora, não quero ver você! Sabe que não te amo e fica forçando um casamento que não desejo. Vá embora.

– Eu vou, sim, mas saiba que seu pai já contratou a empresa que irá organizar o nosso noivado. A partir de amanhã, eles estarão aqui na mansão para iniciar os trabalhos. Com licença, dona Adriana – disse Marcos.

– Vá com Deus – respondeu mamãe.

– Vá para o inferno! – gritei.

Marcos nem olhou para mim; fingiu que não me ouviu e seguiu para fora da biblioteca.

– Ai, que ódio! – Coloquei as mãos na cabeça, repuxando os cabelos.

– Daniella, minha filha, você não pode agir assim. Vai piorar as coisas. Sua vida ficará insuportável – disse-me mamãe, apoiando a mão em meu ombro.

– É o seu querido marido que deixa a minha vida insuportável. Um dia, ele receberá o castigo que merece. Espero que seja o quanto antes!

Sai da biblioteca correndo com a sentença deferida, minha vida amarrada ao lado de que eu não amo. Chorando sem cessar, parecia que estavam em câmera lenta subindo os degraus da escada em direção ao meu quarto.

Só de pensar em perder Luciano, meu coração começava a doer. Mas meu pai era muito perigoso; qualquer ameaça feita por ele convertia-se em ação caso fosse contrariado. Não repetia duas vezes. Não dava nenhuma chance.

Ele me colocara contra a parede: noivar com o Marcos para me casar em poucos meses ou ver Luciano morto!

Chorava só de pensar em qualquer ameaça ao meu grande amor. Preferia que nada acontecesse com Luciano: antes feliz com outra, mesmo longe de mim, do que vê-lo morto por minha causa.

Tive de aceitar o noivado sem discutir nada. Meu pai tinha todo o poder em suas mãos. Ele decidia o que queria, e tudo deveria acontecer subordinado aos seus desejos!

* * *

Soube depois, por intermédio de César, que Luciano estava bem. Segundo meu irmão, fora apenas um susto: os capangas não conseguiram pegá-lo. Caso o tivessem alcançado, seria uma surra só: eles não estavam de brincadeira e

Luciano poderia ter morrido de tanto apanhar.

Baseado nos detalhes que meu irmão passou para mim, decidi romper com Luciano e esquecer tudo o que passamos juntos. Esquecer? Meio improvável, pois apesar dos poucos dias, haviam sido momentos que iriam permanecer para sempre em meu coração.

Exigi de mim um enorme esforço não pensar mais nos melhores momentos de minha vida ao lado de Luciano, fingindo que nada ocorrera, e voltar definitivamente para os braços do Marcos. Mas preferi que fosse dessa maneira a colocar a vida do meu grande amor em perigo.

Fiquei aflita só de imaginar de que maneira terminaria tudo com Luciano. Eu teria de convencê-lo de que não o amava mais. Não poderia brincar com as ameaças do meu pai: sabia que ele não estava blefando.

Recebi um bilhete de Luciano por intermédio de meu irmão.

Daniella, preciso e anseio vê-la novamente. Encontre-se comigo no fim desta tarde, próximo às margens do rio Sono. Te amo. Luciano

Dobrei o bilhete, feliz com suas palavras, mas com um peso enorme no coração. Seria a minha oportunidade de expulsar Luciano de minha vida.

Aquela tarde demorou uma eternidade para passar, como se o relógio quisesse me torturar ainda mais na difícil decisão que teria de tomar. Uma hora antes do horário combinado, saí de casa, caminhando lentamente ao meu destino. Imaginei se seria assim que os animais em vias de ser sacrificados, a caminho do abate, se sentem próximos à sua hora final.

Diversas cenas de nossos momentos mais marcantes repassaram diante de meus olhos: lembrei-me do jantar à luz de velas que preparara para mim. De seus beijos e de tudo o que aconteceu em seguida, selando o amor que sentíamos um pelo outro. Desde o instante em que o conheci, minha vida ao lado dele fora só felicidade e êxtase. Até então, nunca soubera o que era amor antes. Todas minhas paixões de adolescente pareciam pálidas sensações, arremedos de paixão.

Perdida nesse mar de sensações revisitadas e sofrimento, quando me dei conta, estava já às margens do rio Sono. O coração disparou como sempre acontecia, cada vez que via Luciano. Estava de costas, olhando para as nuvens refletidas nas

águas, me aguardando no mesmo local da primeira vez.

Como que pressentindo minha aproximação, virou-se e seus olhos brilharam: pareciam que tinham luz própria. Sem esperar por qualquer palavra minha, ele se ajoelhou diante de mim e segurou em minhas mãos.

Fiquei sem reação. Se soubesse que ele iria fazer aquilo, naquele encontro em que eu tinha determinado encerrar o nosso relacionamento, nunca teria aceitado o convite. Pensei que apenas nos veríamos.

Quando começou a declamar uma poesia, tentei impedi-lo, mas Luciano não permitiu que eu falasse nada. Olhando fixamente em meus olhos e segurando minhas mãos nas suas, recitou seu lindo poema para mim:

*O céu azul,
Seus olhos azuis.
Garota, seu sorriso me encanta.
O luar vê nossos beijos,
Com as estrelas a brilhar:
Não há nada que impeça nosso amor.
O Sol no verão,
Bronzeando sua pele de seda.
Um momento de êxtase:
Você vindo ao meu encontro,
Sua pele de seda,
Seu olhar brilhante,
Seu corpo perfeito...
Eu sonho e desejo,
Garota, que você seja minha esposa.*

– Amo você, Daniella – ele encerrou a poesia com essa frase singela.

– Luciano, preciso conversar com você. É sério.

- Espere, tenho uma surpresa, espero que goste.

As lágrimas começaram a se formar teimosamente em meus olhos. Olhei para o alto, tentando impedi-las de escorrerem pelo rosto. Faltava-me coragem para encarar Luciano. Como era de esperar, ele percebeu que eu estava chorando, mas não sabia que não era pela emoção provocada pelo seu poema e sim pela decisão que fui obrigada a executar.

- Daniella... Mas... espere! Você não ficou feliz com o meu poema. Você está triste? - Ele segurou em meu queixo, tentando decifrar a minha expressão de tristeza. Em seguida, segurou a minha mão direita na sua.

Em questão de segundos, procurei refletir rápido e decidi que seria firme com ele para não lhe dar brechas de alguma tentativa de convencimento de sua parte.

- Quero que você largue minha mão. Não quero ouvir mais nenhuma palavra vinda de você, Luciano.

Por alguns instantes ele ficou paralisado, provavelmente processando a maneira grosseira com que me dirigia a ele.

- Por que está falando assim comigo? - indagou, já afastado de mim.

- Você não fez nada. Apenas eu pensei melhor, analisei o que quero para a minha vida. E cheguei à conclusão inesperada, até para mim, mas é a minha decisão final: aceitei o pedido de noivado de Marcos - soltei.

- O quê? E nós? Você disse que já não tinha mais nada com esse cara; agora, mudou tudo?

- Sim. Eu estava muito confusa, precisava de um tempo para refletir melhor. E nesse tempo que fiquei longe de Marcos, conheci você. Tudo bem, ficamos juntos por um tempo, só isso, não houve nada sério entre nós. Foi uma boa curtida, a nossa.

- *Curtida?* Não estou te reconhecendo, Daniella, e nem esse seu linguajar. Você até aceitou o meu pedido de namoro! O que está acontecendo, por favor, diga a verdade... O que está me escondendo?

- Luciano, não complique ainda mais essa situação constrangedora. Ao ficar com você, eu estava confusa, não sabia direito o que queria da vida. Meus sentimentos estavam embaralhados. Ao seu lado, descobri o que realmente quero para a minha vida, e com certeza não é ficar com você para o resto de meus dias

– disse, mordendo os lábios com força.

– Está me dizendo que me usou, mentiu para mim ao dizer que não amava o Marcos? Que seus sentimentos por mim não significaram nada? – Luciano tinha os olhos muito arregalados, como se quisesse despertar de um pesadelo. – Fui apenas um passatempo para você?

– Sim. É que não sabia como dizer. Estava com pena de você, pois permiti que se apaixonasse por mim e chegasse a esse ponto. Resumindo, não quero mais ver você. Não mande recados pelo meu irmão. Agora vou embora. Torço por você; espero que descubra alguém à sua altura – disse aos borbotões, já virando as costas.

O coração palpitou com mais rapidez ao ver cair aos meus pés uma caixinha vermelha de veludo, de onde duas alianças rolaram até pararem lentamente, uma longe da outra.

– O que significa isso, Luciano? – balbuciei.

Quando as pessoas falavam para mim que a dor do rompimento de um amor é muito forte, não acreditava. Mas, é incrível: senti como se o meu coração estivesse sendo partido ao meio.

– Era essa a surpresa que eu estava preparando para você: te pedir em casamento. Diante do fato consumado, ou seja, uma vez casados, ninguém poderia impedir nossa relação – Luciano explicou, com tom amargurado, enquanto se dirigia para recolher as alianças, largadas no chão. – Até um plano de fuga eu botei para que nossas vidas pudessem ser apenas felicidade, longe deste mundo de injustiças.

Estava sem ação, minha voz não saía. Olhava para as alianças, pouco a pouco sendo molhadas pelas águas do rio. Sono até se lambuzarem de lama. Só pisquei quando vi que Luciano as pegou, guardando-as de novo na caixa de veludo.

– Foi apenas uma ilusão de uma garota que não sabia o que desejava exatamente – continuei a farsa, sem me virar para ele. – Ainda bem que tive coragem de te falar a verdade, Luciano, antes que você se envolvesse mais por mim.

– *Envolver mais?* – Luciano quase cuspiu essas palavras diante de meu rosto. Eu até fechei meus olhos. – Eu amo você!

– Mas eu não amo você. Apenas me atraiu fisicamente. Para que você não tenha prejuízo, mande limpar essas alianças e devolva para a joalheria. Se tiver sorte, eles aceitarão de volta e o seu dinheiro será recuperado.

Eu nem acreditava que era capaz de falar palavras tão frias e calculistas, desprovidas de sentido diante do buraco que se formava dentro de nossos corações. Fui embora deixando para trás o homem que amava. Quando já estava longe, olhei-o mais umas duas a três vezes. A última imagem que registrei na mente foi a de um Luciano desamparado, com as mãos sob a cabeça e ajoelhado. Chorava igual a uma criança perdida da mãe.

Capítulo VI

O noivado

Por sorte, pelo menos as fotos tinham ficado a salvo. Antes que papai pusesse a mão em todas as provas de seus atos hediondos, Luciano havia ido à cidade vizinha na véspera da invasão de sua casa, para deixar os negativos para revelação em uma loja. Havíamos ficado sem a gravação, mas tínhamos o registro das crianças trabalhando nos laranjais através das fotos que, agora, encontrava-se em meu poder. Melhor dizendo, em poder de Adelaide, a única jornalista idealista que insistia em permanecer em Pedro Afonso, em vez de ganhar a capital Palmas, São Paulo, Rio de Janeiro ou Brasília. Era minha amiga desde a infância, e eu invejava nela seu idealismo e amor à profissão de repórter. Dizia que estava emprestada à nobre causa da verdade e da denúncia contra as grandes mentiras da humanidade. Como a grande maioria dos jornalistas, era uma ateia cheia de paixão e convicções.

– Pronto, Adelaide, agora você tem sua chance de acontecer no jornalismo local e, quem sabe, até no nacional. Estou entregando em suas mãos o maior furo sobre trabalho infantil escravo que já se teve notícias no Brasil. E tudo com provas, como seus próprios olhos podem avaliar – e entreguei em suas mãos as dezenas de fotos que registravam as expressões cansadas, abatidas e sofridas das crianças em sua labuta nos laranjais de Coronel Jorge.

– Mas...mas, Dani! – ela me olhou estupefata, sem conseguir atinar com a lógica de meu ato. – O que significa isso? Onde foram tiradas essas fotos?

– Foram tiradas pessoalmente por mim, nos laranjais de Coronel Jorge, faz menos de uma semana. São verdadeiras, pode confiar em mim!

– Uhuuu! Nossa, que notícia quente! – Adelaide lascou um beijo em minha bochecha. – Olha, eu sei que não deveria ficar feliz com uma notícia tão escabrosa como essa, mas... Só de saber que vou poder escrever uma matéria jornalística, denunciar e colocar fim a tudo isso... Só não estou entendendo... Você falou “Coronel Jorge”? Ele é o seu pai... Como é isso?

Expliquei tudo a uma atônita Adelaide de que maneira descobrira todos os

podres do Coronel Jorge, e como julgava importante que ela, em seu papel de jornalista idônea – mais do que qualquer outra pessoa –, fizesse a denúncia do trabalho infantil escravo nas terras de papai.

* * *

Dias depois...

– Daniella, papai aumentou a segurança em suas terras. Espalhou guardas por vários pontos, e há até capangas escondidos entre os laranjais. – César me abraçou após terminar de contar isso, faltando pouco menos de uma semana para o meu noivado.

– O que pode significar isso? – perguntei, preocupada.

– Significa que, com certeza, papai não pretende parar com o sistema de trabalho infantil. Nós estamos sendo vigiados; qualquer movimento nosso no sentido de denunciá-lo, ele vai saber antes e impedir nosso plano.

Como iríamos agir, diante daquele cerco? Acuado pelo noivado que se aproximava e acuado pelo meu pai, que nos vigiava com rédea curta... Eu me sentia a ponto de explodir, de tão estressada com os últimos acontecimentos.

– Meu irmão, você já parou para pensar como papai soube de tudo? – De repente, algo se fez muito claro na mente: – Alguém nos delatou. Mas quem?

– Mana, nós da banda estamos desconfiando de Ana.

– Por quê? – perguntei, preocupada. Era certo, porém, que ela nunca me inspirara maior simpatia, pelo seu jeito dissimulado.

– Suspeitas. Nada confirmado ainda. Iremos nos reunir para descobrir se ela nos traiu ou não. A reação dela na casa do Oswaldo foi muito fora do comum. Quando soube que estávamos assistindo a uma gravação das crianças na fazenda de nosso pai, ela saiu rapidamente. Lembra?

– Claro, até comentamos entre nós sobre essa reação. Safada!

– Calma. Não temos provas de nada. Precisamos ver isso depois.

– O que vamos fazer, César?

– Não sei, mana. Mudando um pouco de assunto: tem certeza do que está fazendo? Vai mesmo se noivar com esse pilantra?

– Sim. Eu percebi que a minha raiva não é contra o Marcos.

– Não?

– Eu apenas usava isso como argumento. Na verdade, o que me causa fúria é ter de receber ordens do Coronel Jorge. Pensei bem, e cheguei à conclusão de que, independente de papai me obrigar a manter um relacionamento com Marcos, eu acabaria sendo sua namorada.

– Quantas vezes flagrei você chorando? E as brigas com papai? Agora vem dizer que estava confusa? – César franzia a testa, perplexo. – Não estou te reconhecendo, Dani. Você está me escondendo algo, eu sinto. Por que não se abre comigo?

Para me esquivar de tantas perguntas para as quais eu mesma não tinha resposta, respondi rápido:

– César, estou cansada e com dor de cabeça. Tenho que descansar um pouco; mais tarde a gente se fala. Um beijo, meu irmão!

Deixei-o na sala com um semblante no qual se lia que não tinha acreditado em nada do que eu falara.

Aproximei-me da sacada de meu quarto, olhando para o horizonte. O dia estava tão perfeito. Ao contemplar o sol dominando o céu, compreendi por que ele tem o apelido de astro-rei. A natureza mostrava-se mais exuberante do que nunca. Minha visão era privilegiada, e podia observar a todos no jardim dando os toques finais para a festa do meu noivado.

Logo, a forte claridade incomodou meus olhos. Usei a mão para encobrir o rosto dos raios solares. Por estar no segundo andar, conseguia enxergar o movimento de pessoas na rua, que passavam próximas da mansão. Caminhando, reconheci o Marcos. Sem dúvida, estava vindo me ver.

Quando chegou perto da entrada principal da mansão, pronto para tocar a campainha, uma garota correu em sua direção com os braços levantados e gritando.

Não consegui distinguir quem era ou se a conhecia, mas Marcos olhou para trás e pareceu reconhecê-la, pois ficou parado, aguardando sua aproximação. Não me interessava saber com quem Marcos conversava ou tinha intimidade, por isso já ia me afastar da sacada, quando reconheci a jovem. Era Ana.

Eles conversavam com muita intimidade, segurando na mão um do outro. Não estava entendendo, ou melhor, não queria entender. A conversa durou pouco, mas se despediram com um selinho, e Marcos recebeu um carinho em sua face. Depois disso, Ana seguiu em direção contrária, tomando outro destino, enquanto o canalha do Marcos seguiu em frente, sem entrar na mansão. Felizmente desistiu de me ver.

Tudo se encaixava. Tudo mesmo! A vagabunda da Ana vira o vídeo e contara para o Marcos. Eles tinham um caso!

Já podia antecipar tudo: mesmo casado comigo, o desgraçado, com certeza, iria continuar seu caso com a Ana, e eu seria a coitadinha traída de Pedro Afonso. Repetindo o mesmo destino de minha mãe!

Sentei-me na cama e mirei a imagem atarantada no espelho. O que eu via? Uma tola. Lembrava naquele instante da exposição de meus sentimentos diante de Ana. Desabafara com ela em sua casa. Revelara todos os meus sentimentos, entregara tudo de mão beijada. Ela deveria ter contado tudo para o Marcos. Sim, agora não tinha dúvidas: Ana era a responsável por me trair, enquanto me divertia na boate ela chamou o Marcos. Como o meu namorado era muito falso, conseguiu disfarçar bem. As suspeitas de meu irmão estavam certas. Os dois se mereciam mesmo.

* * *

A cidade inteira ficou agitada com a minha festa de noivado. O mês era propício: maio, mês das noivas. Qualquer mulher tem o sonho de ficar noiva nesse período do ano. Lembro-me de vários casais que realizaram a festa no segundo domingo, aproveitando o dia das mães.

No meu caso, tudo aconteceu no último domingo de maio. Na minha opinião, o evento seria bem simples, com apenas um almoço entre os integrantes da família de Marcos e a minha. Mas, como ostentar o seu poder e o seu dinheiro era o que meu pai sabia fazer melhor e até precisava para se autoafirmar como o grande poderoso de Pedro Afonso, decidi realizar uma festa de arramba. Festa à fantasia, como sugerido pela minha mãe.

* * *

Dois dias antes da cerimônia de noivado.

Recebi da empregada a encomenda da loja da capital. Era o vestido que usaria na festa de noivado: uma fantasia de princesa.

Ao recebê-lo, nem o provei, orientando para que ela guardasse dentro de meu guarda-roupa.

Enquanto a empregada deixava o quarto, César, entusiasmado, entrou e sentou-se ao meu lado, na cama:

– Dani, tive uma ideia fantástica: que tal uma banda de música ao vivo para animar a sua festa? Podemos aproveitar a estrutura do palco que já está montado nos fundos do jardim para nos apresentarmos com um show.

– Não sei, César – meneei a cabeça, preocupada. – Papai nunca aceitará que você se apresente como um cantor de uma banda de Rock. Sabe disso, né?

– Mana, até batizamos a banda. Foi escolhida por unanimidade: “Liberdade Condicional”. Que tal o título?

Concordei em silêncio com a cabeça, enquanto me tornava reflexiva. Achei bastante criativo e até me identifiquei com o título. Era a vida que eu levava: tinha uma falsa liberdade – aliás, uma pseudoliberalidade –, obrigada a seguir ordens que contrariavam os meus desejos.

– Uma vez que será uma festa à fantasia, jamais o Coronel Jorge irá descobrir que o vocalista sou eu, seu filho.

Vendo por esse ângulo, disse ao meu irmão que poderia dar certo. Seria arriscado, mas era a única maneira da banda estrear na cidade de Pedro Afonso.

– Estava conversando com o Luciano sobre vocês dois – disse meu irmão, de maneira breve, analisando minha reação.

– Não me interessa nada do que vem dele – respondi, de maneira impassível.
– Já está decidido.

– Então, é isso mesmo.

– Como assim?

– Mana, você acaba de dizer que vai noivar com o Marcos porque decidiu. Não pelo fato de você desejar isso do fundo de seu coração. Entende? Mais uma vez, está sendo obrigada. Agora, por que, não faço a mínima ideia... Vinha

lutando pela sua felicidade e, de repente, muda tudo e volta para trás. Por acaso está sendo ameaçada?

Levantei-me da cama, virando-me de costas para César, para que ele não lesse o desespero em meus olhos. Eu não era tão dissimulada assim.

– Pare com essa imaginação fértil. Estou bem, apenas um pouco nervosa pelo noivado daqui a dois dias.

Tentava ao máximo esconder a verdade. Mas meu coração titubeava. Embora firme por fora, estava morrendo por dentro. Para disfarçar, pedi para que mudássemos de assunto.

Sem me dar ouvidos, meu irmão continuou:

– Comentei com Luciano sobre a sua mudança repentina. Mas eu lhe disse que você o ama, sim. Aceitou o noivado com o Marcos por um motivo que desconhecemos. E ainda sugeri a ele que não desistisse de você tão fácil assim.

– César, você não fez isso! Não quero que se intrometa em minha vida. Respeito você, mas se continuar colocando o dedo onde não é chamado, serei obrigada a ficar sem falar com você.

– Você é minha irmã! Não vê que está pulando em um abismo sem volta? Ainda existe chance de você abraçar sua felicidade!

– Para mim não existe mais nada – disse, abaixando a cabeça.

– Daniella, você está mentindo, e nem sabe fazer isso bem. Só não percebe isso quem não quer ver.

– Vamos parar de falar sobre mim, porque descobri quem nos traiu.

– E quem é?

– A Ana. Bem que você tinha razão, César.

– Como você descobriu?

– Estava na sacada do meu quarto, quando a vi conversando com o Marcos no meio da rua. Até um beijo na boca eles deram.

– Você diz isso com tanta tranquilidade. Nem parece que ama o Marcos... – provocou César. – Não ficou brava em presenciar tal cena? Não teve ciúmes?

Ele me pegara de saia justa. Indiretamente, acabava de me entregar.

– Não adianta dizer mais nada, minha irmã. Você ainda ama o Luciano. Não é?

Senti-me pressionada. Não estava suportando mais aquela farsa. Meu irmão insistiu e, no final, conseguiu: confessei tudo.

– Dani, eu não me conformo com sua decisão! Você tem que enfrentar o papai!

– Não se intrometa, César. A vida é minha!

– Por mim, você está fazendo a pior burrada de sua existência!

* * *

Véspera do dia do noivado.

A mansão estava de pernas para o ar. Havia uma movimentação de pessoas entrando e saindo, preparando os enfeites, organizando as mesas; enfim, um clima característico da excitação que antecede os grandes momentos, que contrastava com meu estado de espírito acabrunhado. Tudo foi ordenado com o máximo de perfeccionismo possível. Até show ao vivo papai contratou, às pressas. Esse último detalhe foi decidido em cima da hora.

Na parte da manhã nem queria permanecer na mansão, pois o ruído provocado pelo zum-zum das pessoas falando ao mesmo tempo me deixava louca.

Pensei em ir à praça para espairecer um pouco, enquanto aguardava o momento em que estivesse tudo finalizado e eu fosse, como peça principal daquela grande farsa, chamada ao palco da festa. A dúvida me corroía por dentro. Mas considerei que sair na rua naquele dia não seria uma boa ideia. Assim, sem opção, decidi ficar em casa mesmo. Passei pelo jardim, que estava lindo com a decoração. Na piscina, haviam sido colocadas lâmpadas especiais por debaixo da água, com o objetivo de provocar um efeito visual de encher os olhos. Com certeza, no período da noite, quando a festa avançaria pela madrugada adentro, o jogo de luzes maravilharia a todos os presentes.

Caminhando lentamente, dirigi-me à sala onde os convidados seriam recebidos. Sentada no primeiro degrau da escada com os cotovelos apoiados nos joelhos, respirei fundo, enquanto a todos trabalharem.

“Nada deu certo!”, murmurei para mim mesma.

Ao relembrar os momentos de felicidade ao lado de Luciano, meu coração se apertou. Segurei as lágrimas para que ninguém percebesse o meu infortúnio.

Não pudera nem ajudar aquelas pobres crianças no laranjal. Estavam sofrendo, vítimas de meu pai. “Mas quem sou eu para dizer isso? Não consigo nem me ajudar, como vou ajudar aos outros?”, eu me martirizava.

Depois que passasse toda aquela turbulência de noivado e casamento, iria fazer alguma coisa, sim. Não permitiria que meu pai continuasse impune.

Ouvi o som da campainha. Deveriam ser mais entregas de pacotes, que se avolumavam na sala. Não paravam de chegar presentes caros dos convidados, como se um quisesse competir com o outro em capacidade perdulária. Suspirei, ao refletir sobre a necessidade de ostentação que a alta sociedade de Pedro Afonso tinha. Alguém teria de retirar tudo aquilo antes de iniciar a decoração.

Faltavam em mim curiosidade e menos ainda entusiasmo para abrir os embrulhos. A maioria espalhava-se pela sala, em cima do sofá e pelo chão.

Dalva, a empregada que trabalhava havia muitos anos em casa, passou por mim correndo para atender a porta, pois a campainha, insistente, tocava já pela segunda vez. Ao retornar, vinha acompanhada por uma pessoa que carregava à sua frente várias caixas de papelão.

– O que é isso? – perguntei para Dalva.

– São mais enfeites para a sua festa – respondeu Dalva.

Permaneci estática, sem me mover do degrau, pois parara a caminho do andar superior, em direção ao meu quarto, para observar onde Dalva conseguiria guardar mais um presente? Em vez de serem levadas ao jardim, como complemento da decoração, as caixas estavam sendo descarregadas no meio da sala, seguindo a orientação da própria empregada. Eu mal podia acreditar que havia espaço para mais enfeites no ambiente interno. Quando o rapaz abaixou as caixas, avistei o seu rosto.

– Luciano! – exclamei em voz alta.

Todos na sala olharam para mim. Felizmente meus pais não estavam. O cumprimentei com um fraco “oi” de onde estava.

– Oi – retribuiu Luciano com ar impassível, sem o brilho habitual em seu olhar.

– Pronto, moço. Já conferi tudo o que foi entregue. Por favor, vou acompanhar você até a porta – disse Dalva.

– Não! Espere! – eu disse sem pensar.

– Eu não posso ficar aqui, tenho que trabalhar. Com licença – respondeu Luciano.

– Luciano, não fique com raiva de mim. – Aproximei-me dele, parando à sua frente, quase perto da porta.

Orientei Dalva que fosse para a cozinha, explicando que o rapaz era um amigo.

– Amigo? – indagou Luciano, quando a empregada se afastou de nós.

– Sim, quero ser apenas sua amiga.

– Que pena, eu não quero ser seu amigo – disse, enquanto retirava o boné que tinha na cabeça.

– E o que você quer?

– Ser o seu marido, o seu homem – respondeu, olhando de maneira franca e direta em meus olhos. Senti-me aprisionada por aquele olhar.

– Isso não pode acontecer. Você sabe que vou me casar com Marcos. Mas não quero perder contato com você, por isso, não fique com raiva de mim.

– Você é louca? Me disse aquelas palavras tão duras. E hoje pede para ser seu amigo? Não compreendo! Eu estava com a intenção de me casar com você, formar uma família e, do nada, dá para trás e me diz que ama o Marcos...

– Por favor, Luciano, eu tenho um carinho especial por você, mas não a ponto de casar, entende?

– Já entendi. Que pretensão a minha, não? Um simples entregador ter a ousadia de sonhar em se casar com a filha do Coronel Jorge, o maioral de Pedro Afonso. Realmente, muita areia para meu caminharzinho – sua voz soava amarga, assim como meu coração, que se apertava a cada palavra sua desferida. – Me deixe ir embora, antes que seu pai ou o Marcos apareçam. É capaz dos dois me prenderem em um calabouço, se me flagrarem conversando com você. Porque nessa mansão deve ter até prisão da época da Idade Média. Adeus, Daniella – disse Luciano.

Permaneci quieta. Abaixei a cabeça, sem argumentos. Não insisti mais com

ele, que foi embora. A minha reação ao revê-lo, ali bem no meio da sala de estar, me fez concluir com a mais absoluta certeza de que ele era o homem da minha vida. Sentia-me fraquejar com meu ímpeto de me jogar em seus braços. Mas se o fizesse, aí sim, o perderia para sempre.

– Eu amo você – murmurei em voz baixa, observando Luciano já na rua, entrando no carro.

Nossos olhares se cruzaram uma última vez. Desviei o meu. Apenas quando ouvi o som do motor do carro se distanciando é que voltei a olhar para ele. Luciano se tornou apenas um ponto distante, quando finalmente saiu de meu campo de visão, ao virar uma esquina longínqua.

Meu coração parecia também se distanciar junto com ele, ao pensar que nunca voltaria a ter mais nada com ele, que seu amor por mim morria enquanto se afastava. Eu sabia que, entretanto, as chamadas de meu amor por Luciano nunca iriam se apagar.

Não queria lhe dizer “adeus” e, sim, “até um dia”. Pensamentos desencontrados se alternavam em minha mente. Sabia que se me casasse com Marcos, faria a coisa errada. “Ao mesmo tempo, é a coisa certa a fazer”, eu refletia, muito confusa.

E se meus pais estivessem certos, e após me casar com Marcos me acostumassem com ele? Entretanto, eu sabia que, se não desse certo, deveria continuar com ele até o fim de meus dias: casamento é para sempre – pelo menos, na visão da maioria conservadora dos moradores de Pedro Afonso.

Observava a convivência de meus pais, após anos de casamento. Mamãe o amava, mas papai, não, e nem demonstrava nenhum respeito ou consideração especial para com ela. E eles viviam em pé de guerra.

Imaginava a minha vida ao lado de Marcos. Unindo-me a ele sem amá-lo, como seria após alguns anos de casamento? No meu íntimo, eu suspeitava que ele também não me amava. Apenas disfarçava, mentia. O nosso casamento lhe seria muito conveniente: estava de olho no poder que iria herdar. Analisei os fatos, friamente: ele já estava assumindo certos setores do império de meu pai. Passando a pertencer à família Ribeiro Mattos, garantiria por direito sua parte no patrimônio.

Se não fossem as ameaçadoras palavras de papai atentando contra a vida de Luciano, teria aceitado a proposta dele e fugido de Pedro Afonso. Ao seu lado, não tinha a mais leve sombra de dúvida de que valeria a pena passar o resto de minha vida.

* * *

Manhã do dia de noivado..

O dia acabava de nascer. Estava de pijama, ainda deitada na cama, olhando pensativa para o teto. Imaginando como poderia ter sido minha vida caso o Coronel Jorge me amasse e fosse um pai legal. Um pai de verdade.

Relembrei a proposta de Luciano para fugir com ele e nos casarmos. Era fato que se fugíssemos para bem longe das garras de meu pai, meu grande amor não correria risco de vida. Aquela constatação me inundou o coração de esperanças. Talvez fosse a solução: fugir com Luciano e me casar com ele. Consagrar nossas vidas a Deus para vivermos nos caminhos de sua graça. Dessa forma, ninguém poderia mais nos separar.

Preparei-me para descer e tomar o café da manhã com minha família.

Na mesa da sala de estar, encontrei meus pais tomando café. César já tinha saído.

- Então, minha filha, está animada para a noite de hoje? – perguntou mamãe.
- Sim, minha mãe.
- Não acha que a minha ideia de fazer uma festa à fantasia em seu noivado foi excelente?
- Sim, minha mãe – repeti maquinalmente.
- Convidei o Marcos para o café da manhã conosco – disse papai.
- Decerto ainda não acordou – disse minha mãe, condescendente.
- Estou estranhando sua atitude, ele nunca se atrasa – papai observou.
- Talvez tenha passado para ver a Ana.
- Por que ele passaria para ver a Ana? – estranhou mamãe.
- Quem é essa Ana? – perguntou papai.
- É uma amiga dele. Acredito que Marcos tenha bastante apreço por ela. Não

acho ruim. Apenas talvez por causa disso ele se atrase para o café – respondi.

– Filha, que conversa é essa, mais sem pé nem cabeça? Não fale assim. Ele é o seu futuro marido – repreendeu-me mamãe.

– Está bem. É que estou com dor de cabeça – justifiquei.

O café da manhã estava uma delícia, parecia ter sido preparado especialmente para aquele dia.

– Bom dia – disse Marcos ligeiramente esbaforido, ao chegar após uns quinze minutos. – Desculpe-me pelo atraso, mas tive alguns contratempos...

– Bom dia, meu filho. Pensei que não vinha mais – disse papai.

Com certeza, César preferira sair mais cedo para não presenciar meu pai tratando Marcos como se fosse um filho predileto, mais legítimo do que ele próprio, sangue de seu sangue. Era compreensível que César tivesse ciúme de Marcos, pois desejava o carinho de papai. Ele não suportava ver o Marcos sendo tratado daquela forma.

– Bom dia – disse mamãe.

– Como passou a noite, meu bem? – perguntou Marcos para mim, enquanto me cumprimentava com um beijo na boca, que aceitei para não levantar suspeitas.

– Bem. Estou com um pouco de dor de cabeça, nada tão importante.

– Nossa! Isso quer dizer que está ansiosa pelo nosso noivado.

– Quem sabe? – respondi, sem que percebessem meu tom de ironia.

Papai e Marcos ficaram conversando sobre negócios, mas ninguém tocou no assunto das crianças.

Minha vontade era sair daquela mesa cheia de podridão. Eles negociavam a venda de grande porte de sucos para os países dos Emirados Árabes.

– O futuro, nos próximos cinco a dez anos, será naquela região – antecipava Marcos, com um entusiasmo visionário.

– Mas há muitos conflitos internos por lá.

– Concordo Coronel Jorge, que existam choques localizados em certos pontos do Oriente Médio, mas em países como a Arábia Saudita não há conflitos. A oportunidade de crescer e ampliar nossas fronteiras comerciais serão com os

xeiques. Eles são biliardários, donos de petróleo – dizia Marcos, com os olhos brilhando de entusiasmo e ambição.

Papai relutava em mandar quase toda a produção para um único país. Seu receio era que, concentrando-se num único fornecedor, a fábrica quebrassem, caso eles resolvessem parar de comprar.

– Nesse caso, o segredo está na diversificação das exportações. Venderemos para outros países da Europa, Ásia, Oceania e também da América. A África do Sul também é um bom mercado internacional.

– Não sei – papai mostrava-se reticente.

– O que não podemos é ficar dependentes apenas do mercado interno. Se acontecer alguma coisa na economia e as vendas caírem no Brasil, para quem vamos vender?

– Pelo que estou entendendo, Marcos, sua estratégia de negócios é ampliar as vendas via exportação?

– Mas é claro, Coronel Jorge.

– Vamos marcar uma reunião na semana que vem com os especialistas da fábrica. Analisaremos ponto a ponto todos os detalhes de sua ideia. Caso seja necessário, criaremos um projeto.

A conversa entre os dois avançava, dando a impressão de que não se encerraria – debaixo das expressões de enfado minha e de mamãe, que não podíamos participar –, até ser interrompida por um telefonema, anunciado pela empregada.

– Dalva, você está careca de saber que não gosto de fazer interrupções em meu café da manhã. Diga a essa pessoa, seja lá quem for, que neste momento não posso atender ninguém.

– Desculpe-me, senhor Coronel. É que ele insistiu muito... Pediu para dizer que é o senhor Fernando Nunes e precisa muito falar com o senhor – disse a empregada, torcendo as mãos.

A reação de papai foi inesperada. Levantou-se e disse que iria atender. Pegou o telefone sem fio da mão de Dalva e afastou-se de nós para que não ouvíssemos o teor da conversa. Marcos, com um semblante carregado, seguiu o Coronel Jorge.

– Quem é Fernando, mamãe? – indaguei.

– Pelo que eu sei, é funcionário público da agência regional do Ministério do Trabalho aqui da cidade.

Fiquei impressionada. O que será que esse Fernando queria falar com meu pai às sete e meia da manhã? O que quer que fosse deveria ser algo muito sério, pelo nervosismo que senti tanto em papai, quanto em Marcos. Enquanto o primeiro falava e trocava olhares com o outro, balançava a cabeça, gesticulando as mãos. Pouco depois, papai desligou o telefone, deixando-o em cima do sofá.

Nem voltou para terminar seu café da manhã. Ambos saíram sem nem nos dirigirem a palavra para se despedir.

– Aconteceu alguma coisa – afirmou mamãe.

– Com certeza, minha mãe. Em se tratando do Ministério do Trabalho, deve ser algo sobre as pobres crianças.

– Como você e seu irmão tiveram coragem de denunciar o próprio pai?

– Eu nem vou responder a essa pergunta, minha mãe. Agora tenho que sair.

– Aonde você vai?

– Vou procurar meu irmão. Quero contar a ele sobre esse telefonema.

– Cuidado, minha filha. Não cutuque a onça com vara curta!

– Eu sei – respondi, antes de me afastar, pensativa.

* * *

Adelaide, a minha amiga jornalista, resolvera fazer uma matéria independente e, para não se comprometer demais, a vendera como *free-lancer* para um grande jornal de São Paulo, em vez de simplesmente veicular no único jornal da cidade, sobre o qual não sabia até que ponto Coronel Jorge detinha influência. Ela havia me ligado na véspera, dizendo que a matéria tivera repercussão nacional. Não contei para mamãe para ela não saber que papai virara notícia em todo o território nacional.

– Então, Dani, será que seu pai ainda não está sabendo de nada? Não foi ventilado nada por aí? – me indagou de São Paulo, para onde viajara para assinar um contrato de exclusividade com o jornal, que queria que desenvolvesse uma série de reportagens sobre o tema de trabalho infantil escravo.

Se papai soubesse de algo, não manifestara nada em casa. Mas o fato de estar sendo procurado por um funcionário do Ministério do Trabalho era sintomático.

* * *

Todas as manhãs, logo cedo, César gostava de fazer caminhadas às margens do rio Tocantins, além dos exercícios físicos que praticava na moderna academia instalada na mansão, com os mais avançados equipamentos de *fitness*.

O local era bem mais movimentado no final das tardes, quando os frequentadores, após a saída do trabalho, caminhavam para queimar as calorias, enquanto outros corriam. Era um ambiente muito agradável, perfeito para fazer piquenique com a família, contando até com estrutura para a prática de esportes.

Ao longe vi meu irmão correndo com a camiseta amarrada na cintura.

Acenei com as duas mãos. Quando me viu, retribuiu da mesma forma, acrescentando um sorriso.

– Como está, minha irmã? – perguntou-me ao se aproximar de mim. – Estou estranhando você por aqui: resolveu aderir à minha prática de corrida? E bem no dia de seu noivado?

– Ainda não estou nessa. Estava à sua procura; não queria esperar você retornar a casa. Tenho novidades.

– E o que é?

– Papai recebeu agora a pouco uma ligação muito estranha de um funcionário do Ministério do Trabalho aqui da cidade.

– Sabe o nome dele?

– Fernando Nunes.

– Sim. Ele é de Pedro Afonso. E onde está nosso pai?

– Não sei. Depois de falar com esse tal de Fernando, papai saiu sem falar nada. O Marcos estava tomando café e foi junto. Os dois pareciam bastante preocupados. Cheguei a comentar com mamãe que deveria ser algo relacionado com a questão das crianças. O que você acha disso, César?

César, ao enxugar o suor da testa, fazia alongamentos para as pernas e o tronco ali mesmo, na minha frente, enquanto prestava atenção às informações que eu lhe transmitia. Por fim, bateu a mão na testa e exclamou:

- É impressionante! Mais uma vez, o Coronel Jorge ganha de novo!
- Por quê? – Não entendia o que queria dizer com aquilo.
- Dani, não seja ingênua! Se esse funcionário ligou para nosso pai agora de manhã, em um horário tão pouco convencional, é porque é pau mandado.
- P-pau mandado? Como assim? O que você acha que ele disse a papai, para deixá-lo tão preocupado?
- Tem um detalhe, minha irmã, que você não está sabendo.
- E o que é?
- O Luciano ligou ontem para os seus pais relatando o que está acontecendo aqui na cidade. Provavelmente eles entraram em contato com a sede do Ministério do Trabalho em Palmas, para fazer a denúncia. Esse tal de Fernando deve ter recebido alguma ligação da capital. Por isso, entrou em contato com nosso pai para tomar as providências necessárias e evitar ser flagrado pelos fiscais. É o que posso imaginar.
- Puxa vida! – Eu estou pasma com o desdobramento dos últimos acontecimentos, desde a nossa descoberta nos laranjais de papai. – E ainda tem a Adelaide, que escreveu a matéria veiculada para um jornal de circulação nacional. Ela me ligou ontem à noite avisando que a matéria seria publicada hoje. Nem deu tempo de avisar você Cesar. Tenho quase certeza que ela também deve ter entrado em contato com o Ministério do Trabalho para fazer as denúncias, mostrar as provas e ainda conseguir alguma entrevista com os mandachuvos do Órgão...
- Eu tinha até me esquecido de sua amiga jornalista. Não há dúvidas, minha irmã: ao mexer em algumas pedrinhas, acabamos provocando uma avalanche. Só espero que não caia tudo em nossas cabeças...
- Meneei a cabeça, concordando.
- Vamos embora? Ou ainda vai correr mais?
- Não, já terminei.

* * *

Após o almoço, lá pelas duas horas da tarde, o tempo começou a fechar. Os

relâmpagos e os sons dos trovões me assustavam. Aquelas nuvens escuras no céu representavam bem o estado em que se encontrava meu coração.

Eu não conseguia tirar de minha cabeça a ideia de largar tudo e fugir com Luciano. Havia tempo para fugirmos. Sabia que podia contar com o apoio de meu irmão. Entretanto, qualquer atitude que pensasse em tomar, meus pensamentos retornavam às ameaças de meu pai, me paralisando.

Um terrível boato espalhava-se na cidade. Eram informações não oficiais. Duas pessoas haviam sido encontradas mortas em uma antiga estrada de terra, usada para chegar a uma linda planície verde com um grande cânion.

As informações chegavam até a mim incompletas. Dalva, a empregada, dizia que era uma coisa; os funcionários que terminavam os últimos retoques dos enfeites diziam outra. Ainda me recordo do falatório, no grande salão.

– Nossa Senhora Mãe de Deus! Aonde vamos parar com essa violência? Fazia tanto tempo que não ocorria crime tão horrível assim, em Pedro Afonso... – exclamou Dalva, fazendo o sinal da cruz.

– Para mim, aí tem – aventou um dos funcionários contratados para a decoração da festa, enquanto subia em uma escada e puxava uma grande fita vermelha, que fixava atravessada de uma ponta a outra, no alto de uma das paredes. – Foi um crime encomendado e muito bem executado...

– Por que diz isso? – perguntei, sem conseguir reprimir a curiosidade, embora detestasse ficar a par dos detalhes mórbidos com que geralmente as pessoas gostavam de esmiuçar as desgraças alheias.

– Ah, não sei direito, mas parece que levaram vários tiros, tipo para ficarem de bico calado mesmo, entende, dona Daniella? Pelo menos, foi o que ouvi falar...

Os detalhes do que realmente ocorrera só saberia depois, quando meu irmão retornasse do local do crime. Mas pressentimentos ruins me corroíam por dentro, o que, confesso, minha mente passara a alimentar de maneira obsessiva nas últimas semanas.

Já estava escurecendo quando meu irmão chegou. Independente de saber do que se tratavam os boatos, pediria ajuda a César e fugiria com Luciano. Eu estava, naquele momento, com toda a coragem do mundo: calara dentro de mim

todos meus temores.

A minha vida estava uma roleta russa: quando parecia que tudo iria dar certo, surgia algum imprevisto para derrubar meus planos.

César tinha o semblante carregado, como se retornasse do velório de parentes próximos e não da acareação da morte de dois desconhecidos.

– Dani, as notícias não são nada boas. Os boatos são verdadeiros: duas pessoas foram assassinadas à queima-roupa. Os tiros foram todos no rosto.

– Quem cometeria uma barbaridade dessas?

– Mas o pior ainda vou te contar agora: as vítimas eram fiscais do Ministério do Trabalho da capital de Tocantins, designados para apurar as denúncias feitas por Adelaide no jornal de São Paulo. Eles foram assassinados em um local diferente, mas tiveram os corpos jogados na estrada. A imprensa de Palmas e a Polícia Federal foram acionadas para cobrirem o caso.

Senti minha pressão cair e a minha visão se turvar, enquanto era tomada por uma vertigem. César correu para me amparar, ao perceber que minhas pernas dobravam, sem forças.

– Minha irmã, você tem que ser forte!

– Papai... Ele não pode ter feito isso! Não acredito que tivesse coragem para tanto... – balbuciei, olhando com desespero para o meu irmão.

César não ousava aquiescer à minha suspeita. Mas o fato de não negar ou sequer se indignar com a minha conjectura servia somente para reforçá-la. Continuou a relatar com cautela:

– O lugar estava mais cheio do que o Sambódromo em dia de carnaval no Rio de Janeiro. O IML demorou a chegar, e os corpos ficaram estirados no chão. Logo que começou a chover, tentaram cobri-los com uma lona preta, mas o vento forte insistia em descobri-los, e os corpos ficaram expostos na chuva. Foi uma falta de respeito. Com o encerramento do trabalho dos peritos, que chegaram somente depois que a chuva deu uma trégua, os cadáveres foram liberados.

– Para onde levaram os corpos? – perguntei.

– Foram para a cidade de Palmas, onde passarão por uma autópsia, se é que é necessário. Nosso pai acha que é Deus? – indaga César, agora mais exaltado. –

Ele pode mandar aqui, em Pedro Afonso, mas não no Brasil inteiro. Esses fiscais são da capital. Você vai ver minha irmã, a confusão que isso vai gerar na cidade.

– Não poderemos fazer absolutamente nada contra nosso pai, César – suspirei desanimada. – Por isso, peço licença, vou tomar banho e me arrumar. Afinal de contas, hoje é o dia do meu noivado.

– Sim, minha querida irmã – disse ele, beijando-me na testa.

Face aos mais recentes acontecimentos, eu não me sentia mais capaz de enfrentar meu pai. A ideia de fugir antes de meu noivado se realizar escoava pelo ralo abaixo. Não iria colocar a vida de Luciano em risco por nada deste mundo.

Enquanto tomava banho, a água do chuveiro se misturava às lágrimas, incontroláveis, que desciam pelo meu rosto. Pelo menos, ali, na privacidade do meu banheiro, eu podia descarregar toda a mágoa, toda a dor e toda minha impotência ao constatar que não conseguia fugir ao meu destino, traçado de maneira tão calculista pelo Coronel Jorge e seu braço direito, Marcos. Fui sacudida por soluções incontroláveis. Ao sair do banho, mais calma, apenas com a toalha enrolada em volta do corpo, fiquei admirando a minha fantasia de princesa sobre a cama. Era linda, e me serviu como uma luva: perfeita!

Pelo cronograma recebido dos organizadores, meus pais recepcionariam cada um dos convidados fantasiados.

Vinte horas e trinta minutos: esse era o horário combinado para que eu descesse as escadas e fosse recebida por todos. Ao consultar o relógio, verifiquei que já estava quinze minutos atrasada. Perdera tempo demais em meus devaneios. Respirei fundo e segui meu destino. Andei devagar pelo corredor até chegar à escada. Do alto, avistei todos rindo e com taças, bebendo do melhor champanhe. Reconheci alguns, mas não conhecia a grande maioria. Era bem próprio de papai, mesmo, querer convidar toda a sociedade de Pedro Afonso.

A cada degrau que descia e me aproximava do momento que selaria o meu destino, sentia que estava me encaminhando ao matadouro. A diferença é que tinha consciência total disso, enquanto um boi tem apenas a sensação de que sua hora se aproxima. As luzes se apagaram, mergulhando a todos na escuridão. Levei o maior susto, compactuado com a multidão, que esboçou um sonoro: “Oooh...”

Acendeu-se a luz de um holofote muito potente, que foi lançado em minha direção. Tive de fechar os olhos, para não ficar ofuscada. Ouviu-se novamente um outro “Oooh” emitido em uníssono pelos convidados, mas, dessa vez, de admiração.

Aquela luz me dava mais clareza à mente. Não permitiria em nenhum momento que minha feição expressasse algo que não fosse felicidade. Em poucos minutos ficaria noiva do melhor partido da cidade – isso sob o ponto de vista das garotas de Pedro Afonso, que morriam de amores pelo Marcos.

Conforme descia lentamente as escadas, deslizando a minha mão direita no corrimão – como que para manter o foco da realidade, da concretude daquele momento –, os convidados me aplaudiam, enquanto alguns chegavam a assoviar em minha direção, em sinal de aprovação.

Aquela entrada tinha que ser triunfal. Pela primeira vez vi meu pai feliz, com um brilho de satisfação e orgulho no olhar. “Como consegue ficar contente, sendo que acabou de ordenar a morte de duas pessoas?”, eu me perguntava, indignada.

Era óbvio que não tinha como provar um assassinato encomendado pelo meu pai. Mas todos os fatos apontavam para o Coronel Jorge.

De repente, vejo Marcos subindo a escada, vindo ao meu encontro. Usando uma fantasia de príncipe encantado, ele sorriu para mim. Como nos contos de fadas, ofereceu-me o seu braço para que eu passasse o meu entre o dele. Terminei de descer a escada ao seu lado.

Meus pais me receberam depositando um beijo em meu rosto. César veio em seguida e me deu um abraço. Não disse nada. Apenas senti seu forte abraço por um longo tempo.

– César, já está bom – disse papai.

Antes de me soltar, meu irmão me disse próximo ao ouvido:

– Seja muito feliz, mana. Sabe que eu quero o seu bem.

– Fique tranquilo, cunhado. Não precisa se preocupar: vou fazer sua irmã muito feliz – disse Marcos a César. E no final, ambos se deram um convencional aperto de mão.

Havia muita gente fantasiada. Não reconhecia quase ninguém. As máscaras impediam que visse seus rostos.

O protocolo imposto por meu pai me obrigava a cumprimentar todos os convidados que se aproximavam de mim. Gente que não conhecia. A maioria amigos de Marcos e de meu pai. Ato esse que eu não tinha nenhum gosto em cumprir.

Procurava identificar naquela multidão o Luciano. Sabia que estaria ali; afinal, tocaria na banda. Olhava para todos os lados. Meus pais e o Marcos nem prestavam atenção em mim, pois conversavam com as autoridades ali presentes.

Não voltara a conversar com meu irmão sobre a apresentação da banda. Tinha esperança de matar as minhas saudades de Luciano, pelo menos de longe, e apreciar seu desempenho no contrabaixo.

– César, quer passear um pouco por aí comigo? – perguntei, aproximando-me de meu irmão.

– Lógico, mana, vamos, sim – respondeu.

– Aonde você vai, Daniella? – perguntou Marcos.

– Dar uma volta. Tem muita gente aqui. Estou começando ter dor de cabeça. E para não ir sozinha, convidei meu irmão.

– Eu vou com você – respondeu Marcos.

– Não é necessário, querido. Você tem muito assunto para tratar com papai e seus convidados. Estou protegida, ao lado de meu irmão. Não se preocupe.

Marcos insistiu mais uma vez.

– A Dani já falou que estará bem comigo, e garanto-lhe que sim – se interpôs César, ao perceber minha expressão agastada com tamanha insistência de Marcos. – Vou cuidar bem dela e ainda a entregarei a tempo de começar a cerimônia de noivado, Marcos.

Não restou alternativa a Marcos, senão aceitar. Uma coisa era certa: ele sempre respeitara o César.

Livre daquele entojado do meu quase noivo, meu irmão e eu passeamos entre os convidados. Havia mais convidados no jardim do que dentro da mansão.

A distribuição de bebidas e alimentos estava sendo realizada à vontade, sem miséria. Imaginava como seria no casamento.

– E a apresentação, vai rolar? – perguntei a César.

– Claro que sim, mana. A rapaziada já está se preparando nos bastidores. Preciso dar uma escapada para me reunir com eles – disse.

– César, o Luciano está aí?

– Ele não queria vir. Quase brigamos.

– Por quê? – perguntei num fio de voz, mas já sabendo a resposta.

– Não estava a fim de ver você

– É?

– Daniella, você acabou com ele. Dispensou o cara no momento em que se preparava para pedir você em casamento – explicou meu irmão, sussurrando.

– Eu da proposta de casamento. Estou protegendo o Luciano e você sabe muito bem disso. Agora, com a morte dos fiscais é que não mudo de opinião mesmo – respondi.

– Por isso é que Luciano mudou de ideia e resolveu vir tocar em seu noivado. Conte para ele que você foi ameaçada por nosso pai.

– César! Não acredito que você fez isso... E o que ele disse?

– Ficou bravo.

– Bravo? Como assim?

– Disse que não vai aceitar essas ameaças. Mesmo com a perseguição que ele sofreu e a morte dos fiscais do Ministério do Trabalho, pretende lutar pelo amor que sente por você. Ele me disse que viria aqui disposto a convencer você a fugir depois do noivado.

– Fale baixo, César – murmurei assustada com as revelações que me fazia e temerosa de que mais alguém pudesse ouvir.

– Desculpe.

– Não vou aceitar. Se acontecer alguma coisa com o Luciano, nunca irei me perdoar.

– Ele vai procurar você.

– Não quero que faça isso. Fale para ele não me procurar, é perigoso!

– Sinto muito, mas não vou poder fazer isso. Porque eu quero mais é que ele converse com você.

– Meu irmão, por favor, sim?

– Desculpe Daniella. Você está com tanto medo, que nem raciocina direito. Sou obrigado a interferir em sua vida, sim.

O silêncio tomou conta de mim. Queria argumentar, mas as palavras simplesmente tinham sumido de minha boca. Meu pensamento ficou vazio; não conseguia raciocinar. Seria sinal de que meu irmão estava com a razão? O medo de perder Luciano estava me cegando para os fatos mais evidentes: a tragédia que poderia representar um casamento sem amor com Marcos.

César despediu-se de mim para se dirigir aos bastidores do palco, quando faria o aquecimento para o show. Antes de ir embora, ele me segredou:

– Papai contratou uma banda para animar a sua festa, mas nós a dispensamos, No seu lugar, sem que o coronel saiba, irá se apresentar a banda “Liberdade Condicional”. *Uhu!* Que achou de nossa estratégia, mana? – disse com ar exultante.

Eu também estava explodindo de felicidade com a possibilidade de ver meu irmão caminhando para sua primeira apresentação em Pedro Afonso. Graças às fantasias, quem iria identificá-los? Torcia muito pela banda.

O bate-papo com meu irmão ajudara a desvanecer o mal-estar que sentia. A conversa me ajudara a refletir bastante, embora nenhuma decisão definitiva tivesse sido tomada.

Tinha que voltar; Marcos provavelmente estava me procurando.

Caminhando entre as pessoas, fiquei frente a frente com Ana, fantasiada de guerreira.

Com os dentes à mostra, num sorriso milimetricamente estudado, ela me abraçou e disse:

– Querida Daniella, desejo-lhe muitas felicidades ao lado de Marcos. Vocês fazem um par perfeito!

Sua falsidade me espantava. Traidora! A vontade que tinha era avançar nela e deixá-la toda descabelada, além de unhar todo o seu rosto.

Por mim, ela poderia ficar com o Marcos para o resto de sua vida. A minha raiva era pela traição. Tudo que acontecia comigo, Ana dedurava para o Marcos.

Também, por que fui contar meus segredos para ela? Já dizia alguém muito sábio: quando contamos um segredo a alguém, estamos depositando nossa vida nas mãos dessa pessoa. Mas procurei ocultar minha aversão a ela, tratando-a como se não soubesse de nada.

- Ana, desculpe-me, mas tenho que ir; o Marcos deve estar me procurando.
- Está sim. Cruzei com ele há pouco e me perguntou de você.
- É? Então, tchau. Deixe-me ir.
- Tchau – disse Ana, me olhando de cima para baixo.

* * *

Enquanto me dirigia até Marcos, alguém chamou minha atenção. Fazia sinais com as mãos. Entendi que estava me chamando. Usava trajes de palhaço e uma máscara que representava o teatro: a face do lado esquerdo expressava alegria e a do direito, tristeza. Nem imaginava quem poderia ser. O misterioso convidado caminhou para uma parte da mansão que não tinha nenhum convidado. Entrou na sala de música. Deduzi que era um parente, para ter coragem de entrar nos cômodos da mansão dessa maneira.

Olhei para os lados para ter a certeza que ninguém me vigiava. Adentrei na sala, mas não avistei o mascarado. Meu coração palpitava. Ouvi o som da porta se fechar. O desconhecido estava atrás da porta.

- Quem é você? Por que me chamou até aqui?

Sem dizer nada, aproximou-se de mim e começou a andar em círculos à minha volta. Eu o acompanhava com receio de um ataque. Não acreditava no que acontecia.

Para minha surpresa, ele parou de rodopiar e retirou da manga direita um botão de rosa vermelha.

- Que linda – disse, impressionada, e me desarmando.

Com leveza, o homem misterioso colocou o botão entre meus cabelos.

- Quem é você? – perguntei.

Calado, ele segurou em minha mão e a beijou.

- É você, Luciano? – indaguei receosa.

Ele retirou sua máscara, mostrando sua face tão querida e gravada à mente.

Com alegria, descobri que era o Luciano. Ajoelhou-se aos meus pés, como sempre fazia antes de recitar um poema:

Você está em meus sonhos;
No meu coração e na minha alma;
O seu perfume está em mim;
Gosto de sentir;
Seus beijos todos os dias
Não há nada tão gostoso;
Tudo na vida poderia ser assim;
Aprendi a beijar;
Aprendi a amar;
Aprendi a ser feliz;
Você me deu amor;
E Deus abençoou;
Nosso grande amor.
Jamaís diga adeus;
Jamaís Chorar;
Jamaís ser infeliz.
Por quem você ama?
Por mim.
Você está em minha vida
Como Deus planejou para nós

Eu te amo com todas as forças
Sou completo e abençoado
É uma verdadeira mulher
Quero ficar com você por toda a vida...
Te amo!

Luciano expressava tanto amor com aquela poesia. Seus sentimentos acima de sua própria vida! Que prova maior de amor eu poderia ter de um homem?

– Não quero que você se arrisque por minha causa, entenda isso. Soube o que aconteceu hoje à tarde?

– O assassinato? – disse, ficando de pé.

– Claro. Quem você acha que mandou matar os fiscais? Meu pai, na certa. Tudo indica que foi ele. Imagine, agora, do que será capaz, se eu ficar com você. O Coronel Jorge manda em todas as autoridades de Pedro Afonso. Nesta festa, o que mais se vê é gente importante da cidade.

– Para ser feliz ao seu lado, vale a pena correr qualquer risco.

– Luciano, você tem que entender de uma vez por todas que vou noivar, sim, e ponto final. Que adianta eu querer ficar com você, para depois você me aparecer morto? Tem sentido?

– Não! – respondeu, afastando-se de mim.

Eu estava entendendo que aquele “não” não se tratava de uma resposta à minha pergunta. Antes, era uma maneira indignada de expressar que era contra a minha decisão.

– Luciano, pelo amor de Deus, não insista nesse assunto. Sinceramente, eu amo você. Por esse motivo, irei noivar com o Marcos. Não há saída para nós. O que aconteceu com a gente foi apenas passageiro. A realidade é outra.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao lhe dizer com firmeza, embora com a voz trêmula:

– Me esqueça. Encontre uma mulher melhor do que eu... Que não coloque a sua vida em risco.

- *Você* é a mulher da minha vida! Então, estou definitivamente condenado à morte. Se ficar com você, serei assassinado. Sem você, morrerei de amor! Meu destino é certo!

Ao me notar a angústia, Luciano aproximou-se de mim e enxugou minhas lágrimas. Quase me rendi ao beijo que estávamos na iminência de trocar. Mas com um autocontrole que eu mesma desconhecia, o repeli.

– Saia daqui, Luciano.

– Daniella?

– Agora.

– Eu amo você – disse Luciano.

– Se você não sair, saio eu.

Deixei-o sozinho na sala de música. Ao sair, olhei para os lados e constatei que não havia ninguém dentro da mansão. Todos estavam dispersos na área externa, em volta da piscina e do palco improvisado. Aproveitei e subi ao quarto para retocar a maquiagem e disfarçar o choro. Da sacada, avistei as pessoas aguardando o show.

O locutor chamava o contrabaixista, comunicando que deveria comparecer com urgência nos bastidores, pois a apresentação iria iniciar em poucos minutos.

Contrariada, dei uma última olhada no rosto abatido no espelho, que o blush não conseguia disfarçar, e desci correndo. Meus pais deveriam estar loucos atrás de mim.

Ao passar em frente à sala de música, Luciano deixava o recinto, fechando a porta atrás de si com o olhar entristecido. Meu coração se apertou mais uma vez. Mas tudo o que fiz foi lhe dizer, de maneira breve:

– Estão te chamando.

– Eu ouvi. Estou indo para lá agora – respondeu, recolocando a máscara.

– Boa sorte.

– Obrigado.

Aguardei que ele saísse primeiro e, somente após mais uns minutos, me dirigi à área externa da mansão. Dessa maneira, ninguém iria nos ver saindo juntos.

O jardim estava lotado. Era incrível como haviam convidado tanta gente!

Noventa por cento daquele povo eu nunca tinha visto. Eram estranhos para mim. E era o meu noivado!

Bem sorrateiramente aproximei-me por trás de meus pais e do Marcos no camarote e fiquei por ali aguardando o show iniciar.

– Onde você estava Daniella? – perguntou Marcos.

Somente nesse momento meus pais se deram conta de minha presença e se viraram para trás, me olhando com o mesmo ar interrogativo.

– Estava conversando com algumas amigas. De repente, todo mundo começou a sair da mansão e acabei ficando para trás, embolada no meio da multidão. Só agora consegui chegar aqui no camarote.

– Estávamos te procurando como loucos – disse papai. – O César também sumiu.

– Não tive como chegar antes. E meu irmão deve estar por aí com os amigos. Olhem, o locutor vai falar algo, pois se posicionou na frente do palco – procurei tirar a atenção deles para a ausência de meu irmão.

– Boa noite! Nesta data especial e de muita alegria, acontecerá o noivado mais importante da cidade – anunciou o locutor com um enorme sorriso, falando de maneira exagerada e teatral, enquanto abria com amplitude os braços. – Em nome de todos os moradores de Pedro Afonso, desejamos muitas felicidades aos futuros noivos. Uma salva de palmas – disse o locutor.

Acenamos para o público. Marcos mandava até beijos. Eu me senti totalmente encoberta em ser alvo da atenção geral, principalmente porque não conseguia distinguir a fisionomia de ninguém, ofuscada pelo forte holofote que nos iluminava.

– Beija, beija, beija... – diziam todos os convidados.

A vergonha me paralisou. Não queria beijar Marcos, mas ele segurou a minha nuca e, aproximando seus lábios dos meus, nos beijamos. Ouvi uma cascata de aplausos e assovios. Após se afastar de mim, Marcos ainda fez carinho em minha face. Aquilo me deixou possessa por dentro: nunca tivera esse gesto quando ficávamos sozinhos. Agira dessa maneira para impressionar aquele povo.

– Agora, com vocês, a banda “Liberdade Condicional” – comunicou com redobrado entusiasmo o locutor.

Ouvimos os sons incipientes dos instrumentos, enquanto o apresentador saía de cena e abria-se a cortina vermelha. Várias luzes coloridas oscilavam de um lado para o outro, criando efeitos de movimento no palco. A banda tocava, envolta pela fumaça de gelo seco, dando a impressão de que realizariam um show de grande porte.

– Que legal, eles também estão fantasiados! – exclamou papai.

Foi programada a apresentação individual de cada um dos integrantes da banda, já na abertura.

O primeiro a se apresentar no solo de guitarra foi o Oswaldo; em seguida, o Eduardo mandou ver na bateria. Luciano arrasou no contrabaixo. Eu aplaudia como se fosse uma antiga fã.

Encerrando a apresentação inicial da banda, o vocalista, que era meu irmão, surgiu no meio da fumaça de gelo seco e começou a cantar. Com o objetivo de não atrapalhar a sua apresentação, César usava uma máscara com abertura, que liberava apenas o seu nariz e a sua boca. Perspicaz, meu irmão ainda substituiu a fantasia com que estava antes, para não suspeitarem dele. Nossos pais já conheciam sua vestimenta; se vissem o cantor com o mesmo modelo de fantasia, iriam matar a charada na hora.

Fiquei observando, divertida, meu pai e o Marcos aplaudirem a banda. Presenciava com interesse papai aplaudindo seu próprio filho, sem fazer ideia disso. E até Luciano era ovacionado pelo meu noivo.

A banda tocou e cantou um pouco de cada estilo musical. Entre uma música e outra, o conjunto recebia aplausos, assovios e até pedidos de bis. Havia uma energia incrível no ar, propiciada pela melodia agradável, pelo repertório aprovado por todos.

Quando as coisas têm que ser, não adianta ninguém querer impedir, eu refletia. Mamãe dera a ideia da festa à fantasia. Meu irmão aproveitara a brecha para fazer sua apresentação sem que ninguém o reconhecesse. Quem sabe não seria esse o toque especial da banda para fazer sucesso? Apresentarem-se fantasiados?

Foi quase uma hora e meia de show. No final, a banda “Liberdade Condicional” recebeu pedidos entusiasmados de bis.

– É a nossa primeira apresentação para um grande público. Quero agradecer o

calor humano e a receptividade de todos. Isso nos deu o maior gás para oferecer o melhor de nós. Valeu galera! – meu irmão, como o líder nato que sempre se revelara, agradeceu em nome da banda e despediu-se com a cortina quase fechando.

Enquanto os aplausos rareavam, papai aproveitou para, do próprio camarote, pegar o microfone e fazer o pronunciamento oficial do meu noivado.

– ...e eu confio totalmente no Marcos, a quem entrego a mão de minha filha, assim como já entreguei a direção dos negócios da família.

Só consegui ouvir a partir desse trecho, pois me perderei em minhas divagações, sendo chamada à realidade pelo ecoar de risadas que se sucederam após essas palavras.

– Tenho certeza de que é o homem perfeito para Daniella. E o casamento, para o qual todos vocês estão convidados, será realizado em menos de um mês!

Ouviu-se um zum-zum geral, acompanhado de salva de palmas e olhares de inveja em minha direção. Papai continuou a dizer um monte de coisas às quais nem prestei atenção. Pensava apenas em Luciano, que, de algum lugar próximo, deveria estar assistindo ao pronunciamento de meu noivado.

Marcos pegou o microfone da mão de papai e disse de maneira inflamada – parecia político em cima de um palanque:

– Meu maior desejo é fazer feliz a minha querida noiva. Daniella será merecedora de toda a minha dedicação e amor, pelo resto de nossas vidas. – Olhou em meus olhos com a expressão apaixonada mais convincente do mundo.

Até eu seria capaz de acreditar, se não o conhecesse um pouco e não o tivesse flagrado com a Ana. Revelava-se um ator nato. Só faltou dizer que era fiel! Sua falsidade chegava a me dar engulhos.

Perguntaram-me se eu queria complementar com alguma coisa. Respondi que não. Papai insistiu, colocando o microfone perto de minha boca. Afastei o microfone, dizendo que não queria fazer nenhum pronunciamento, pois estava com muita vergonha. Parte do que eu falava saiu na caixa de som.

– Ela está tão emocionada, que nem tem palavras – disse Marcos no microfone. Incrível como tinha saído para as situações mais embaraçosas do mundo!

Finalmente, realizava-se o desejo de meu pai. – Estou noiva de Marcos – Caía a ficha de maneira dolorosa, e precisei repetir isso várias vezes para mim mesma, após trocamos alianças na frente de todo mundo. Uma chuva de flashes caiu sobre nós. Fotografos mais pareciam pragas, espalhados por todos os lados. Quantos da imprensa, papai não convidara?

Beijamo-nos novamente, e os aplausos que se sucederam sinalizaram o encerramento da cerimônia de noivado em si.

Enquanto era beijada por Marcos, só pensava em Luciano. Tive de fazer um esforço enorme para não gritar, não manifestar o desprezo que sentia pelo meu noivo.

O locutor voltou e comunicou aos convidados que os garçons começariam a servir o jantar.

Permaneci no camarote e jantei ao lado de Marcos e meus pais. César chegou logo em seguida, vestindo a fantasia que usara antes de sua apresentação, e juntou-se a nós.

– Você tem que ficar onde sua família está – repreendeu meu pai.

– Meus amigos pediram para que assistisse ao show ao lado deles – justificou-se, sem conseguir dissimular a expressão de excitação nos olhos, muito brilhantes. E disfarçando, me apertou a mão de maneira cúmplice. – E vocês, o que acharam da apresentação da banda “Liberdade Condicional”?

– São excelentes – disse papai, em sinal de aprovação. – O uso da fantasia criou um clima de suspense. Pensei que no final da apresentação fossem revelar suas identidades. Foi melhor assim. Não seria uma má ideia: poderiam se apresentar sempre dessa maneira em todos os shows da banda.

– Foi exatamente isso o que pensei. Ao se apresentarem fantasiados, a banda “Liberdade Condicional” fornecerá um atrativo diferenciado, criando uma aura de mistério. Vocês se lembram de “Secos e Molhados”, no início de sua carreira? E a irreverência dos “Mamonas Assassinas”? Com esse toque de originalidade, ao incorporarem fantasias diferentes a cada show, serão disputados e, dia após dia, aumentará o número de fãs, também – disse de maneira entusiasmada para o meu irmão, esquecendo momentaneamente de meus problemas.

– É de se pensar. Espero que alguém passe essa dica para os integrantes da

banda – respondeu César, refletindo sobre a sugestão.

No momento da dança dos casais, não tive como escapar e dancei um pouco com meu noivo. A sandália alta já judiava do meu pé, cujos dedos se comprimiam no bico fino, embora não mais do que meu coração, tão pequeno e acabrunhado dentro do peito.

Ficamos até altas horas da noite entretendo os convidados. Os mesmos aproveitaram a festa regada com muita bebida e comida. Vazia mesma só a minha existência e o que me aguardava o futuro, casada com um canalha como Marcos.

Capítulo VII

A queda do império

Até hoje não saberia dizer o que se passou na cabeça de meu pai. Será que ele tinha total convicção de que o assassinato dos fiscais ficaria impune? O poder que detinha na cidade talvez o fizesse agir e pensar dessa forma.

No dia seguinte, após a festa de meu noivado, os repórteres da capital não paravam de ligar para a mansão, querendo gravar entrevistas com papai para esclarecer as suspeitas de assassinato e a denúncia do trabalho infantil. O meu nervosismo durante o noivado não me fizera perceber que o tema chegara a render mexericos e um disse me disse entre os convidados.

César chegou a me confidenciar que havia policiais federais à paisana andando pelas ruas de Pedro Afonso, com objetivo de captar provas contra nosso pai.

Ninguém entrava nas terras de papai. O aumento do contingente de guardas após nossa invasão apenas revelava a sua preocupação em evitar que alguém conseguisse provas contra ele. Era frequente ouvirmos dele a seguinte frase: “Não construí prédio de areia, mas o preço da justiça está no canhoto de meu cheque”.

Até mesmo das denúncias, Coronel Jorge conseguiu segurar por certo tempo. Claro, ele comprava cotas de publicidade de valores acima do mercado em certos meios de comunicação da cidade e da região, para evitar críticas à sua pessoa. Estratégia essa que sempre funcionou. Sua arrogância o deixou míope para a possibilidade de, um dia, a mídia nacional cobrir alguma reportagem a seu respeito. Sua visão sempre fora mais no microcosmo regional de Pedro Afonso, nunca se preocupou em comprar cotas de propaganda dessas redes de televisão, rádio e jornal de grande circulação nacional. Isso seria impossível.

Com a Polícia Federal no comando das investigações, o sofrimento das crianças aprisionadas e transformadas em escravas prometia estar chegando ao fim. Somente assim, aquela desumanidade acabaria.

Literalmente um tiro no pé, foi o que meu pai cometeu ao comandar o assassinato dos fiscais. O crime teve repercussão nacional, ultrapassando as fronteiras de Pedro Afonso. Até mesmo os meios de comunicação internacional deram destaque ao fato, em suas programações. Pedro Afonso tornou-se o centro da mídia mundial.

A emissora que contratara Adelaide para produzir e veicular uma reportagem especial, divulgando com exclusividade todos os detalhes que levaram à libertação das crianças, estava com uma equipe completa acampada em uma *van*, em frente à fazenda de papai.

Meu irmão e eu andávamos apreensivos com o destino de nosso pai. Havia dias que não voltava para a mansão. Estava foragido, mas não sabíamos onde e nem quem sabia de seu paradeiro. Talvez apenas Marcos, seu braço direito; nem à mamãe deveria ter comunicado nada.

Os negócios estavam em queda: cancelamentos de pedidos vinham de todos os lados. A justificativa era baseada na ética e na moral. Ninguém mais queria ter seu nome associado ao de um criminoso sem escrúpulo, ao comprar de um fornecedor que supostamente usava crianças como trabalhadores.

Eu me sentia culpada. Tinha o coração apertado, pois era a causadora de tudo aquilo. César tentava me acalmar, afirmando que nosso pai tivera todo o tempo do mundo para contornar o grave erro, mas se julgara acima da lei, ao supor que nunca seria perseguido pela polícia e pela imprensa. Deu no que deu.

Segundo a reportagem, que teve enorme impacto não só na pacata Pedro Afonso, mas no país todo, por meio de um funcionário da Polícia Federal, papai tentou comprar o chefe da Polícia Federal da capital, sem êxito. Consequentemente, esse funcionário foi preso e a justiça ainda decretou a prisão preventiva de papai com o argumento de que, com a sua liberdade, as investigações estavam sendo obstruídas. Mas Coronel Jorge resistiu à ordem de prisão, fugindo.

A emissora conseguiu imagens exclusivas da invasão nas terras de papai. O poder Judiciário autorizou a Polícia Federal a revistar cada metro quadrado da indústria e a plantação de laranja. Na calada da noite, sem que ninguém suspeitasse de nada, houve a invasão. As imagens diziam tudo: parecia que se deflagrava uma guerra entre duas gangues rivais, com troca de tiros entre os

integrantes da polícia e os capangas de papai. Ao fundo, dava para se ouvir os gritos de desespero das crianças dentro daquele galpão nojento.

“Por sorte, nenhuma criança foi atingida pelo tiroteio. A Polícia Federal adentrou o local onde as crianças passavam a noite, um lugar sujo, sem estrutura para as necessidades fisiológicas. Constatou-se a existência de apenas um fosso para as trinta e duas crianças”, dizia Adelaide, triunfante em sua reportagem do ano. “A aparência de desnutrição delas era evidente, causando indignação até em policiais, que contam com anos de experiência, cobrindo os casos mais escabrosos. A alimentação era realizada somente duas vezes ao dia, em pratos antigos de alumínio”, continuava a repórter, sem conseguir ocultar o seu horror e manter a neutralidade que se exige de um profissional da imprensa.

O chefe da Polícia Federal, em entrevista na televisão, afirmou que nunca houvera intervenção porque as autoridades da cidade eram facilmente manipuladas pelo empresário:

– Dessa forma, ninguém do Ministério do Trabalho da capital de Palmas tinha conhecimento desse ato monstruoso. Entretanto, na semana passada, houve uma denúncia feita por um casal na nossa sede na capital. Mandamos a Pedro Afonso dois fiscais que, infelizmente, foram executados. Hoje, estamos aqui para resgatar esses pobres anjinhos do inferno.

– Em que condições elas foram encontradas, Dr. Albuquerque? Quantas horas por dia trabalhavam? – indagava Adelaide.

– As crianças trabalhavam no regime de nove horas por dia, em época de grandes colheitas. A maioria é do sexo masculino, o que é compreensível, visto que meninos costumam ser mais resistentes, mas há também algumas meninas. Ainda estamos apurando a idade exata, mas pelo que percebi, o mais velho tem de 11 a 12 anos. Com ajuda do Conselho Tutelar da capital queremos saber se também acontecia exploração sexual, uma vez que, para nosso horror, constatamos a existência de uma menina grávida, praticamente uma pré-adolescente. Investigaremos a origem de cada um.

– O senhor acredita que eles não sejam daqui de Pedro Afonso?

– Muito difícil que sejam daqui; provavelmente vieram de outros Estados.

Existe a possibilidade de terem sido raptados. Ou até mesmo vendidos, ou que seus pais tenham deixado levar seus filhos, e todos os meses recebiam dinheiro. Eles devem ter tido a promessa de que seus filhos voltariam após alguns meses de trabalho. Claro que isso nunca aconteceu, pelo menos não desde que essa prática passou a ocorrer, de três anos para cá. Agora a polícia de todo o Brasil está atrás do Sr. Jorge Ribeiro Mattos, que é foragido da justiça.

Adelaide conseguiu entrevistar uma das crianças, sem mostrar o seu rosto. Alexandre, o garoto de 9 anos de idade, que se encontrava protegido na casa de Oswaldo, aceitara depor. Chorava, sem conseguir conter as lágrimas, que secava com o dorso da mão:

– Meus pais permitiram que eu fosse levado em troca de dinheiro. Nem quero voltar para minha família; eles vão querer me trocar por dinheiro de novo. Não quero! Odeio meus pais!

A câmera fechara o ângulo no rosto angustiado e sofrido do menino. Sua revolta era tão evidente, que a repórter ficou sem ação por alguns segundos.

– De onde você é? – perguntou, quando conseguiu se recobrar, retomando seu perfil investigativo.

Disse que era do sertão do Piauí, de uma minúscula cidade chamada São Lourenço do Piauí. Mas a origem de uma grande maioria era da região Sudeste, mais especificamente do Vale do Jequitinhonha, no Estado de Minas Gerais.

O close do operador de câmera nas mãos do menino fez todos em casa chorarem. Minha mãe, que sempre soube de tudo e fora conivente, deveria estar com a consciência muito pesada. Cheia de calos, a mão da criança tinha as pontas dos dedos destacadas pelo zoom da câmera, nos quais não existiam mais as digitais. Essas haviam sido, com o passar do tempo, consumidas pelo ácido presente na casca da laranja. Conforme manipulavam as frutas sem proteção ao longo dos anos, em sua grande maioria, as crianças perderam as digitais, ou seja, sua identificação para um futuro melhor.

* * *

Adelaide não parava de me agradecer pela oportunidade que lhe dera de se firmar como uma grande repórter. Eu sempre soube que ela era uma jornalista competente: precisava apenas do empurrão inicial. E com quantas pessoas não

funciona assim? Um padrinho por trás e seu talento fazendo o resto...

Estava sendo disputada por duas grandes emissoras de tevê e por uma revista semanal para continuar desenvolvendo as reportagens sobre trabalho infantil.

– Dani, minha amiga! Não tenho palavras para lhe agradecer! Agora, descobri a minha verdadeira vocação: o jornalismo investigativo! É o que sei fazer de melhor e penso que é a minha grande missão, na vida!

– Eu sei Adelaide, eu sei. Olha só esse artigo que você escreveu; faço questão de colecionar, assim como o farei com vários outros que vier a publicar... Estou orgulhosa de você, amiga! Você tem o dom da palavra!

O artigo em questão saíra na revista de maior circulação nacional, sendo até matéria de capa, sob o título: “Infância Perdida: o Fantasma do Trabalho Escravo”. Comecei a ler em voz alta:

Quando se fala de criança carente, a primeira imagem que se tem é a de meninos e meninas de ruas, pedindo dinheiro em semáforos para sobreviver. Quando não, o pior, menores furtando ou cheirando cola para fugir da dura realidade em que vivem. Todavia, quando mergulham nesta mesma realidade, ela se torna, talvez, ainda pior e fantasmagórica, vez que, o infante vê sua incipiente força de trabalho ser explorada abusivo e desumanamente.

Dados colhidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dão conta que 20% dos brasileiros já trabalham antes dos dez anos e 65,7% antes dos 15. Além disso, 7,5 milhões de brasileiros com idades entre dez e dezessete anos trabalham, representando 11,6% da mão de obra no país. Sendo que 70% dos casos recebem, em média, apenas meio salário mínimo.

Desde 1995, 145 fiscais do Ministério do Trabalho, coordenados pela Secretaria de Fiscalização do Trabalho do referido Ministério, percorrem o país de Norte a Sul para traçar um mapa do trabalho infantil. O relatório fica pronto em agosto. Até agora, estão prontos os mapas das regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste.

No Nordeste brasileiro, as crianças e adolescentes estão presentes em mais de 11 atividades. Destas, a colheita da cana-de-açúcar é a principal atividade onde o trabalho infantil está envolvido. Os Estados do Ceará e Pernambuco, juntamente com o Rio de Janeiro, são os recordistas na exploração de mão de obra infantil nos canaviais. Nesta atividade, as crianças cortam a cana, suportam o peso de

sacos da planta e correm o risco até de sofrerem mutilação. Ademais, não trabalham menos de dez horas por dia, ficam expostos ao sol e fazem o serviço sem proteção nenhuma.

O mesmo panorama odioso se descortina nos sisais da Bahia; na cultura do fumo em Alagoas; na colheita da uva em Pernambuco e Rio Grande do Norte; nas salinas do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte; nas cerâmicas de Alagoas, Rio Grande do Norte, Bahia, Pernambuco, Piauí, Sergipe e Maranhão; e nas pedreiras de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba e Piauí.

Na região Sul, que ao lado do Sudeste, é considerada a mais rica e desenvolvida, a mão de obra infantil é explorada em 21 atividades. Só o Rio Grande do Sul concentra 11 dessas atividades.

As extrações de acácia e ametista no Rio Grande do Sul, pelos menores, são as que mais chocam. As crianças lavam as pedras de ametista com produtos químicos tóxicos sem nenhuma proteção, ficam expostos à fuligem da máquina de lixar a pedra e suportam o peso do minério das minas até o local de beneficiamento. Saliente-se que, nas lixas elas podem até perder o dedo.

Outrossim, a mão de obra infantil é usada nas madeireiras de Santa Catarina e Paraná; na produção de cerâmica no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná; nas cristaleiras de Santa Catarina; na construção civil dos centros urbanos do Paraná e Santa Catarina; na indústria moveleira e no curtume dos três estados sulistas.

Na zona urbana dos Estados do Sul, a situação se iguala ao Nordeste — escritórios, comércio e supermercados.

No Centro-Oeste a exploração da força de trabalho infantil é deprimente. Em Goiás, os adolescentes trabalham duro em jornadas diárias que não duram menos que 10 horas na colheita do algodão, do tomate e do alho. Todavia, o que mais impressiona são as olarias e cerâmicas, onde as crianças começam a trabalhar às quatro da manhã e vão até às cinco e meia da tarde. Segundo Eliana Bragança, assistente social que acompanha as pesquisas, nas pequenas e precárias fábricas de cerâmica, adolescentes menores de 14 anos chegam a empurrar carretas com mais de 150 quilos de tijolos sob um terreno irregular. E suportam o calor intenso dos fornos por horas até os tijolos ficarem prontos.

Na zona urbana de Mato Grosso, há crianças catadoras de lixo, que brincam,

comem e tiram o sustento do dia, tentando separar o lixo reciclável para vender em outros lugares. Já no Mato Grosso do Sul as carvoarias batem recorde na exploração do trabalho infantil.

*A Constituição Federal de 1988 dispõe que é **proibido qualquer trabalho a menores de 14 (quatorze) anos, salvo na condição de aprendiz** (cf. art. 7º, XXXIII c/c o art. 227, §3º, I). Além do que, é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde(...) **além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão** (cf. art. 227, caput, da CF).*

A norma constitucional acima é escancaradamente desrespeitada pelos seguintes motivos: 1º. O trabalho infantil é mais barato; 2º. Serve como complemento à renda familiar, muitas vezes, inexistente; 3º. falta de Programas do Poder Público que complementem a renda familiar.

O trabalho precoce de pessoas em desenvolvimento (crianças e adolescentes) é um ácido corrosivo que estrangula as perspectivas de aperfeiçoamento cultural e até mesmo físico desses entes. A sociedade e o Estado precisam despertar imediatamente para esta problemática que desafia, inclusive, o ordenamento jurídico pátrio.

O povo brasileiro precisa ver na criança e adolescente menos um caso de polícia, punição ou privação de liberdade e mais um caso de educação, ajuda e apoio. Precisa, também, desvencilhar-se dessa mentalidade arcaica e amoldar-se aos salutares princípios do Estatuto da Criança e Adolescência. Constata-se, facilmente, que a dificuldade não reside no compreender as ideias novas, mas no abandonar as antigas.

Nessa perspectiva, o Programa Bolsa-Familiar — que consiste em pagar determinado montante à família que tenha seus filhos matriculados na escola pública e com determinada frequência (implantado em algumas cidades brasileiras: Brasília, Boa Vista) — atende à necessidade de manter a criança na escola e complementar a renda familiar. Além do que, extingue o malfazejo trabalho infantil, tão prejudicial ao futuro do país e de nossas crianças. Desse modo, a própria família tem o máximo interesse em que a criança permaneça na escola.

A notícia caiu igual a uma bomba na cidade. Meu irmão parou de sair às ruas porque alguns moradores passaram a cobrá-lo, julgá-lo e até a lançar palavras ofensivas contra ele. Éramos tão vítimas quanto aquelas crianças.

Da janela de meu quarto, a visão que tinha abaixo de mim era de um mar de repórteres que se apinhavam em frente à mansão para cobrir o caso “Exploração Infantil nos Laranjais do Coronel Jorge Ribeiro Mattos”. Houve uns dois que, mais proativos, ousaram tocar a campainha de casa com o objetivo de obter com exclusividade algum depoimento da família. Naturalmente, a criadagem foi instruída a não atender a esses jornalistas.

Três dias após aquela primeira reportagem, era veiculada com estardalhaço pelas emissoras de tevê a notícia de que a fábrica de sucos Mattos seria multada em milhões de reais. Segundo o furo jornalístico, papai havia sido capturado e preso na cidade de Ribeirão Preto, no interior do Estado de São Paulo.

“O Coronel Jorge Ribeiro Mattos estava escondido na casa de amigos, os quais também responderão a processo criminal por abrigarem um foragido da justiça”, relatava o repórter, ao vivo de Ribeirão Preto. *“As crianças escravizadas pelo empresário encontram-se sobre proteção da justiça e serão acompanhadas pelo Ministério Público do Trabalho e o Conselho Tutelar”.*

Para nosso espanto, entidades internacionais de grande representação em vários países manifestaram repúdio contra nosso pai por ter sustentado o trabalho infantil, como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), Unesco, Unicef e até a ONU.

No mesmo dia, outra reportagem divulgava uma nota oficial do Governo Federal, que, por meio de seu porta-voz, manifestou-se sobre o caso:

“Este recente e vergonhoso episódio, com repercussão internacional negativa, suja o nome do Brasil no exterior. O Poder Executivo combate o trabalho infantil com unhas e dentes. Mas para que seja combatido de verdade é necessária a denúncia. Sem ela nenhuma autoridade tem condições de excluir do mapa o trabalho de crianças e adolescentes. A ouvidoria que o Ministério do Trabalho e Emprego mantém é para esses casos, quando a comunidade não tem como realizar a denúncia na cidade onde ocorrem os fatos. Todos os povos do planeta devem lutar para extinguir tal brutalidade contra nossas crianças”

A entrevista coletiva concedida pelo porta-voz, direto de Brasília, ganhou também as páginas dos jornais mundiais.

Minha mãe estava arrasada. Apesar de tudo, amava nosso pai e queria estar ao seu lado. César e eu também estávamos muito tristes. Não imaginávamos que o caso ganharia tamanha dimensão e nem queríamos que terminasse daquela maneira, com papai atrás das grades.

Eu procurava minimizar meu sentimento de culpa ao refletir nas crianças salvas, e que, com o apoio da mídia, outros casos iguais a esse poderiam ser denunciados. Tinha esperanças de que com esse esfregão que a vida estava lhe dando, papai repensaria seu modo de pensar, seu comportamento e a forma de agir. Quem sabe não ficaria até mais humilde, menos arrogante?

Minha mãe sempre ia visitar papai na cadeia. O recado desencorajador que ele mandava era para que meu irmão e eu não aparecêssemos por lá.

* * *

Em reunião marcada às pressas, os acionistas da “Sucos Mattos” negaram ter conhecimento do trabalho infantil. Solicitaram urgente um novo comando para a direção dos negócios e César, por sua conhecida idoneidade e formação, foi convidado. Bem que Marcos quis assumir o controle, por se considerar a par de toda a estrutura dos negócios, mas ninguém confiava nele. Não sabiam até que ponto era cúmplice de papai ou continuaria a ser pau mandado dele. Mesmo com ordens expressas do Coronel Jorge de que queria Marcos assumindo a cadeira da presidência, pois era nele que confiava, não foi atendido. Quando esclarecemos aos acionistas que Marcos estava a par do caso das crianças, então, sua entrada na empresa foi barrada.

A situação da empresa ia de mal a pior, com as vendas caindo dia após dia. A imagem do fabricante estava totalmente destruída perante a sociedade. Havia, ainda, uma multa estratosférica para pagar ao governo. O que mais podia acontecer? Era um elefante branco: tantos funcionários dentro da fábrica que não podiam perder seus empregos. E tínhamos de recomeçar quase do zero, degrau a degrau, reposicionando a marca e conquistando novamente a confiança do consumidor.

Meu irmão demonstrou ser um bom administrador, com a ajuda dos acionistas que também arregaçaram as mangas e colocaram a mão na massa para evitar a falência da indústria. Precisando de um assistente, resolveu dar oportunidade a Luciano, embora ele não tivesse experiência administrativa anterior.

– Eu tenho certeza de que o Luciano vai deslanchar, mana – me confidenciou.
– Ele tem garra e é muito disciplinado. Além do mais, você sabe que faço o maior gosto em que se torne meu cunhado... – finalizou, piscando o olho para mim.

Meses se passaram e, com muito esforço, as vendas internas voltaram ao patamar anterior à exposição negativa na mídia. A recuperação estava longe de se firmar. Tínhamos muita coisa pela frente. O mercado externo praticamente riscara nosso nome da lista de boas empresas amigas da criança. Essa barreira seria uma odisséia longa a ser percorrida.

Eu, que nunca pensara em me envolver nos negócios de papai, me senti compelida a ajudar César em seu grande desafio. O peso da responsabilidade era demais sobre seus ombros, até então acostumados só a puxar ferro na academia – não obstante sua sólida formação acadêmica, numa das melhores faculdades de administração do Brasil. Passei a trabalhar em uma sala ao lado de Luciano. O contato do dia a dia nos aproximou ainda mais. No início, apenas como bons amigos. Não tinha cabeça para mais nada, a não ser me ocupar com a recuperação da empresa. Mas foi uma transição natural passarmos a namorar.

Com papai na prisão, Marcos, alijado de sua posição na empresa e também de minha vida, ficou furioso ao saber que eu estava namorando Luciano. Bem que tentou intimidá-lo, ao encontrá-lo no meio da rua, mas em vão. Mais tarde, em seus braços, Luciano me relataria que dissera a ele de maneira firme, revidando a mão pesada de Marcos, que acabou dando um soco no ar:

“Você não conseguirá jamais se interpor entre mim e a Daniella... Sabe por quê? Porque o poder do amor é maior do que o da coação. Mesmo você e o Coronel Jorge tentando, não conseguiram destruir os sentimentos que nos ligam.”

Observou-se uma melhora no clima do ambiente de trabalho, com uma administração mais dinâmica, preocupada com o bem-estar dos funcionários e sua qualificação. Era uma estratégia que funcionava nas empresas mais modernas, e sabíamos que só poderia dar certo: houve um aumento na

produtividade sem a contratação de mais colaboradores. Com funcionários felizes, quem ganhava era a empresa. Dito e feito!

Mamãe continuava a visitar papai com frequência na prisão. Às vezes, ele a recebia; outras vezes não. Ela voltava entristecida dessas visitas, contando que a raiva do nosso pai era voltada contra o César e mim. Para ele, éramos os causadores de sua decadência. Mas ele não chegava a nos ameaçar ou manifestar desejo de uma vingança real contra nós, dizia. Mas vindo do Coronel Jorge, tudo era possível.

Quem ele recebia sempre era o Marcos e o advogado. Com certeza, elaboravam algum artifício que poderia constar na lei para beneficiá-lo.

* * *

E com relação às crianças libertadas da fazenda? Várias retornaram às suas famílias de origem e, provavelmente, à antiga condição miserável. Ninguém poderia garantir que o ciclo não se repetiria, talvez com pequenas variações. Outras, mais afortunadas (dependendo da ótica, naturalmente), não quiseram mais ver seus pais, pois a mágoa contra os mesmos era profunda; ou não foi possível estabelecer o contato com os mesmos, e acabaram sendo adotadas por outras famílias.

Quanto ao pequeno Alexandre, após ser entrevistado por algumas emissoras de tevê, e devido à sua vivacidade, em que declarou de maneira cândida, mas firme que não queria retornar à casa de seus pais, pois não queria ser vendido mais uma vez, quando as coisas apertassem de novo; e que tudo o que mais desejava na vida era aprender a ler para entender os gibis, arrancou risos e lágrimas de milhares de telespectadores.

Várias famílias no Brasil todo ligaram, manifestando desejo em adotá-lo. Ele escolheu e foi escolhido por um abastado casal do Rio de Janeiro, que já tinha um casal de filhos com idades próximas à de Alexandre. Assim, ele ganhou uma família completa com irmãos e pôde, enfim, frequentar uma escola – que é direito de toda criança.

* * *

Cento e cinquenta dias. Foi esse o tempo que meu pai permaneceu na prisão. O julgamento aconteceria não se sabe quando. Ele fora beneficiado com um

habeas corpus enviado pelo seu advogado à justiça.

Aguardava, agora, o pronunciamento do promotor para saber se iria a julgamento, ou se a investigação seria encaminhada de volta para a polícia conseguir mais provas. Tudo estava nas mãos do promotor.

Da cadeia, papai veio direto para a mansão. Estávamos no hall da sala principal aguardando sua chegada, nervosos, pois não sabíamos como seria sua reação ao nos ver.

Cumprimentou-nos de longe com a expressão impassível, enquanto permanecíamos também parados, sem fazer nenhum gesto para nos aproximar dele, abraçá-lo ou sequer dizer alguma palavra de agrado. Afinal, sabíamos que, embora sendo nosso pai, era o culpado por tudo o que sucedera, não somente consigo mesmo e à empresa, mas em relação a tantas vítimas inocentes. Com os ombros alquebrados, subiu para seu quarto ao lado de mamãe.

Por ser majoritário, Coronel Jorge reassumiu a presidência da indústria logo no dia seguinte, sem que os demais acionistas pudessem impedir a nossa expulsão. Era lastimável que César deixasse de acompanhar o ótimo trabalho que vinha desenvolvendo. Em seu lugar, papai reintroduziu Marcos, que ficara cinco meses longe de minha vida. Eu mal acreditava que aquele inferno todo se reinstalaria...

Sim, tudo parecia retornar ao que era antes da prisão de papai. Como alguém podia passar por uma experiência daquelas sem adquirir um mínimo de humildade? Na primeira discussão que meu irmão e eu tivemos com papai na mansão, ele avançou para cima de mim:

– É tudo culpa sua, sua ordinária! Por que não entende que quero o melhor para você e para nossa família? Você vai voltar para o Marcos e esquecer aquele sujeito que não tem aonde cair morto – e me agrediu, dando socos na cabeça.

– Pai, você tem de entender que não adianta me obrigar! Eu não amo o Marcos, nunca amei, e você sabe disso.

– Não ama né? E você acha que ama quem, por acaso? Aquele talzinho, que, como se não bastasse, o César resolveu me afrontar oferecendo emprego para ele? Ainda bem que reassumi, antes que levassem a empresa para o buraco, fazendo filantropia para toda a cidade de Pedro Afonso.

Para me defender, César entrou em luta corporal com papai. Ambos estavam

cheios de ódio. Tentei separá-los, mas tudo o que consegui foram alguns hematomas no rosto. César também ficou bastante machucado, pois a fúria que tomava conta do Coronel Jorge fazia-o se esquecer de que era contra seu filho que investia.

Desesperada, eu gritava para tentar chamá-los à razão:

– Pare César! Pare papai! Meu Deus, vocês vão se matar, assim! Alguém ajude, por favor!

Atraída pelos meus gritos, mamãe veio correndo do jardim, ainda retirando a luva cheia de terra. Seu hobby era cultivar e cuidar de orquídeas, tentando ocupar um pouco o vazio de seus dias.

– O que está acontecendo aqui? Meu Deus, aonde vamos parar? Que desgraça que se abateu sobre nossa família para chegarmos a esse ponto? Sebastião, Custódio!! – Nervosa, torcia as mãos, enquanto tocava a sineta com que chamava os serviços.

Somente com a chegada dos dois enormes seguranças que faziam plantão naquele dia na mansão, foi possível separar os dois. Mamãe teve até de ligar para o médico para fazer curativos, tão feia foi briga!

César espumava de raiva, ao se dirigir a papai, ambos sentados no sofá da sala, cada um de frente para o outro, exauridos e feridos, como dois cachorros que tivessem se engalfinhado em uma luta a dentadas.

– Tenho horror a você, Coronel Jorge! A partir de hoje, nunca mais em minha vida votarei a chamá-lo de pai, aliás, coisa que você nunca foi para nós. Você será apenas o Coronel Jorge; deste momento em diante, papai está morto para mim!

– Meu filho, não fale assim! Você não sabe o que diz – mamãe tentou colocar panos quentes na situação. – Vocês dois estão muito exaltados. Quando se acalmarem, quero que peçam desculpas um ao outro e se abracem.

– Não, mamãe. César está certíssimo – intervim. – Eu também não consigo me esquecer de tudo o que papai me obrigou a fazer, contra minha vontade. Ele não é capaz de respeitar os sentimentos alheios. Haverá um dia, talvez demore a chegar, mas chegará o dia em que Coronel Jorge irá me pedir perdão por tudo o que me infligiu – disse de maneira profética. – E quando esse dia chegar, não o

perdoarei.

As minhas duras palavras não tiveram o poder de abalar papai, que só passava a mão no queixo machucado pelo soco desferido por César.

– Adriana, você deveria ter educado melhor seus filhos – disse, simulando que bocejava com tédio. – Falta mais autocontrole para eles, deixam-se abalar por qualquer coisa.

César e eu nos entreolhamos, assustados com a falta de reação de papai. Como podia ser tão frio, assim? Ele deveria ser o que chamam de psicótico.

Permanecer naquela mansão junto com um homem que nos desejava a morte seria burrice demais.

Decidida, dei um telefonema rápido e escondido para Luciano:

– Não posso falar muito, mas as coisas se complicaram para o nosso lado, com o retorno de papai. Vamos combinar a nossa fuga. Sim, vamos nos encontrar no mesmo lugar, na margem do rio Sono, daqui a duas horas.

Capítulo VIII

A Fuga

Pedro Afonso ficara pequeno para mim e papai. Meu irmão decidiu ir morar na casa do Oswaldo. Mamãe nem sonhava em deixar seu marido. Tinha muita pena dela, mas o que podia fazer a respeito? O seu amor era mais forte do que qualquer coisa, passando até por cima de situações humilhantes, como quando era, em alguns momentos, espancada por papai.

Não levei nada na fuga, apenas a roupa do corpo. Dirigi-me ao jardim e pulei o muro dos fundos. Infelizmente, um dos guardas me flagrou nessa hora, quando já corria pela calçada da rua. Logo, papai saberia da fuga e colocaria seus capangas atrás de mim. Estava tranquila com relação à mamãe, porque César estava a par do meu plano e no dia seguinte contaria tudo a ela para não deixá-la preocupada.

O céu estava limpo, com uma linda lua cheia, às nove horas daquela noite em que me encontrei com Luciano nas margens do rio Sono.

– O que foi querida? Está tremendo! – disse-me, preocupado, enquanto caía em seus braços.

– Ah, deixe-me ficar mais uns minutos assim, bem quieta. Abrace-me com força, Luciano! – Procurei me acalmar, sentindo que as coisas estavam tão fora do meu controle.

Após uns minutos, afastei-me e, fitando-o entristecida nos olhos, comuniquei:

– Minha situação dentro da mansão está cada vez mais complicada. Papai me agrediu fisicamente e, com certeza, me obrigará a casar com Marcos. Temos que fugir o quanto antes. Se soubesse que papai iria sair tão cedo da cadeia, deveríamos ter nos casado antes.

Felizmente, Luciano preparara uma mala com os itens básicos para a nossa fuga naquela noite.

– Aonde vamos? – perguntei.

- Tenho um lugar em mente para passarmos esta noite. Espero que goste.

- Claro! Eu sigo com você aonde for – disse determinada.

Luciano segurou na minha mão e seguimos em direção a uma trilha de mata fechada que havia em uma das últimas ruas da cidade. Com a luz da Lua iluminando nossos caminhos, avançamos por algumas horas. Parávamos apenas para descansar um pouco.

– Tem certeza de que você sabe para onde estamos indo?

– Meu amor, jamais colocaria você em perigo – disse Luciano. – Já estamos chegando.

Andamos mais um pouco e, de repente, a surpresa tomou conta de mim, ao me deparar com uma gruta, cuja existência nunca ouvira falar e, acredito ninguém mais.

– Vamos entrar? É aqui que passaremos essa noite – convidou Luciano.

– Você está brincando... Deve ter morcego e cobra aí dentro. E além de certa claustrofobia, tenho medo da escuridão...

– Daniella, quero que entre comigo para ver a gruta por dentro. Depois, você decide se fica ou não. – A firmeza de sua voz me convenceu a dar a mão para ele e avançar.

Meus olhos se depararam com uma vista surpreendente e inusitada ao entrar. A gruta abrigava um pequeno lago, cujas águas, ao refletirem a luz da Lua que penetrava pela abertura, iluminavam todo o ambiente.

Fui dominada por um som hipnótico. Pingos de água caíam do teto direto no lago e também em suas margens. Produziam efeitos de ecos, que se espalhavam por todos os lados. Pingos ancestrais tinham formado nos tetos enormes estalactites e, consequentemente, no chão, em volta do lago, próximo de suas margens, as estalagmites. Constituíam-se um cenário que somente Deus poderia conceber. Nenhum ser humano teria essa capacidade.

Estava preocupada por me encontrar dentro de uma gruta em plena noite, mas olhava para o meu amor e sentia confiança.

Após admirar a beleza do lugar, comecei a desfazer a mala de Luciano, que

estava abarrotada.

– O que você tanto carrega aí? É necessário tudo isso? – indaguei.

– A gente nunca sabe o que vai precisar – respondeu.

Forramos o chão irregular com dois lençóis e enrolamos duas toalhas de banho à guisa de travesseiros. Enquanto isso, Luciano acendia uma fogueira. Sentamos um ao lado do outro em nossa precária cama, enquanto nos aquecíamos com o calor da fogueira.

– Estou muito feliz por estar ao seu lado. Mesmo sendo em uma gruta. Para mim, o que importa é ter você para sempre – ele me disse, entregando a mim as fotos tiradas no jantar em sua casa.

Havia uma dedicatória no verso de uma delas: “Para você guardar como recordação de um momento extraordinário”. Ao guardar as fotos em meu bolso, encostei os lábios em sua orelha e lhe disse, emocionada:

– Você está sendo, para mim, a luz no final de um túnel muito escuro. Esse túnel é a minha vida. Eu não achava saída para esse sofrimento, mas quando te conheci, achei essa luz e, assim, pude cruzar o caminho que me levará à felicidade.

Percebi que Luciano se arrepiava com minhas palavras. Apertei sua mão e continuei:

– Tudo que eu estou fazendo é por amor a você. Ao seu lado, estou vivendo um sonho; um sonho que se tornou realidade – um sonho azul.

Não ouvi nenhuma resposta. Apenas senti suas mãos acariciando meu rosto.

Segurei minha nuca e me puxou para perto de seus lábios. Perdi-me entre beijos e abraços, imaginando que as ondas de emoção que me envolviam me levariam para longe da realidade, até uma ilha deserta. Ali ficaríamos a sós e nos amariamos loucamente, despertando os segredos mais profundos que existiam dentro de mim.

Como na primeira vez em que Luciano me beijou, nossos corpos se entrelaçaram num encaixe perfeito. Ouvir os sons produzidos pelos nossos beijos e sussurros ecoando pela gruta aumentava ainda mais a nossa excitação.

Já deitada, Luciano beijava com carinho a minha testa e dessa forma descia, beijando-me. Minha respiração se tornava a cada instante mais ofegante.

Naquele momento, intuí que seria a nossa primeira noite de amor. Eu me entreguei por inteira ao grande amor de minha vida, sem me importar onde me encontrava. Mesmo em uma gruta pouco hospitaleira, estava com ele, e era o que me importava.

Sua mão deslizava em minha pele, aquecendo os meus desejos. Sempre com movimentos delicados. Deitado por cima de mim e ao pé de meu ouvido, sussurrava:

– Daniella, desde o momento em que te conheci eu senti que você é a mulher de minha vida. E sei que vou te amar para todo o sempre.

Explorava cada parte de meu corpo, me fazendo sentir verdadeiramente amada. Notei algo fascinante, ao me virar de lado: por causa da luz emitida pela fogueira, me deparei com nossas sombras refletidas na parede da gruta. Tudo o que fazíamos era reproduzido instantaneamente na parede. E ali, próximo a nós, o lago refletia em suas águas a luz da Lua.

Passamos a noite nos amando. Tinha consciência de que aquele momento era mágico e nunca mais se repetiria daquela maneira; assim, eu o vivi querendo perpetuá-lo para sempre.

Ao amanhecer, despertei com a luz do sol avançando devagar pelas paredes da gruta e iluminando todo o seu interior. A fumaça da fogueira se dissipava bem devagar no ar e, onde crepitara um fogo ardente na noite anterior, sobraram apenas as cinzas em brasas.

Fiquei bastante tempo admirando Luciano dormindo sobre mim, com seu rosto colado em meus seios, como se estivesse namorando o meu coração.

Era realmente o homem da minha vida! Não era exatamente o que tinha planejado para a minha primeira vez, mas estava explodindo de felicidade.

* * *

Estávamos prontos para continuar nossa fuga, quando ouvimos passos vindos da entrada da gruta. Reconheci a voz de Marcos com os capangas de papai, precedendo a visão nada agradável daquele rosto ao qual passava a alimentar verdadeira aversão.

Eu não acreditava no que via. Por que tinha que ser dessa forma? Teria eu, algum dia, êxito na vida? Vivendo aqueles momentos com Luciano, cheguei a

pensar que estava livre do alcance do Coronel Jorge; que tudo tinha acabado e, enfim, a felicidade entrava em minha vida definitivamente. Mas agora, com Marcos ali em meu encaço, convencia-me de que não tínhamos como escapar. Não havia saída para nós.

Marcos apontou um revólver em nossa direção:

– Ah, aí estão os pombinhos fujões. Que cena linda! Que fazem nessa gruta, só os dois? A minha noivinha não pode sair com outro homem, isso compromete a sua reputação e poderá cair na boca do povo. A senhorita ficará mal falada na cidade...

– Marcos, por favor, abaixe essa arma... Não vá fazer nenhuma loucura... Você precisa entender... Acabou, entende? Não estou mais comprometida com você. Não o trai. Se entender isso, as coisas ficam mais fáceis.

– Sai de perto desse cafajeste! AGORA! Aproveitador barato. Conheço esse tipo! Daniella venha para perto de mim...

Relutei em atender a sua ordem, mas se não o fizesse, ele atiraria em nós. Soltei-me dos braços de Luciano e fui em direção de Marcos. Ao chegar perto, ele me agarrou e, em seguida, tapou minha boca.

– Agora, desgraçado, você vai apanhar tanto, mas tanto, que nem vou precisar usar a minha arma para te matar – disse Marcos.

Retirei a mão do Marcos de minha boca e implorei para que não fizesse nada contra Luciano, mas ele tapou minha boca mais uma vez.

O que tanto temia estava se desenrolando na minha frente, como cenas de um pesadelo: a fuga revelava-se um fracasso e, para piorar, ainda corria o risco de perder meu grande amor. Nunca vou me perdoar por essa situação.

Uma impiedosa cena de tortura teve início diante de meus olhos, sem que nada pudesse fazer. Eu me retorcia toda para me livrar de Marcos, mas sendo ele mais forte, não obtinha sucesso.

Testemunhei Luciano apanhar de todos os lados com chutes e socos. Até cuspiam nele. Os gritos de dor que ouvia eram como facas entrando em minha carne.

Por várias vezes os capangas enfiaram o rosto de meu amor dentro da água do lago até ele não aguentar mais. O sangue espalhava-se nas águas transparentes

do lago.

– Parem! – soou um grito vindo da entrada da gruta.

Aproveitei a distração e mordi a mão de Marcos. Soltei-me e corri até Luciano, que continuava atordoado.

Quando olhei para trás, vi meu irmão e seus amigos, que se aproximavam. Nunca me senti tão aliviada.

– Marcos, pare com essa loucura. Já chega de violência nessa cidade. Larguem o Luciano – ordenou meu irmão aos capangas de papai.

Coloquei a cabeça de Luciano em meu colo. Se tivessem continuado por mais um tempo, teriam matado ele ali mesmo. Não conseguia prestar atenção à conversa entre meu irmão e o Marcos; a minha preocupação era cuidar do Luciano.

– Está tudo bem, Daniella – ouvi de meu amor, que balbuciou enfraquecido, com o objetivo de me tranquilizar.

Apesar das dores, ele procurou ficar em pé.

César veio até nós e nos entregou a chave de seu carro:

– Vão embora, podem fugir com o veículo. Ele está na estrada de ter á.

Nem quisemos perguntar como ele convencera Marcos a nos liberar. Peguei a chave, me despedi de meu irmão com um grande abraço, passamos correndo por Marcos e sentimos seu olhar injetado de sangue, fixo em nós. Ao sair da gruta, percorremos uma parte da mata fechada até encontrarmos o carro.

– Luciano, você tem condições de dirigir? – perguntei.

– Sim, pode deixar – respondeu.

Acelerando sem temer o que vinha em nossa frente, Luciano, acessou uma rodovia e a cada quilometro percorrido, Pedro Afonso em nosso retrovisor ficava mais distante.

* * *

Eu olhava para o rosto de Luciano, no qual os hematomas arroxeados revelavam a tortura sofrida, poucos minutos antes. Eu me sentia tão grata pelo surgimento de César e por estar próximo o fim daquele pesadelo! Quanto mais nos afastávamos da área urbana e nos aproximávamos da estrada que nos levaria

para bem longe de Pedro Afonso, mais a tensão se dissipava dentro de mim. Deixei a brisa me desmanchar o cabelo. Apertei a mão direita de Luciano na minha, transmitindo calor um ao outro. Fechei os olhos, emitindo um longo suspiro. Quando os reabri avistei um carro prata, que reconheci de longe. Meu coração acelerou: Era o coronel! Estava com seu carro estacionado, como que aguardando alguém. Não tive dúvidas de que esperava por nós. Na certa já suspeitava, caso fugíssemos de carro, teríamos que passar pela rodovia que é a única saída da cidade. Droga!

– Luciano, pegue aquela estrada de terra batida, logo ali! – disse rápido antes de passarmos pelo Coronel Jorge. Fiquei olhando para trás, preocupada em sermos vistos pelo meu pai, o que, infelizmente, acabou se confirmando.

Uma terrível perseguição teve início. Pelo retrovisor, ficávamos monitorando Coronel Jorge, um pouco atrás de nós. Eu conseguia até enxergar um brilho assassino em seu olhar. Lembrei-me até de Jack Nickolson, em “O Iluminado”. Para piorar, lembrei-me tardiamente que aquela estrada de terra não daria em lugar nenhum, terminando em uma planície com um grande abismo no final.

– Foi aqui que encontraram os corpos dos fiscais, não foi? – indaguei, mordendo os lábios.

– Sim, Daniella, parece que foi bem lá na frente – respondeu Luciano.

– E agora, o que vamos fazer? Essa estrada não dá para lugar nenhum!

– Eu não acredito nisso! Vamos tentar apenas não ser pegos.

Quando voltei a olhar pelo retrovisor não avistei mais o carro do coronel. O que teria acontecido com ele? Não acreditava que desistira assim, tão fácil.

Luciano me comunicou, após alguns minutos:

– Daniella, não estamos mais sendo perseguidos pelo seu pai, mas por Marcos.

– Como? Meu Deus! O que será que o Marcos fez com o meu irmão? E onde estará o Coronel Jorge? – indagava, cheia de interrogações.

Tivemos de parar, ao atingir o final da planície. Não tínhamos para onde fugir. Poderíamos continuar a pé, mas qualquer um nos alcançaria de carro.

Na demora em tomar a decisão se sairíamos correndo ou não, Marcos nos alcançou e parou em nossa frente, desceu de seu carro gritando para sairmos do veículo, sem mostrar aparentemente que estava armado.

– O que você fez com meu irmão? – perguntei ao sair do veículo junto com Luciano.

– Estava seguindo o Coronel Jorge, quando ele perdeu o controle e bateu em uma árvore. Não se preocupe, ele está bem, o *air bag* o salvou. Quanto ao seu irmão, resolvi deixá-lo amarrado na gruta, junto com aqueles outros dois idiotas, vigiados pelos capangas. Só não mandei jogá-los no lago porque tive piedade. Agora, de vocês não terei nem um pinga de dó – afirmou Marcos.

Luciano e eu nos olhamos angustiados. Será que morreríamos logo após ter descoberto o paraíso, um nos braços do outro? Estávamos de mãos dadas, sem saber o que fazer. Não existia saída.

– Você vai se arrepender por ter cobiçado a minha namorada – ameaçou Marcos, dominado pelo ódio. O tom de sua voz denunciava que era capaz de tudo, até de matar!

Tentei intervir, mas foi inútil; naquela hora eles tinham que acertar suas contas.

– Ela não ama você – disse Luciano.

– Não quero saber, ela é minha – retrucava.

Socos e chutes foram desferidos, até que Marcos recebeu um golpe certo no rosto, que o fez cair no chão.

– Luciano, vamos embora! Deixe-o aí – gritava sem cessar. Sabia que, por ser mais forte, ele tinha chances de acabar com Marcos, mas eu não queria briga.

Marcos, ainda atordoado e no chão, apoiou-se sobre os cotovelos e sacou rápido uma arma, que retirou do bolso posterior da calça. Novamente ficamos na sua mira. Sabendo que não tinha condições de vencer no braço, o covarde apontava triunfante, o revólver para Luciano. Não entendia nada de armas de fogo, mas nem era preciso ser algum *expert* para saber que a que ele apontava era de alto calibre.

– Abaixar essa arma, Marcos. – Tentei fazê-lo voltar à razão. Sabia que qualquer gesto brusco, qualquer palavra mal empregada poderiam detonar uma tragédia. – Chega desse inferno! Eu não aguento mais. Deixe-nos ir embora e vá viver sua vida em paz.

– Cale a boca! Venha para cá ou atiro nele! – bradou.

Sem opção, aproximei-me de Marcos, que me agarrou, apontando imediatamente a arma para minha cabeça. Não receava pela minha vida: sabia que ele não teria coragem de atirar em mim, mas estava doido para se vingar de Luciano.

– Agora, seu verme, quero que vá até a beirada do abismo e se jogue de lá; caso contrário, eu atiro em Daniella e depois mato você – exigiu Marcos, enquanto ameaçava com o dedo sobre o gatilho destravado em minha cabeça, próximo ao ouvido direito. – Então, o que vai decidir? Morrer antes ou depois da sua namoradinha?

– Não faça isso, Luciano – eu disse receosa, mal conseguindo respirar, pois me mantinha num abraço de urso.

– Está bem, Marcos, eu vou – respondeu Luciano, sem me dar ouvidos.

Observava o suor escorrendo-lhe pelo rosto: não tinha dúvidas de que Luciano faria isso sem pensar duas vezes.

Virou-se de costas, seguindo em direção ao abismo, enquanto eu sentia que Marcos afastava a arma de minha cabeça e, agora, apontava-a para Luciano. Quando percebi a sua intenção assassina, não raciocinei; sabia apenas que precisava agir e fazer alguma coisa o mais rápido possível. Eu utilizei a única arma que tinha ao meu alcance: enfiei meus dentes na mão do canalha. Foi tão forte a mordida, que arrancou um pedaço de carne. Cuspi longe, para não sentir muito o gosto de sangue.

Soltando um urro, Marcos deixou a arma de fogo cair. Como estava engatilhada, o disparo acidental que se sucedeu, misturou-se, abafado, aos berros de Marcos. Consegui pegar a arma e a joguei longe.

– Sua filha da puta! – gritou Marcos, desferindo uma forte bofetada em mim.

Luciano voltava correndo em nossa direção. Ao perceber que eu estava sendo agredida, veio como um leão para cima de Marcos. Parecia que a briga não teria fim; novamente, os dois iniciavam um combate, agora redobrado em ódio. De repente, um canivete... Foi o que Marcos sacou do bolso da camisa, passando a investir várias vezes contra Luciano.

– Vocês vão se matar, assim! NÃO! Marcos largue esse canivete! – eu gritava desesperada. Minha garganta até doía, mas eles pareciam não me ouvir, tão

concentrados em sua luta.

Eu fechava os olhos, por vezes, para não testemunhar aquela cena de terror. Sem perceber, eles estavam na beira do abismo. Se um deles desse um passo errado, já era.

Cego pelo ódio, transtornado, Marcos não percebia os riscos que estava correndo. Com um brilho de triunfo no olhar, lançou-se contra Luciano, para desferir um golpe fatal de canivete em sua jugular. Este, num movimento inesperado, que somente o desespero consegue conferir, amorteceu o golpe, virando-se a milímetros de ser atingido. Marcos se lançara com tanta gana ao solo, que acabou perdendo o equilíbrio ao impulsionar o corpo com mais velocidade do que o desejado. O abismo abriu-se à sua frente, diante de seu olhar de assombro.

– NÃÃÃOO!... – foi a última palavra que ouvimos, antes que seu corpo fosse lançado pelo despenhadeiro abaixo, enquanto, tal um fantoche de pano, ia batendo nas escarpas pontiagudas.

Trêmulos, Luciano e eu nos abraçamos e nos aproximamos da beira do precipício, apenas para conferir o corpo inerte e sem vida de Marcos, a mais de trinta metros de onde estávamos. Em nenhum momento imaginei que ele terminaria assim. Sua morte era algo que jamais tinha desejado.

– Você está bem? – perguntei a Luciano.

– Sim. Só não contava com esse desfecho... Que fatalidade, Daniella!

– Vamos embora daqui, agora mesmo, Luciano – disse, mal me aguentando em pé sobre as pernas. Meus joelhos não paravam de tremer.

Seguimos em direção ao carro de meu irmão, mas antes de abrir a porta, papai, com a testa sangrando, surgiu do nada com uma arma apontada para nós.

– Papai!

– Vocês vão pagar caro pelo que fizeram comigo!

– Papai, calma, por favor!

– Cale a boca, sua vadia! – gritou, enquanto se virava para Luciano. – Então, você que é o tal de Luciano. Desgraçado, vai morrer!

Pelo seu tom de voz, ele não estava para brincadeiras. Luciano me puxou pelo

braço e começamos a correr em direção oposta de papai. Acuada, confusa, eu mal conseguia raciocinar direito. Ouvimos um tiro e, num movimento instintivo, nós dois nos jogamos ao chão. Papai estava com a arma levantada para o alto.

– Não vão a lugar nenhum! Daniella, você se lembra quando te avisei para escolher o que era certo, caso contrário esse moleque sofreria as consequências? Então, hoje estou aqui para acertar as contas!

– Papai, por favor, nos deixe em paz – disse, colocando-me em pé.

Sem me dar ouvidos, papai apontou a arma em nossa direção e atirou na perna de Luciano. Ele caiu com o impacto da bala e com a dor. Ajoelhei-me ao seu lado, dizendo que tudo ficaria bem, que iria levá-lo ao hospital.

– Desgraçado!!! – disparei contra o Coronel Jorge.

– Isso não é nada. Minha vida tornou-se um inferno por causa desse verme. Eu terei que aturar você Daniella porque é minha filha, mas ele vai morrer para que todos saibam quem eu sou!

A sua intenção era claramente assassina. Aquilo me desesperou: não sei o que aconteceria comigo se tivesse êxito. A perturbação mental ao ver meu amor naquele estado me fez agir de maneira insana, abominável: jamais tinha pegado em uma arma de fogo, mas ao avistar, próximo de meus pés, o revólver de Marcos, peguei-o com as duas mãos e, destravando o gatilho, apontei-a na direção de meu pai.

– Você não tem coragem de fazer isso – disse convicto papai.

Ele também apontou a sua arma para mim, só que ao contrário de mim, não estava tremendo. Por instantes, senti que ele atiraria em mim a sangue-frio.

De uma maneira inexplicável, um vento repentino começou a soprar em nossa direção, tornando-se mais forte. Meus cabelos esvoaçavam, chegando a cobrir minha visão. Era como se Deus estivesse manifestando sua tristeza conosco. Era um alerta da iminente tragédia que se abateria entre nós: filha matar o pai, ou pai matar a filha?

Permanecemos intermináveis segundos, um apontando a arma para o outro, aguardando o movimento certo para atirar. Minha mão tremia, mas o meu olhar não se desviava do de papai.

– Não! – gritou Luciano, ao se colocar na minha frente.

Papai aproveitou e disparou duas vezes seguidas, o acerto foi em cheio no tórax de meu grande amor.

Com o impacto das balas, Luciano foi jogado para trás, caindo em cima de mim. Só me recordo de ter apertado o gatilho, e a minha arma disparou. A bala se perdeu na mata.

Em estado de choque, sacudia Luciano e conversava com ele:

– Amor, você está bem? Olhe, vou chamar a ambulância e nós vamos fugir. Não me abandone, Luciano, não me deixe!

Beijei-o várias vezes, sentindo que o calor da vida o abandonava. Já estava toda suja de seu sangue, mas permaneci ali, até que o vento que prenunciava mau tempo me gelasse, trazendo por fim a chuva – esta me encharcou até os ossos. Sentia-me esvaziada, gelada por dentro e por fora, assim como o corpo inerte de meu amor, sobre o qual me deitara, enquanto as minhas lágrimas se misturavam às grossas gotas de chuva.

Quando a polícia chegou chamada pelo Coronel Jorge, eles ficaram um bom tempo em conversa. Coronel Jorge foi chamado por outras autoridades que vistoriava o local, para aproximar-se próximo do abismo para mostrar o corpo de Marcos. Vi o coronel por as mãos na cabeça inconformado com a cena que presenciava.

Os policiais tiveram dificuldade em fazer com que eu me desvencilhasse de Luciano. Nem me lembro desses momentos, ficou uma lacuna em minha mente, talvez como uma forma de eu me proteger contra a insanidade. Jogaram o corpo de meu amor como se fosse um saco de lixo para dentro do camburão. Não esperam nem o IML chegar para fazer qualquer perícia.

Capítulo IX

O perdão

No dia do funeral de Luciano, meu coração sangrava, embora eu não derramasse uma lágrima sequer. Eu já esgotara meu reservatório na noite anterior. Sentia-me seca, esvaziada.

Fui proibida de comparecer à cerimônia de enterro pelo Coronel Jorge, enunciando que não queria nunca mais que aquele nome fosse sequer pronunciado em casa. Acompanhei com o olhar o desfile de guarda-chuvas abertos que, numa perturbadora harmonia, se perfilavam na rua em frente à mansão. Rumaram até o cemitério não muito distante dali, numa marcha fúnebre e silenciosa, enquanto os grossos pingos de chuva batiam no vidro da janela de meu quarto. O dia estava nublado, cinzento, assim como tudo ao meu redor.

O enterro de Marcos aconteceu no final do mesmo dia; as inúmeras coroas de flores e pessoas impressionavam – era o que diziam minhas amigas. Claro, Marcos fazia parte da alta sociedade de Pedro Afonso.

Mais uma vez, papai conseguiu escapar da justiça e ficar impune, alegando que matara Luciano em legítima defesa. Embora nada pudesse fazer meu amor retornar à vida, tentei desmenti-lo, mas em vão. Nem intimada para ser interrogada pelo delegado, eu fui. Coronel manobrou mais uma vez com o corrupto chefe da polícia civil para conseguir o que desejava.

Quando Luciano morreu, não desconfiava que, dentro de mim, se iniciava uma nova vida. Faltam alguns dias para completar um mês da morte do pai de meu filho ou filha, o Coronel Jorge descobre que estava grávida, a primeira reação de papai foi ordenar que eu tirasse meu filho. Disse-me que ligaria para a clínica em que um médico amigo seu fazia abortos clandestinos, agendando um horário para mim no dia seguinte. Eu, que ainda me encontrava em estado de choque, vivia uma situação surreal: um vazio tão grande dentro de mim, ao mesmo

tempo em que me sentia tão preenchida de dor e amargura. E ainda sabendo que, agora, estava se formando uma nova vida dentro do meu ventre. Um filho! Um elo entre Luciano e mim; um sinal concreto de que vivera um amor real, que não fora apenas uma fantasia de minha cabeça, como às vezes me parecia ter sido: apenas um sonho fugaz.

Acredito que só tenha saído daquela sensação de não mais pertencer à realidade, quando na manhã seguinte, logo que acordei, antes mesmo de me levantar da cama, fui agarrada por dois enormes e truculentos seguranças.

– O-o... que é isso? O que está acontecendo? Soltem-me, seus brutos! Como ousam invadir assim o meu quarto? – gritei, indignada, tentando me desvencilhar daquelas garras de aço. – Eu vou contar para o Coronel Jorge e ele vai mandar vocês para o olho da rua!

– Calma, dona Daniella! Foi o próprio Coronel Jorge quem mandou a gente não deixar a senhorita escapar. Ele nos disse que, antes que pusesse os pés no chão, a colocássemos no carro.

Se ainda havia um vestígio de torpor acompanhando o meu despertar, esse se dissolveu na hora, pela raiva que se apoderou de mim.

– No carro? Por quê? Para onde vão me levar? – De repente, lembrei-me das palavras do coronel no dia anterior.

– Nós vamos levá-la à clínica do Dr. Amadeu, no bairro das Acácias. O Coronel Jorge disse que nem vai precisar tomar café da manhã e que não é para deixarmos a Dona Adriana ver a senhorita saindo...

O desespero tomou conta de mim. Eu não deixaria que o coronel Jorge, mais uma vez, comandasse a minha vida e retirasse de mim a única ligação com Luciano. Não! Somente se passasse por cima de meu cadáver! Defenderia aquela vida, a todo custo. Eu tinha, afinal, um motivo para continuar a viver!

Fingi que obedecia. Levantei-me da cama e disse com a voz mais calma que consegui simular (por dentro, eu fervia, como uma panela de pressão prestes a explodir):

– Está bem. Vou segui-los. Mas não quero ser agarrada como uma bandida prestes a ir para a cadeia. Me deem só uns dez minutos. O tempo suficiente para eu lavar o rosto, escovar os dentes e trocar de roupa.

Os dois seguranças se olharam, consultando-se sobre aquela possibilidade. Estavam tão acostumados a seguirem ordens estritas, que qualquer coisa que fuisse ao *script* previamente estabelecido, os confundia.

– Vão por mim, só preciso desse tempo. Olha, podem até ficar do lado de fora, me aguardando na porta.

Meio relutantes, resolveram ceder. Se conseguissem ver o brilho em meus olhos, talvez tivessem desconfiado, e meu plano teria ido por água abaixo. Mas os mantive abaixados. E tudo deu certo, conforme os designios de Deus.

Nunca fiz tão rápido uma mala em minha vida: jogava roupas e objetos pessoais, conforme os via, não me esquecendo de meus documentos. Esgueirei-me pela borda da janela, pelo lado de fora, onde havia uma pequena saliência, à guisa de floreira, que no momento não continha nenhum vaso e apoiei os pés com cuidado. Aos poucos fui descendo até sentir meu pé firme no solo. Finalmente a minha liberdade!

Entrei na garagem e, determinada, entrei no carro reserva, que sempre ficava com a chave no contato, para uso do motorista da casa. Dei partida, acelerando com fúria, sem me importar com mais nada, a não ser abandonar aquela mansão e tudo o que me suscitava como uma prisão dourada. Corri pela estrada tortuosa, devorando suas curvas a mais de 120 quilômetros, só diminuindo a marcha ao avistar a rodoviária da cidade. Não me despedi de ninguém nem naquele momento, nem nas semanas seguintes. Busquei refúgio na casa de parentes na capital.

Fiquei morando longe de Pedro Afonso por quatro anos. Nesse período, Coronel Jorge respondeu em liberdade ao processo de utilização de trabalho infantil na justiça. Nada aconteceu. Recursos atrás de recursos faziam com que o julgamento fosse adiado. Não tinha mais contato com a cidade, nem fazia questão de saber sobre o destino de Ana. Bem que ela tentou arrumar outro bom partido que nem Marcos, mas esses preferiam se casar com outro tipo de garota. Sua fama de namoradeira e interesseira corria de boca em boca. Ela foi a única que não teve coragem de sair da pequena cidade. Afinal, depois de um tempo, todo mundo ganhava o mundo, se queria algum tipo de projeção profissional.

Acompanhava, pela imprensa da capital, que a situação das crianças utilizadas na fazenda do coronel se resolvera: algumas voltaram para seus pais; outras

ficaram sob a guarda do juizado de menores aguardando adoção. Houve dois casais de pais que foram punidos por terem entregado seus filhos para o trabalho no laranjal. Para piorar, o que mais chocou a opinião pública foi o fato de a reportagem ter apurado que várias crianças, enquanto mantidas cativas na propriedade, eram frequentemente vítimas de abuso sexual.

A banda “Liberdade Condicional”, agora com um novo contrabaixista, ganhara projeção nacional, realizando vários shows pelo Brasil. O fato de se apresentarem fantasiados fez com que obtivessem muito sucesso e até saíssem em capas de várias revistas de celebridades. As garotas suspiravam pelos músicos, imaginando seus rostos por trás das máscaras.

Mesmo com a imagem arranhada, Coronel Jorge continuou sendo o rei de Pedro Afonso, e mantendo a pose de coronel todo poderoso.

Meu filho Lucas, com 4 anos, nunca viu o avô. E, na verdade, o coronel nem fazia questão de conhecer o neto. Ademais, como poderia explicar ao meu filho que seu pai foi assassinado pelo próprio avô?

Isso explicava o fato de “Avô” ser um tema tabu em casa, assim como todo o meu passado como filha do Coronel Jorge, que pouco mencionava a Lucas. Mamãe nos visitava raramente. Meu irmão, por questões de compromissos com a banda, a cada quinze dias. Começaram a se apresentar até em turnês internacionais, o que me enchia de orgulho, ao relembrar os tempos do estúdio improvisado na acanhada garagem de Oswaldo. Fiquei me perguntando se Luciano, vivo, continuaria compondo a banda. Talvez eu não deixasse, ou sim. Vai saber...

Essa foi minha vida durante quatro anos.

* * *

Dois anos se passaram.

Sem motivo aparente, mamãe passou a me ligar, insistindo para que eu voltasse para Pedro Afonso.

– Filha, estamos com muitas saudades suas. Volte a morar novamente aqui com a gente, na mansão. Seu quarto está intacto, todos os seus objetos continuam em cima da penteadeira...

Eu não podia acreditar no que ouvia. Aquilo era algo inaceitável até de se

propor. Mamãe sabia, afinal, por que eu fora embora; depois de um tempo lhe contei tudo: desde a coerção de papai para eu abortar e até de que maneira Luciano morrera, com os disparos da arma do monstro de meu pai.

– Mamãe, não dá. Não consigo me imaginar morando debaixo do mesmo teto que o Coronel Jorge. Você está exigindo demais de mim... Não posso nem olhar para esse homem; acho que vomitaria! – disse, percebendo tarde demais que fora um tanto quanto dura e feria minha mãe com essas palavras.

Meses de insistência, até que a verdade apareceu. Naqueles dois últimos anos, papai adoeceu. Estava com câncer terminal e cego pela diabetes. Em pouco tempo, a doença o consumiu. Na época, eu pensava que era tudo castigo pelas maldades que causara na vida de tanta gente.

Aceitei voltar apenas porque ele permanecia somente em seu quarto, não saindo para lugar algum. Assim, não precisava vê-lo. Meu filho Lucas, com seis anos, já entendia as coisas que falávamos para ele. Por isso, queria evitar seu contato com um monstro, como o seu avô.

César, para minha surpresa, também voltou a morar na mansão. Mamãe estava muito sozinha, precisava de seus filhos.

A empresa acabou sendo vendida a preço de banana, após sucessivos prejuízos que se acumulavam nos últimos anos por má administração. Papai não conseguia trabalhar por conta de seu estado de saúde.

No cotidiano da mansão, mamãe, aos poucos, tentava nos convencer a visitar nosso pai.

– Meus filhos, seu pai, após adoecer e se encontrar no estado em que está, mudou muito seu comportamento. Não aceita que ninguém o chame mais de Coronel Jorge, apenas de Jorge.

Incrível o que a doença pode provocar na vida de um ser humano! “Será que a proximidade e o medo da morte faz a pessoa mudar seu caráter?” – eu me perguntava, incrédula, embora ainda não totalmente convencida a ceder aos apelos de mamãe.

Às vezes, ouvíamos gritos. Era o monstro, sofrendo as dores lancinantes que a doença, em seu estágio final, provocava em seu corpo. Embora aqueles gemidos cruciantes me dessem arrepios, queria me convencer de que ele merecia e me

sentia vingada, em parte. Endurecida pela dor, martelava-me à cabeça: “Ele merece isso e muito mais! O que ele está sentindo não chega perto de tudo o que sofri nas mãos dele”.

A única pessoa que conversava com o Coronel Jorge era mamãe. Ela, sim, era uma mulher guerreira: sempre sofreu nas mãos do marido e nunca o traiu ou abandonou. Agora, encontrava-se ao seu lado no momento de doença, conforme jurara, nos votos matrimoniais: “Na saúde e na doença...” Quantas pessoas conseguem cumprir as promessas feitas no passado?

Quanto a mim, não conseguia me sentir abrandada ao testemunhar o sofrimento daquele homem. Constatar o seu padecimento apenas servia para satisfazer o meu desejo de vingança por aquele monstro que condenara meu filho, antes mesmo de nascer, a ser órfão de pai. Meu coração doía cada vez que eu pensava que Luciano morrera desconhecendo que seria papai!

Semanas seguintes.

Esperançosa, mamãe não desistia de obter o nosso perdão para o Coronel Jorge, insistindo para que César e eu fôssemos vê-lo em seu quarto. Estava à beira da morte; um dia a mais vivo, seria um milagre.

– Aqui se faz aqui se paga – dizia meu irmão.

Paralisada, pensativa olhei para meu irmão e após alguns instantes soltei -“Vamos vê-lo, César? Vou fazer isso pela mamãe; não pelo Coronel Jorge”.

Mamãe explodiu de felicidades com minha decisão. Apesar de tudo, ela sempre amou papai; era o que se podia chamar de amor incondicional... Quanto a mim, só conseguia nutrir ódio ao homem que mais me prejudicara em vida. César relutou um pouco com minha decisão, mas logo respirou fundo, abaixou a cabeça e concordou.

Ao entrar bem lentamente no quarto, demoramos em nos acostumar com a

semipenumbra e enxergar o coronel, deitado na cama. Era um clima muito pesado, algo horrível de sentir, muito triste! Depois de uns segundos necessários para me adaptar à falta de claridade, distingui-o: magro, aparência esquelética, maçãs do rosto e olhos encovados, a pele quase transparente, os poucos fios de cabelo grudados no couro cabeludo. Mas não me comoveu; não senti um pingo de dó. “Está tendo o que merece”, rejubilei-me, endurecida em minha dor.

– A Daniella e o César estão aqui. Vou deixar vocês a sós – disse mamãe, enquanto fechava a porta atrás de nós.

Um silêncio pairou entre nós. Afastamo-nos, seguindo para o outro lado do quarto, perto da janela sem falar nada, tentando respirar um pouco de ar menos viciado. De onde estávamos apenas ficamos observando o estado cadavérico em que se encontrava.

O coronel não se moveu; continuou com o rosto virado para a porta, achando que ainda estávamos naquela direção.

– Entrem meus filhos. Quero falar algo para vocês – disse.

– Estamos aqui na janela – disse César.

Jorge virou seu rosto em nossa direção, onde se podia ver um brilho de felicidade genuína.

– Meus filhos! Estou tão feliz por vocês estarem aqui comigo, após tantos anos! Com os braços esticados, chamou-nos para que chegássemos perto dele e o abraçássemos. – Aproximem-se de mim, meus filhos. Quero sentir o abraço de vocês.

Esperamos por aquela atitude durante tanto tempo na vida. Nunca, em nenhum momento ele nos chamara de filhos, ou manifestara carinho por nós. Sempre frio e arrogante. Mas, era tarde. O arrependimento que manifestava em seu coração era decorrente do sofrimento que passava e não pela consciência das atrocidades praticadas em toda sua existência aqui na Terra.

Papai ficou ali, com os braços estendidos, esperando que fôssemos até ele e o abraçássemos. Não fui, nem meu irmão. Algo nos impedia; parecíamos duas estátuas. César chorava igual a uma criança, enquanto eu não conseguia derramar uma gota de lágrima.

– P-preciso... do abraço de vocês! – balbuciou.

– Não vamos te abraçar, Coronel Jorge! – respondi com rispidez.

– M-minha filha... Por favor... Não fale assim comigo! E não me chame assim, de coronel, apenas de pai. Tenho total consciência dos meus erros... – Um sorriso amargo se desenhou em seus lábios arroxeados. – Afinal, estou há tantos anos nesta cama... E tenho pesadelos todas as noites... Lembro-me de como fui um péssimo pai para vocês dois... – disse, num suspiro cansado, pelo esforço que lhe era exigido ao falar.

– Péssimo pai? Você nunca foi pai, nem merece essa dádiva – retruquei, enquanto meu irmão, calado, só chorava.

A raiva dentro mim, finalmente liberada, transbordava como lavas incandescentes que acabavam de ser expelidas da boca do vulcão.

Ele abaixou os braços, à beira do choro:

– Não fale assim, não quero brigas; apenas pedi que viessem aqui para pedir perdão a vocês dois. Não quero morrer sem antes ouvir da boca de meus filhos essa palavra tão abençoada: perdão!

Ao ouvir suas últimas palavras, não aguentei mais: senti desmoronar a minha fortaleza. Incontroláveis, as lágrimas rolavam pelo rosto sem parar. Meu desejo era que eu conseguisse não derramar nenhuma gota de lágrima por causa daquele monstro, mas não tive forças para isso. Eu sentia que ele estava sendo sincero, embora meu rancor e mágoa fossem mais fortes.

– Quero relembrar, Coronel Jorge, que muitos anos atrás eu lhe disse que chegaria o dia em que iria se arrepender por tudo o que fez contra mim e contra tanta gente inocente. Chegou este dia. Hoje, você é mais um cadáver vivo do que qualquer outra coisa... E eu digo com a boca cheia: não te perdoo! Jamais obterá o meu perdão por ter tentado matar meu filho, ter deixado o Lucas sem pai; por ter assassinado o grande amor de minha vida! – desabafei em tom muito agressivo. – Chorei por anos seguidos, até que a dor amenizasse dentro de mim. Mesmo agora, meu coração não está totalmente cicatrizado; de vez em quando, ainda sangra... E este encontro é a primeira e a última vez que acontece!

Clamando por piedade, papai só chorava.

– Quero morrer em paz com o perdão de vocês, meus amados filhos – balbuciou com voz débil. – Sei que estou querendo demais, mas é o meu último

desejo em vida...

Apenas gesticulei para que César saísse junto comigo do quarto, e deixamos o coronel falando sozinho, achando que ainda estávamos lá. As últimas palavras que ouvimos antes de fechar silenciosamente a porta atrás de nós foram: “Eu amo muito vocês, meus filhos, e preciso do abraço de vocês, antes de morrer”.

Olhei para trás e o vi pela derradeira vez com seus braços levantados para o vazio. Papai aguardava um abraço que nunca aconteceu.

Descemos para a sala e ficamos sentados, abraçados, e choramos tudo a que tínhamos direito. Mamãe soube o que se sucedera no quarto.

– Eu vou subir e ver o pai de vocês. Vocês estão errados.

Ao descer, minutos depois, ela também chorava muito. Na sua idade, as emoções fortes poderiam lhe causar problemas de saúde.

Segundo mamãe, quando ela entrou no quarto, Jorge ainda estava implorando perdão, julgando que nos encontrávamos lá. Ele se pôs a chorar, tal uma criança, quando mamãe lhe disse que já tínhamos saído e que estava implorando para as paredes.

* * *

Na manhã seguinte, mamãe fez algo que reprovei: levou Lucas até o quarto do Coronel Jorge.

Segundo seu relato, Lucas perguntou curioso, quem era o senhor que estava na cama? Ela respondeu, emocionada, que era um amigo da família que estava doído e precisava muito de um abraço.

– Jorge meu querido, estou com o Lucas aqui do seu lado – avisou mamãe.

Coronel, ao saber que meu filho se encontrava no recinto, pediu para que chegasse mais perto. Colocou sua mão sobre a cabeça de Lucas e, em seguida, o abraçou forte. O neto que ele exigira que eu abortasse, finalmente, estava à sua frente. Emocionada, mamãe observava aquele encontro carregado de emoção. Antes de sair do quarto, ainda segundo mamãe, Lucas desejou que o amigo da família dormisse com os anjinhos. Pelo menos ela não disse ao Lucas quem era realmente aquele homem.

Meu filho retornou para o seu quarto e minha mãe voltou para ver seu marido, encontrando-o morto, com um sorriso sereno no rosto. Talvez tivesse sido a

emoção de ter sido abraçado pelo neto.

Morreu sozinho. Sem sua família ao seu lado. Ninguém o amava; exceto pela mamãe, acredito que não houvesse outra alma viva que nutrisse bons sentimentos pelo meu “pai”.

Capítulo X

Redenção e Arrependimento

Cidade de Pedro Afonso, Tocantins, 18 de agosto de 2050.

Agora, quem está deitada em uma cama sem poder se levantar sou eu. A idade chegou para mim. Com 70 anos de idade, eu poderia viver mais vinte anos, ou não.

O que me valeu foi ter formado esta linda família, que hoje está aqui à minha volta: meu filho Lucas com sua esposa e meus dois netos e uma neta. Relembro, amargurada, que foi algo que meu pai desejou tanto no final de sua vida e não obteve: ter seus filhos perto de si.

O que foi feita da minha juventude, com a tragédia que se abateu sobre mim, impedida pelo meu pai de viver plenamente o amor de minha vida? Ela foi interrompida no momento em que papai disparou aqueles tiros contra Luciano. Tristes, difíceis e amargurados foram os dias que se sucederam, a partir dali. Somente a alegria do sopro de uma nova vida para me fazer esquecer, parcialmente, a dor que passei a carregar na alma. Perdida em meus pensamentos, voltei a mim ao ouvir:

– Mamãe... Mamãe... Você está bem? Parou de falar, de repente...

Lucas está sentado em uma cadeira próxima de minha cama, com os olhos cheios de lágrimas. Com a minha narrativa repleta de detalhes, percebo que o envolvi em meu relato emocionado, fazendo com que revisitasse o meu passado. Bato com a mão direita, a que está livre do soro, na beira da cama, chamando-o para se sentar mais perto de mim. Ele me atende prontamente. Seguro em suas mãos:

– Seu pai nunca soube que eu estava grávida de você. Ele ficaria muito feliz em conhecer você e toda nossa família.

– Quero que a senhora descanse um pouco. Esforçou-se muito para contar sua história, minha mãe – diz, fazendo uma carícia suave em meu rosto.

Peço ao meu filho que pegue uma caixa em cima do guarda-roupa. Ele me atende, sabendo que vou repetir um ritual que mantenho ao longo dos últimos anos, por vezes mais de uma vez por semana. Contém as fotos minhas e Luciano juntos em sua casa, quando me fez a surpresa do jantar romântico. Eram as únicas imagens que eu tinha dele.

– Já mostrei várias vezes, não custa mostrar de novo. Vejam como ele era lindo.

As fotos passam de mão em mão, enquanto continuo a explicar que passei toda a minha vida com uma dor terrível no coração. Sofrimento intensificado no momento em que me defrontei com a morte do homem que amava. Com o passar dos anos, foi se transformando em uma dolorosa, mas doce nostalgia.

– Entretanto, o que quase me matou de arrependimento, durante vários momentos nessas últimas décadas, foi não ter perdoado meu pai em seu leito de morte – confesso, finalmente, sem pudor. Era algo que ocultara até de mim mesma, mas que, hoje, não mais se justifica.

– Mamãe, não se emocione. Descanse – me aconselha Lucas.

– Não, eu preciso desabafar. Esse foi o espinho em meu coração. Na hora, não pensava nas consequências, estava cheia de ódio. Papai morreu com os braços abertos, implorando pelo meu abraço e meu perdão. Alguns anos depois, passei a sentir um peso na consciência. Mesmo tendo sido vítima da ira e intransigência de Coronel Jorge, sofri muito por não ter atendido ao seu último desejo; não entendi na hora o quanto aquele perdão seria redentor para nós dois.

– A senhora já está começando a se emocionar. Pode prejudicar seu coração. Saiam: Anita, por favor, leve as crianças para fora do quarto e vamos deixar a vovó descansar – diz Lucas para as crianças. – Só vou trocar umas palavras finais com ela.

Mantenho as fotos próximas ao meu peito. Despeço-me de todos.

Quando estamos a sós, apenas o meu filho e eu, ele me fita com os olhos marejados. Ele está emocionado, tanto quanto eu. Pressentimos que são nossos últimos momentos juntos. A nossa pequena família, formada apenas por nós dois,

frutificou: agora há Anita, sua esposa, mais Breno, Bruno e Bárbara. São lindos os meus netos: Luciano ficaria orgulhoso de sua descendência!

– Mamãe, eu sei de tudo...

– O quê? Do que está falando, meu filho? – indago, respirando com dificuldade.

– Eu sempre soube de tudo isso. Que meu avô foi o responsável pela morte de meu pai, não é? E também sei que, por ele, eu nem existiria.

Aquela revelação tem o poder de me desarmar. Meu queixo treme, as palavras me fogem. Eu, que mantinha aquele segredo trancado por anos a fio, sem saber que Lucas já sabia de tudo...

– Eu fiquei sabendo através da vovó Adriana. Um pouco antes de ela morrer – Lucas continua, olhando com ternura para mim, enquanto retira uma mecha de cabelo que insiste em cair no meu olho. – Ela me disse que se não era possível você, como filha perdoar ao seu pai, queria saber se eu, como seu filho e neto do vovô Jorge, seria capaz de perdôá-lo por ter me privado da presença de um pai e por quase não ter nascido.

– Eu não acredito que mamãe fez isso! Ela não tinha o direito...

– Não, mamãe... Foi importante que ela tivesse me revelado isso. Pude, assim, começar a entender a sua dor, o seu silêncio. E admirá-la ainda mais, amá-la ainda mais.

– E o que respondeu Lucas?

– Disse do fundo do meu coração, que sim, perdoaria meu avô Jorge.

– Meu filho, você foi sábio – disse ao respirar profundamente.

Só queria te contar isso, antes de deixá-la. Durma agora mamãe, você precisa de um repouso.

* * *

Fico sozinha no meu quarto com a luz do abajur acesa. As palavras de meu filho, além de me desorientarem, têm a capacidade de me deixar ainda mais reflexiva. “Ele perdoou o avô... Ele perdoou o avô!”, repito para mim mesma, incrédula.

Aproximo as fotos de meus olhos cansados, examinando com atenção, novamente, as expressões felizes que Luciano e eu manifestamos nos olhares, capturadas naquele instantâneo: consigo recuperar naquela foto todas as promessas de amor, todas as esperanças, toda a fé num futuro pleno de amor, e até uma certa impetuosidade própria da juventude. Suspiro enternecida. Sem conseguir me conter, afloram aos meus lábios uma poesia que declamo, como Luciano tão facilmente sabia fazer:

*“Foi por ti que, num sonho de ventura, a flor da mocidade consumi.
E às primaveras digo adeus tão cedo. E na idade do amor envelheci!
Cinquenta anos! Derramei-os gota a gota num abismo de dor e esquecimento.
De fogosas visões nutri meu peito... Cinquenta anos!...
Não vivi um só momento!
Contudo, no passado uma esperança, tanto amor e ventura prometidos,
e uma virgem tão doce, tão divina,
nos meus sonhos junto a você adormecia.
E quantas vezes o luar tardio não viu nossos amores inocentes?
No suspirar, nos cânticos ardentes?
Eu sonhei tanto amor, tantas venturas, tantas noites de febre e de esperança!
Mas hoje o coração desbota, esfria, e do peito no táfio descansa!
Pálida sombra dos amores santos, passa, quando eu morrer, no meu jazigo;
Ajoelha-te ao luar e canta um pouco, e lá na morte eu sonharei contigo!”*

N.E (2) – pag:141.

Beijo as fotos longamente. Sinto como se Luciano me beijasse. Minhas lágrimas molham o papel. Aperto-as contra o peito e adormeço.

* * *

Desperto com fortes luzes ao meu redor e em todo o quarto. Aquela claridade me ofusca a visão. Chamo meu filho. Grito para que alguém me socorra. Mas

nenhum som audível sai de minha garganta. Parece que não me ouvem.

Surge à minha frente um túnel de luz. Uma sensação de calma e inexplicável paz toma conta de mim. Lentamente, um vulto surge no meio daquelas luzes, até se materializar na imagem de um ser humano. Olho mais atenta, e percebo que aquela silhueta me é familiar. Meu coração acelera.

– Luciano? – pergunto.

– Levante-se e venha até mim – diz.

– Não posso; tenho problemas nas pernas.

– Agora, você pode.

Esforço-me para me colocar em pé e constato que é verdade: eu consigo. “Eu não acredito, estou de pé!”

Que estranho! Consigo enxergar o meu corpo deitado sobre a cama, segurando as fotos sobre o peito e, ao mesmo tempo, vejo-me em pé.

– O que está acontecendo?

– Segure em minha mão e venha.

– Quem é você?

– Não me reconhece mais? – soa sua doce voz.

– Luciano, é você? – pergunto emocionada.

Seguro nas mãos daquele que acredito ser Luciano e, do nada, sinto-me desvanecer do quarto.

Num piscar de olhos, já não me encontro mais em meu aposento. Agora, estou entre as nuvens, subindo muito rápido, enquanto o ar incrivelmente fresco. Observo minhas mãos, que não estão mais enrugadas. Não sinto mais dores nas articulações e tampouco o peso de meu corpo, o cansaço foi embora. Uma sensação de liberdade incrível me domina, chegando a me inebriar.

– Finalmente, chegou o dia de nosso reencontro – diz Luciano, conduzindo-me em seus braços.

– Luciano! Então, eu...

Mas antes que consiga dizer qualquer coisa, olho para o meu lado direito e sou capturada pela visão deslumbrante de um lindo horizonte, com uma luz muito

forte no céu. Lembra o Sol, mas não é. Sua grandeza é superior ao do astro rei. É Glória e Poder de Deus que ilumina tudo ao meu redor. As garças voam por todos os lados. Várias delas pousam levemente ao nosso redor, como se nos recepcionassem para a nova vida de paz e felicidade que Deus nos reservou.

A partir deste instante, me calo, pois sei que palavras se tornam desnecessárias diante da certeza absoluta: tornamo-nos apenas uma alma... Uma alma gêmea!

* * *

Você me deu tudo o que eu quis;
Me fez o ser mais importante;
Se alegrou quando acertei;
E quando errei veio me ensinar;
Tudo o que eu sei aprendi com você;
Dos beijos aos toques mais suaves;
Você é tudo e agradeço por ter me amado;
E sempre viverá em mim;
Continuo a amar você;
Você foi a luz no túnel tão escuro;
Segurou em minhas mãos quando me perdi;
Você acreditou em mim;
Não me deixou cair um só momento;
Você sempre esteve ao meu lado;
Segurando minhas mãos como um anjo;
Tudo para mim foi eterno;
Pois Deus nos abençoava com amor;
Com você estava protegida;
Ao seu lado tinha paz e felicidade;
Você: O meu lindo tesouro.

Viu o quanto que te amo?
Por que você me deixou assim?
Estarei a pensar em ti;
Nos momentos alegres da vida;
Até em meus últimos dias;
Eu sou tudo o que sou;
Por que você me amou.

FIM